

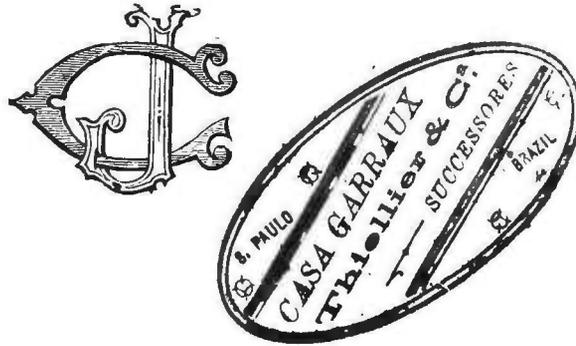


De Horacio de Cavallos

VIRGILIO VARZEA



MARES E CAMPOS



CUNHA & IRMÃO — EDITORES

116, rua de S. José, e rua da Quitanda, 24

CAPITAL FEDERAL

1895

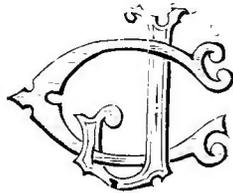
1
Companhia
Quilom. de "Lindoeira"

MARES E CAMPOS

VIRGILIO VARZEA



MARES E CAMPOS



GUNHA & IRMÃO — EDITORES

116, Rua de S. José, e rua da Quitanda, 24
CAPITAL FEDERAL

1895

AO MESTRE INCLYTO
EÇA DE QUEIROZ

O MESTRE DE RÊDES

I

— Ah ! é o inglez, o *Tagus* !

E a voz grossa e rouca rompeu do caminho, rente á praia, d'entre piteiras verdes, que lançavam ao céu, gloriosamente, do meio da *corbeille* das folhas, as longas hastes finas, lembrando grandes páos de bandeira n'algun chão de cidadella remota, abandonada á bcira d'agua, conquistada pela verdura espessa.

Então de um grupo palrador de pescadores e roceiros, que alli se juntavam sempre pelas manhãs de calmaria, quando fóra da faina das rêdes, alguns rapazes se ergueram, gritando :

— E' o *seu* Santos. Ahi vem elle. Está decidida a teima. . .

E um vulto baixo, reforçado, tismado, os cabellos alvejantes, appareceu, avançando, tropego, n'um movimento balançado de hombros, destacando vigorosamente no descampado da restinga, que se abria, ahi, n'um pequeno planalto gramoso, dominando toda a vasta bahia, daquelle lado do continente.

Desde muito, aquelles homens, alli reunidos ao amanhecer, esperando o signal dos vigias, discutiam com ardor, em phrases rudes, aggressivas, ás vezes

em conjuncto, e tumultuariamente, sobre cousas do mar, manobras de navegação, sobre navios que singravam—quando uma prôa alta de *steamer* apontou, além, na barra, toda negra, sob a neblina argentea. Deram-lhe um nome, mas alguns, obstinados, na presumpção de conhecer bem os “barcos”, discordaram, indiciaram outros e soltavam nomes em profusão, no enleamento da controversia, nomes estrangeiros, confusos e estropeados :

— E’ o *Finance*, o *Equateur*, o *Orénoque*, o *Potosi*...

Outros oppunham-se, protestavam :

— Que não ! Qual ! Aquelles elles conheciam bem. Não ! Não podia ser. Esse que alli vinha era da mala ingleza.

Até que afinal o João Bernardo, um pescador e proprietario de rêdes, considerado, que possuia o sangue calmo, e se conservara até alli calado, immovel e taciturno como sempre, sentindo-se irritado com “aquellas babuzeiras”, resolveu intervir :

— Que diabo estão vocês para ali a dizer ? Ninguem os entende. Deixem vir o *seu Santos*, que lidou no mar, lá por fóra. Elle é quem sabe... Ninguem como elle...

Os outros, então, satisfeitos da idéa, n’um alvo-roço, romperam :

— E’ verdade. O *seu Santos* é que vai decidir. Que homem ! conhecia os navios como as palmas das mãos. Conhecia-os ás leguas...

E estranhavam que o homem ainda não tivesse apparecido alli, no alto da restinga, onde era sempre o primeiro.

— Talvez estivesse dando a ultima na rêde do Porfirio, a que só faltavam os chumbeiros. Era um

tresmalhão de encher. Não havia segunda. Aquillo, lá fóra, ia matar muito peixe. . .

Mal tinham concluido, quando o velho, que de longe ouvira o berreiro e descortinara o vapor, assomou no alto, exclamando :

— Ah ! é o inglez, o *Tagus* !

Effectivamente era o *Tagus* que, agora, mostrava-se em todo o comprimento, monstruoso, bem em frente á restinga, as grossas chaminés fumegantes, approado para o fundo da bahia, mugindo poderosamente n'um tom vibrantissimo de *basso* profundo, chamando as lanchas da visita.

Aquella hora da manhã, nessa vespera de domingo, o sol enchia todo o céo com o seu velario de ouro. Do pequeno planalto avistava-se, aqui e além, todo o longo recorte da costa, n'uma desenhção muito nitida. Para um lado, ao Norte, destacando n'um relevo alteroso a Boa Viagem, branquejando ao alto a sua ermida, os morros da praia das Flechas e os *menhirs* de Icarahy, evocando saudosamente certos recantos pinturescos da Armórica, povoados de rochas druidicas. E a praia immensa, até ao Canto do Rio, resplandecia nos pannos cegantes das areias alvissimas. Para o outro lado, ao Sul, faiscando magnificientemente, como topasio e mica, os grandes lagos azues e dormentes do Sacco de S. Francisco e Juru-juba, onde começa a rudez do longo costão basaltico de Santa Cruz, com o seu perpetuo estendal de escomilha. E, estendendo-se em frente, a perder de vista, o mar, mauso, magestoso e profundo, achatando-se n'uma vastidão infinita.

II

O seu Santos é um velho marinheiro que rolou dezenas de annos no mar, ora em navios de véla, ora, mais modernamente, em paquetes, em viagens de longo curso, ou na pequena cabotagem.

De uma descendencia de pescadores e criado á beira-mar, onde nasceu, na curva branca e arenosa da pittoresca enseada de S. Francisco, bem tenro ainda começou a luctar contra as ondas, cruzando ao longo das praias, em pequenas canôas veleiras.

Embarcou, porém, pela primeira vez, para o mar alto, aos doze annos, n'um antigo patacho, o *Joven Princeza*. A viagem era para os Estados-Unidos, e, mettido o carregamento, o navio arrancou, uma manhã, por um ardente e dourado Janeiro. A' barra, quando o casco aprobeu para o Norte, com todo o panno ao vento, e o mar abriu-se n'uma vastidão infinita e deserta, para além, para além, e elle viu, pôpa a fóra, á distancia, ir pouco a pouco esmorecendo a cidade, as serras e a outra banda em frente, com a sua costa risonha, as curvas brancas das praias onde a sua infancia cantara e resplandecera — desceu-lhe uma immensa melancolia, uma nostalgia da familia, dos que deixara alli, e desatou a chorar sobre a borda, n'uma intensa saudade inexprimivel, que lhe apunhalava o peito. Mas a faina rija de bordo estancou, dentro em pouco, esses sentimentos, e elle voltou á sua tempera resistente, de menino affeito a trabalhos, no meio do rumor das manobras, sob o ranger da cordoalha sonora, nas amuradas balouçantes, que as vagas lambiam. Ao anoitecer, toda a longa costa saudosa perdera-se de vista, e o mar e o céu foram-se cobrindo ricamente de um setim azul-ferrete, onde

apontava, n'uma vasta rutilação profusa, a cravação palpitante das estrellas. . .

Foi nessa primeira viagem que conheceu todos os furores do oceano bravio, quasi perdendo a vida. Havia já tres semanas que o navio velejava feliz, desde que deixara o Rio. Porém, uma noite, n'um mar agitado e crivado de ilhas, chamado pelo capitão das Antilhas, um tufão de sudoeste cahiu de repente, sob uma trovoada sinistra. O patacho, a principio aguentou-se valentemente nas aguas, aos trancos, em meio dos vagalhões que o eobriam. Mas um mastaréo rebentou inesperadamente, n'uma rajada mais rija. Houve um clamor gigantesco de imprecações e gritos, e logo após, n'um tumulto dantesco, a submersão do navio... Toda a companhia, a bem dizer, pereccra, salvando-se apenas elle e dois companheiros, no fim de uma batalha tremenda, a que teriam de succumbir, si não fôra a passagem, no outro dia, de um lugar inglez, que ia para o Mississipi.

Voltara depois ao Brazil, continuando de novo a sua vida de embarcadico, na bohem'ia do mar, ora em navios de véla, ora a soldadas, por mez, em vapores.

Fôra tambem, durante muitos annos, botelciro, no trafico do porto, e igualmente empregara-se longamente na pescaria, quer fôra da barra, quer nas aguas da bahia.

Agora, já velho, com oitenta annos, é mestre de rêdes, guia todos na grande arte, e vive dessas pequenas parcelas que ainda lhe dá o mar.

A sua vida presente é madrugar, levantar-se ainda escuro, na disciplina de maritimo, aggravada pela insomnia de velho, tomar a sua boa caneca de café na cosinha, olhar a criação no terreiro e fazer algumas braças de rêde, logo ás primeiras horas do dia.

Sentado n'um mocho, no vão de uma janella, o cesto dos novellos de fio ao pé, as primeiras malhas presas de um prego, no portal, voltado para a luz, com o seu velho cachimbo nos beiços, fumegando e cuspidando, move continuamente a agulha de madeira com uma destreza de artista. E o bello tecido louro, eheirando a gravatá, alonga-se e avulta, de instante a instante, por uma multidão de laçadas que elle faz e arranca á malheira polida, ora vestindo-a, ora despindo-a de fios.

Em seguida, deixando o trabalho, encaminha-se para o mar, para o ponto costumado, um alto de restinga, de onde trilhos de cabra, feitos a pés, descem até á praia, em que canôas repousam, puxadas, humidecidas pela marezia.

D'ahi, desse alto, que é o seu dominio, o *Observatorio*, fumando e falando arrastadamente, nada lhe escapa, uma véla que passa, lanchinhas offegantes, passaros, a côr do mar, das nuvens, os longes neblinosos e vagos.

Em volta delle reuñem-se logo os pescadores e roceiros vadios, para lhe ouvirem as pittorescas historias de viagens e os bons conselhos sobre a navegação e as pescarias. Porque o Mestre de Rêdes é infallivel no prognostico do tempo e faz previsões de dous a tres dias. Quando alguem quer fazer com segurança uma viagem, consulta-o como a um oraculo. O velho responde convictamente, peremptoriamente :

—Póde ir á cidade, tem quatro horas ; antes disso o tempo não cac.

E' de admiravel exactidão em cousas maritimas. Conhece bom numero de paragens littoraes do globo, e retém no espirito, em desenhos vivos e nitidos, paizagens e marinhas encantadoras de varios paizes

e de toda a costa do Brazil até o Maranhão. As aguas e o littoral rendilhado da bahia do Rio não têm para elle um só ponto desconhecido, desde as enseadas, os canaes, até ás ilhas e os rios. De longe, de um só golpe de vista, assiguala os logares, caracteriza-os, estabelece a distancia. Nunca se engana.

Mas a nota mais viva, frisante, característica, do Mestre de Rêdes, é o pendor, a obstinação pela critica, em materia da grande arte nautica e em todas as cousas. Tem a observação pessimista para a universalidade do existente, um pessimismo de velho, de professional antigo, julgando a sua época e a sua pessoa superiores á actualidade. E' incoercivel e inexoravel na analyse universal, sempre descontente, ralhando sempre, na sinceridade da sua nobre paixão candida, na despreocupação da sua alma simples.

E exerce a critica longamente, constantemente, a proposito de tudo, de um modo infinito.

Ora é um escaler que passa, cantando nas toleiteiras :

—Não vac lá nem em duas horas; vão esfregando, vão esfregando... Olha o sebo nesse patilhão e nessa quilha !

Se um bote corre á vela :— “ Nem bolinar já sabem ! ” ; ou um vapor singra para a barra :— “ Chega-te bem ao costão e o resto saberás... ” E firmando a vista :— “ Não conheço o casco, mas é francez, é dos novos. ” E franze ironicamente os hombros, porque tem um desdem pelos novos. Todo o dia vive fallando para si, resmungando, resmoendo as proprias criticas...

Os navios velhos, os conhecidos, são uma boa amizade, e mirando amorosamente o *Trent* :— “ E' um passaro, um espadagão. Vejam aquellas sahidas

d'agna. Aquillo, nem um peixe !” Porque, para elle, os navios possuem um caracter e vida espiritual.

O Mestre de Rêdes, o Santos, é de um aspecto agradável, sadio: a barba e os longos cabellos cobertos da neblina, da cerração da velhice. A sua larga physionomia, de uma estrutura leonina, attrae pela rudeza veneranda das linhas, a pelle dourada pelo sol dos tombadilhos, enrugada, pelancosa pela idade. Tem os olhos apagados, ennevoados, dos maritimos velhos, mas cheios ainda de acuidade. E a longa boeca rasgada, de labios finos, dá ainda uma idéa da sua antiga e poderosa energia de lobo do mar.

Possue numerosa familia, filhas casadas, solteironas, que traballham por si, lavando e engommando para fóra, como mouras; elle pouco póde dar. Mas é extremoso por algumas e adora os netos, principalmente um dellas, que fez crear em casa, o João.

Apezar de velho, cansado, as pernas tropegas e os braços delgados pela atrophia dos musculos, atira-se ainda algumas vezes ao mar, correndo á véla, guiando da pôpa as rêdes, ou patroando uma grande canôa que vae, de tempos a tempos, carregar na Capital para uma venda da Jurujuba.

E é do mar que ainda lhe vem a vida, sendo o pequeno alto, o *Observatorio*, o sen governo, de onde domina as praias, as canôas, os pescadores e os peixes, na actividade dos vigias.

III

No meio da alegre algazarra dos pescadores e roceiros, *companheiros* de rêdes, o Santos foi sentar-se, como de costume, á sombra de umas velhas aroeiras

que dominam, a um canto, o *Observatorio*, com os seus rijos troncos torcidos pelo vento, as suas ramas finas, cobertas de continhas de lacre como gottas de sangue vivo. De um lado, touceiras de cardos, gravatás e ananazes do matto expõem os seus seios hostis, armados em guerra, como sabres agudos e denteados, e clavas antigas, erriçadas de pontas, numa ferocidade aggressiva e aspera ao meio ambiente. E, em toda a extensão da praia, a restinga, unida, de uma só altura, cuidadosamente aparada, por cima, pelo vento, como uma cerca colossal de jardim antigo, classico, torturada, alinhada pelo decote da cultura, no tempo de Luiz XIV.

E por instantes, os olhos claros e pequeninos do Mestre de Rêdes, ficaram parados, luminosamente embebidos na sumptuosidade augusta e na magestade serena da bahia.

Era pelo meio dia. O sol, no zenith, vertia a luz a prumo. Pairava no ar morno uma poeirada diamantina. Perto, a praia de Icarahy debruava a agua azul com a sua larga barra de giz. Em baixo do Canto do Rio, sobre as rochas alagadas, o marulho, o arfar continuo da maré-viva. Dilatando os pulmões, o aroma salubre da costa, mixto de alcatrão, musgo e algas marinhas, nas primeiras lufadas da brisa.

Então o velho gritou para os homens :

—Olha a viração ahi. Que bello dia para um bordejo !

Todos concordaram, n'uma alegria :

—E' verdade, bello dia p'ra uma corrida !

E desviando os olhos, o Mestre de Rêdes pousou-os proximo, na longa faixa da praia faiscante, onde uma saia de chita vermelha perseguia uns rapazinhos. E reconhecendo-a :

—Lá anda a Constança ás voltas com os filhos, uns demonios, que a martyrisavam com toda a sorte de tropelias ! Garotos, não trabalhavam, não iam á escola, só sabiam vadiar pelos caminhos. É a mãe que se escanzurrasse, a mourçar noite e dia. Também desde que lhe morrera o marido que era aquella lida, pobresinha !

Os outros voltaram-se a olhar a Constança, que se occultava agora no sopé da restinga, bradando n'uma voz chorosa, irada, muito afflicta :

—Oh estupores ! oh malditos !

Mas um ruido breve e secco de tamancos rebentou na estrada que atravessava o alto para o lado do Sacco de S. Francisco.

E uma rapariga magnifica appareceu, vestida de elita em casa, toda rubra do sol, com o preteneioso de um samburásinho na mão. Era a filha do Rego, uma morena carnuda, de amplos quadris, seios turgidos, virgens, cara larga, poderosa. Parecia um encanto, nas suas vestes simples, roliça e appetitosa ante o olhar acceso da matutada.

Ao approximar-se do *Observatorio*, eolheu-a, festejando-a, uma graçola paternal e petulante do velho :

—Oh Marica ! oh feitiço !

—Mamãe está doente, *seu Santos*.

—De que ? fez o velho.

—Da maldita. Aquillo não a deixa mais...

E passou, na luz forte, na exuberancia das suas carnes juvenis, feundas, deixando no ar uma subleção de desejos...

O Mestre de Rêdes voltou de novo a contemplar o mar, quando de repente avistou um bote apontando na altura da Boa Viagem.

Vinha fazendo bordadas na linha do vento, em direcção á Jurujuba. Mas manobrava mal, muito metido, carregado de gente. E, por vezes, nas viradas, as anaretas mais altas, embatendo de pôpa, alagavam-o.

No entanto, as vagas cresciam, espumavam. O vento, na ponta, dava de rajadas. O latino do bote, muito alto e caçado, vergava, e o casco esguiu adornava de todo, deitando a borda n'agua.

O Mestre de Rêdes ergueu-se, sem perdê-lo do olhar. Os outros, também de pé, cercavam-o, attentos, fixando o mar.

A embarcação agora, na volta de terra, affogava-se n'uma bolina escassa. Governava mal, ás guinadas, e, por instantes, n'um risco, viu-se-lhe de fóra o fundo alcatroado.

O Mestre, então, exclamou :

—Nem sabem dar uns bordos ; já mostraram duas vezes a quilha !

E á proporção que o bote approximava-se :

—O bote vira, o bote vira, o bote não aguenta aquelle panno ! E' chegar á ponta e está virado !

Nesse instante, o bote, em cheio na rajada, voava n'um turbilhão de espuma. De repente o latino desapareceu nas aguas...

O Santos saltou, e n'uma autoridade :

—O' gente, vamos lá, vamos ver isso !

E descendo tropegamente um dos trilhos de cabra do *Observatorio*, com os remadores das rêdes, tomou uma canôa de vóga que estava puxada na praia, e, em multiplicadas remadas nervosas, chegaram á ponta, quando já o bote palpitava vencido, adornado de um lado, vasio de passageiros.

A um signal do Mestre, os homens lançaram-se ao mar, e, suffocados, bufando, cuspiendo grosso a

agua salgada, iam tirando os naufragos, já desacordados, sob o commentario faceto do velho :

—Escaparam de boas, escaparam !

Assim retornaram á praia, n'um total salvamento, com o casco virado a reboque.

E quando, depois de despertos, os passageiros rolavam já n'um carro em direcção a S. Domingos, o Santos, do alto do *Observatorio*, cercado de povo, que electricamente viera saber, ver, se possível fosse, o desastre, as novidades, bramava :

—Não ha mais policia ! O que esses marinheiros do bote precisavam, era de uma boa cadeia e muita chibata para cima daquelles lombos !...

A tarde fenecia melancolicamente, na serenidade espiritual de um poente do Norte, coando-se por um vitral gigantesco de egreja. No alto, o Azul, empallidido e saudoso, parecia feito deliciosamente da seda murcha e gloriosa de um antigo velario. Toda a linha recortada da costa começava a esbater-se docemente n'uma sombra azulada. O vento forte do largo extinguia-se, amainava pouco a pouco, em bafejos exaustos. E o mar, o vasto mar poderoso e profundo, reluzia olympicamente, para além, para além, n'uma pulverisação rôxa e sanguinea de occaso.

O MÓLHO DE LENHA

A ARARIPE JUNIOR

Desde meia tarde que o Manuel Felismino batia o campo atraz do *Russilho*, um bello animal que trocara, havia semanas, nas Aranhas, pelo seu *Alazão*. Em camisa, chapéo de palha á nuca, calças arregaçadas, uma corda de embira no braço, e n'uma das mãos um punhado de milho verde, que agitava para os animaes pastando, pereorrera tudo em balde para os lados de baixo—o rio do Braz, a tiririca, as piçarras. Tomava para cima, em direitura ás Coivaras quando avistou tres cavallo galopando ao longe para a banda dos Morretes, parecendo-lhe um delles o *Russilho*.

Botou-se a toda disparada, gritando :

—Tome ! tome !... Tome ! tome !...

Da roça do Juca Isidro, porém, aviston já os animaes cortando, a passo, para as picadas, e, atravessando o caminho do Salvador, foi ataca-os junto ao capão do meio. Corria como um desesperado, quando de repente metteu um estrepe no pé, que o fez estacar, n'um berro de dôr.

Os cavallo então, n'uma desfilada, ganharam o Campo da Corôa, desapparecendo por entre as grandes macéguas de rinchão.

O Manuel, todo coxo, sem poder firmar-se sobre o calcanhar ferido, arrastou-se penosamente para um velho tronco de arvore que encontrou. Em seguida, cruzando uma das pernas, com a ponta da faca que trazia á cinta começou a extrahir, desgeitosamente, magoando-se, a lasca aguda de páu. Mas, n'uma pressa e nervoso, vendo que não pegaria mais o cavallo, quando tinha de ir sem falta á eidade pela madrugada, praguejava furioso, e seus dedos grossos e calosos tremiam, retardando a operação.

—Agora, ficava ainda a farinha por vender ! reflectia. E tão necessitado que estava ! Só pelo diabo ! Mal andara em se desfazer do *Alazão*, ao menos não saltava cercas, como aquella peste do *Russilho*, que não parava no pasto... Todas as noites era aquillo, desde que o trocara...

E continuava a esfuracar o calcanhar, dolorosamente, com um manejo pesado e aspero de operador rude, quando lhe arrebatou a attenção uma vaga algazarra erguendo-se dentro do matto. Deteve-se, escutando. De instante a instante, risadas limpidas, frescas, crystalinas, esfuziavam, esparsas, no seio occulto das ramagens. De repente cessavam, e só se ouvia o ramalhar das folhas ás rajadas do vento. Depois voltavam, entrecortadas de gritinhos vivos, alegres como um trinar de passaros. De novo emmudeciam, e havia então um continuo e sonoro quebrar de galhos seccos...

De cabeça erguida, investigando as sébes espessas, cereando o pequeno descampado, a ver se descortinava alguem, o Manuel murmurou :

—Ah! são as raparigas que andam á lenha. Talvez vissem passar os cavalloos...

Inclinando de novo o pescoço, apressava-se, ás voltas com o pé, já sangrando, sob o escarafunchamento brutal da lanina d'aço, brandida rudemente. E de subito, arrancando o estrepe coberto de sangue, que arrojou para longe, exclamou n'um allivio, respirando alto :

—Arre ! vai-te, estupôr !

Ergueu-se, proeurando alguma cousa para envolver a ferida, de onde sahia um filete de zarcão, e dando com umas folhas de mamona á beira do matto, entre uns cipós finos, como barbante, enrolou cuidadosamente o pé, experimentando-o sobre o chão. E, tomando a corda e as folhas de milho que atirara á grama, internou-se por entre as ramarias. Mas as raparigas já estavam longe, porque elle não as encontrou, nem as ouviu mais...

Varejada toda a matta, cahiu na planicie immensa, do outro lado, onde o campo tem uma amplitude de oceano.

O sol, no poente, barrava o céu de lacre. E para cima, o Azul, arqueando-se magnificamente sobre os campos, tinha uma nitidez immaculada. Ao Norte e ao Sul, as montanhas, recortando-se no horisonte de uma côr esmaecida e saudosa de esmeralda, retinham ainda, sobre as altas encostas, angulos louros de luz, lembrando uma terra de milho maduro. Em baixo, o gado agglomerava-se, aqui e alli, sob as grandes arvores isoladas, ou junto ás orlas dos capões, erguendo-se como ilhas, em jactos collossaes de folhas, no meio da planura verde. N'um recanto além, para onde o campo abre, o mar, muito manso, com um clarão baço de espelho. Entre o mar e a planicie, os cômoros, em linhas parallelas, como gigantescos cordões de giz. Ao longe, na estrada da Cachocira, um

carro chiando monotonamente, carregado de lenha. E, cortando o ar, para as bandas da Rua Velha, o som doce e melancolico de uma *cantiga*.

O rapaz quedou-se, um momento, a contemplar o campo, n'uma immensa nostalgia, sob o crepusculo golfando sangue. Lá ao longe, uma manada de cavallos seguia lentamente para o Campo da Corôa. Então metteu-se de novo a caminho, costeando o matto da Caeira, que percorria toda a frente do campo, do lado da freguezia.

Mas, muito preocupado com as raparigas, pois lhe viera de repente á lembrança a Chiquinha Dutra, por quem era louco, e que de certo andava tambem entre ellas, parecia sentir, de vez em quando, como um meigo rumor de risadas. Parava por instantes, mas só ouvia o ciciar queixoso da aragem nas folhas. Depois punha-se de novo a toda, com o seu *tome!* *tome!* vibrante.

Ao chegar á estrada real, cortando a matta para o interior desde o littoral, estacou de chofre, porquanto a manada tomara outra direcção, e elle ouvia, agora, distinctamente, para os lados de cima, estalarem as risadas.

Eram as raparigas retirando, com os seus mólhos de lenha—as filhas do Manuel Bernardino, a Chiquinha Dutra e as da Luiza Théa. Tinham ouvido a voz d'elle atravessando o campo, e como estavam sósinhas, temendo a presença de um homem, sob as sébes fechadas, sabiram logo para a estrada. Mas a Chiquinha ficara ainda lá dentro, n'um pastinho, a amarrar o seu mólho, e ellas, inquietas, muito assustadas, com vontade de correr, entraram a chamar :

—Oh Chiquinha ! Oh Chiquinha ! Anda d'ahi !

Olha que ali vem o Manuel Felismino ! Corre, mulher, senão elle nos apanha...

E sentiam, avançando sempre para ellas, ao longo da estrada, aquelle grito continuo, dolente e saudoso, como um chamamento em vão :

— Tome ! tome !... Tome ! tome !...

Mas a outra tardava, e as raparigas entreolhavam-se incessantemente, afflictas, os olhos muito abertos, accessos de temor, esquadrinhando a encruzilhada lá em baixo, de onde lhes parecia ir irromper, de subito, o vulto grosso e possante do rapaz.

A Chiquinha, dentro do matto, conhecera tambem a voz do Manuel vibrando ao longe, e ficara de repente nervosa, attonita. Espavorida, n'uma atarantação, não conseguia atar o mólho, porque as achas, reunidas á pressa, atabalhoadamente, fugiam, espalhando-se, sob os seus dedos tremulos.

Quando ouviu os chamados das amigas, teve um desatino, e, sem poder mais amarrar a rebelde lenha, abarcou o feixe inteiro com os braços, e, n'um ultimo esforço precipitado, deitando-o ás costas, largou a correr. Mas, desorientada, cheia de perturbação, em vez de tomar para a estrada, enfiou pelo carreiro da Estiva, e nunca mais encontrou as outras, que, sem a ouvirem, e desconfiadas da tardança, já haviam rompido a caminhar a toda.

O Manuel Felismino, não ouvindo mais as risadas, detivéra a marcha junto a uma grande figueira, que sombreava a estrada com a sua linda e gigantesca umbella verde de folhas. Ahi poz-se a considerar para que lado teriam tomado as raparigas, quando se lembrou de repente de ir até á Estiva. Talvez andassem por lá !

Antes de retomar o caminho, porém, para não

dar mais passadas em vão, resolveu subir á arvore, de cujo cimo se descortinava tudo para aquellas bandas. E mal galgara os primeiros galhos, plainando já acima dos arbustos em torno, o pasto da Roça de Baixo se lhe estendera á vista, muito verde ainda, á luz fria e cinzenta da tarde.

Então, esticando-se todo para a frente, agarrado á extremidade de um ramo, lançou um olhar para além, envolvendo a paisagem inteira na sua grande visão. De repente, viu surgir na fita branca de um carreiro uma saia de chita vermelha, cujo corpete desaparecia sob um mólho de lenha. E fixando o vulto por instantes, exclamou ruidosamente :

—A Chiquinha! A Chiquinha!

E, atirado-se pelo tronco abaixo, rompeu a correr naquella direcção.

A rapariga, agora, morta de cansaço, as pernas tremulas, as costas a doerem-lhe, parara esbaforida. Sentara-se, offegante, sobre a lenha que arrojara ao chão, olhando a crescente sombra invadindo os massiços de folhagem e a superficie reluzente de um banhado ao pé, onde parecia ficarem congelados, n'uma placa polida d'estanho, os ultimos clarões do poente... Mas a agitação em que estava e os sustos continuos, com a ameaça aterradora da noite a cair, levariam-n'a logo a erguer-se. Tentava juntar de novo a lenha, que se esparramara sobre o capim, quando sentiu um rumor forte nas folhas.

E, com um brilho louco nos olhos, espavorida, desvairada, deitou a fugir, abandonando tudo, rasgando-se e arranhando-se toda pelas sêbes do caminho. Corria n'uma allucinação, como perseguida, os cabellos no ar, aos gritos...

Ao varar a Estiva, o Manuel já não a viu mais,

encontrando unicamente o mólho de lenha, abandonado no chão. Tremia também, agora, ouvindo a repercussão nostálgica daquelles gritos, ecôando pelas mattas, abalando, perturbando a doçura melancólica das *Ave-Marias*. Receiava que fossem ouvidos lá em cima, na freguezia. E timidamente, n'um temor ingenuo de alma casta e primitiva, arrependido de ter seguido a rapariga—teve subitamente um movimento de fuga, com medo de que algem acudisse. Mas vendo o mólho de lenha alli, de rôjo sobre as hervas, susteve-se, reflectindo.

E, enternecido, pensava na falta que aquella lenha faria na casa da tia Sebastiana, a mãe da Chiquiulha, que quasi não se podia mover, paralytica das pernas, havia annos, n'uma viuvez desolada. A filha é que lhe fazia tudo, com a sua robustez de novilha—plantava a roça, acarretava a agua e a lenha, desde menina, n'uma tarefa penosissima, sempre alegre, entretanto, com o seu lindo rosto rosado e os captivantes olhos magnificos.

—Mas a culpa era della! exclamava, n'uma emoção intima, os olhos rasos de agua. Sempre a fugir delle, a arisca! Nunca se vira uma coisa assim! Havia quasi um anno que era aquillo! Elle sempre a affagal-a, a seguil-a, n'uma ternura de cão; ella sempre a repellil-o, com um desprezo esmagador! Já n'outro dia, na fonte, quando se lhe approximara, pedindo-lhe que o ouvisse, porque já não podia mais—voltara-lhe as costas desdenhosamente, fugindo! Uma noite, no engenho do Marcellino, brincando o *Tempo-será*, despedira se só porque elle apparecera! Ah! era horrivel! Mas elle ia mostrar-lhe agora o mal que lhe queria...

Então, amarrando a lenha e pegando-a ás costas, começou a caminhar. Muito feliz, com aquella carga

amada, onde ella deixara o perfume das suas carnes virgens, que sorvia arrebatado, rompeu a cantar...

Anoitecia. Os fios de alfinete das estrellas começavam a reluzir, côr de prata, no céu negro e macio. Na encosta escura, aqui e além, lumes ardiam, nostalgicamente, entre a verdura. E pelas moitas altas da estrada, o cri-cri fino e metálico dos grillos.

Chegando ao terreiro, o Manuel, sem ser apresentado, atravessou para os fundos, indo depositar a lenha de encontro á parede da cozinha, onde flamejava o brazeiro. Por uma fresta, lobrigou a Chiquinha fazendo a ceia, agachada no chão, junto ás chamas vermelhas, enquanto a mãe, muito magra e nodosa como uma velha palmeira, cruzada sobre um roto pedaço de esteira, fiava o gravatá, rodando dextramente o fuso nos dedos. Allí ficou longas horas, a olhar ternamente aquelle recanto de lar, doce e humilde, ao qual queria bem pertencer...

No outro dia, pela manhã, a Chiquinha Dutra teve uma grande surpresa, ao deparar com o mólho de lenha no terreiro. Calculou logo que tinha sido o Manuel, e, pela vez primeira, ficou pensativa, n'um enternecimento, n'um enlevo, invocando o nome d'elle. Perdia-se n'um tropel de recordações... Via-o, pela imaginação, approximar-se della, terno, sincero e bom, implorando-lhe ansiosamente o seu amor, n'uma voz meiga e tremula, acariciadora, como no dia em que lhe appareceu junto ás pedras da fonte. Mas já não fugia, fascinada e tonta, presa á luz viva dos seus olhos penetrando-lhe o coração...

E concluiu, meigamente, n'uma grande piedade, os olhos cheios de pranto :

—Que devia corresponder-lhe... Sim! correspon-

der-lhe, entregando-lhe a sua alma ! E ser só delle, devotadamente, e para sempre !...

E, intensamente abalada por essas reflexões, na emoção profundissima do seu primeiro affecto, entrou em casa soluçando...

D'ahi por diante, todas as tardes, quando elle passava da rêde, ia esperal-o á porteira, sob a fronde das velhas laranjeiras murmurosas, á hora em que o sol cahe no occaso, ao reluzir das primeiras estrellas...

A PESCA DAS TAINHAS

A MANOEL GURVELLO

I

Do lado de Léste, do mais alto cabeço da penedra, o vigia rompera a acenar com a sua camisola vermelha.

Era um magóte de tainhas que negrejára ao longe, á superficie do mar verde, caminhando na direcção de terra.

No rancho do Amaro, a muitas braças distante, estavam as duas canôas grandes, carregadas de rêdes, puxadas de pôpa até meia praia, sobre grossos rôlos enormes, com as suas prôas finas e alterosas de gondolas, que cortam as vagas iradas. Voltadas para o mar, na maré que subia, ás vezes arrancavam por si mesmas, investindo contra o oceano, na arrebentação espumosa.

Então os tripolantes, camaradas e ajudantes das rêdes, que se achavam deitados, á espera que o peixe apparecesse, fumando e palrando á sombra do rancho que o vento do mar refrescava, acudiam correndo, atirando-se ás ondas revoltas que os engoliam até á cintura, e voltavam com ellas de rastos, praia acima, seguras pelas toleteiras e bancos, todos curvos e rubros naquella rude applicação muscular.

De repente, o Delfino, um dos proprietários das rêdes, que estava de pé sobre um cômodo, a fixar o mar e varios pontos da costa, com os seus olhos de grande visão, deparou com a enorme manta de peixe, ao mesmo tempo que déra com o signal do vigia, e, no atabalhoamento constante de nervoso, os braços no ar, botou-se a toda para o rancho, a gritar :

— Lá estão abanando ! Lá estão abanando ! Repontou agora, na altura dos Ganchos, uma manta de peixe que é um Deus nos acuda ! Corram ! Olha as canôas que larguem... Depressa !

Todos se ergueram á uma, olhando o mar, com as mãos arqueadas sobre os olhos. Gritos estrugiam por todos os lados :

— E' verdade, que alentada que era, Nossa Senhora ! Nunca se vira tanto peixe assim ! Eram para mais de cem mil ! Aquillo ia coalhar tudo...

Além, de pé, sobre a rocha alta, o vigia continuava a acenar.

As canôas largaram immediatamente para as bandas da Ilhota, afogadas em rôlos de espuma que rebentavam ruidosamente á prôa, levantando-as no ar.

O pessoal das rêdes deitou a correr por terra, abanando tambem.

O peixe vinha pouco a pouco acostando, entre a ponta do Rapa e as Feiticeiras.

Ahi as canôas aportaram por instantes, largaram em terra o calão, que um camarada segurou logo e fizeram-se ao largo, contornando por fóra, em perpendicular á praia, o magote inteiro, agora mais conglobado na volta da esplendida enseada.

A' proporção que se afastavam as canôas, o patrão, á pópa, ia dando cabo, e a bêta negra se

desenrolava, o chicote em terra e o seio a riscar as águas balançantes.

Depois, lá fóra, além, as embarcações descreveram uma doce curva em direcção ao Canto das Pedras, e as cortiças redondas começaram a fluctuar, espaçadas na tralha, como um cordão de enigmaticas reticencias, que os vagalhões sacudiam e desalinhavam no dorso monstruoso e brutal.

As canôas aportaram de novo, vasia, todas alagadas das invasoras ondas hostis, conduzindo a outra ponta da bêta, que deixava sobre o mar a fórma gigantesca de uma ferradura.

Naquelle dia era o primeiro lanço que davam.

Os ajudantes e camaradas, arruinados em duas turmas, uma em cada ponta do cabo, entraram a puxar as rédes em fila, a uni de fundo, com os pés fíncados no chão, caminhando de costas, n'um esforço lento e poderoso de bois de canga, como se estivessem a arrancar alguma pesada, invisivel riqueza do fundo torvo do mar.

Aquelles homens pareciam trabalhar esterilmente, porquanto o serviço não avultava senão em rôlos infíndaveis de cabo, que rapazinhos arranjavam aqui e allí, por sobre a faixa branca da praia.

Mas o enorme disco preto de ferradura diminuia aos poucos, e as cortiças balançantes se approximavam mais...

II

Era em Junho, um domingo de tarde. No alto, o céu limpido e azulado arqueava-se, n'uma translucidez magnífica. A' margem das estradas arenosas e brancas, os colleiros dobravam nas ramagens altas,

Sopravam meigamente leves aragens do Norte, calidas ainda n'este começo do inverno.

Os cafezacs tufados cercam as casas de basta verdura carinhosa, e os laranjaes estrellados de fructos de ouro murmurejam e lançam perfumes capitosos, que enlanguescem as lindas raparigas alegres, que perpassam, aos grupos, facciras e de mãos enlaçadas, convidando-as a amar, pelos caminhos agrestes.

Os campos de Cannasvieiras verdejam e criam, com os seus altos capões de matto, banhados de sol, adormecidos e cheios de silencio, n'uma paz luminosa.

As filhas do Amaro, conforme haviam combinado, pela manhã, na missa, com as primas da Cachoeira, estavam já á espera, sentadas no paredão do terreiro, com os seus paletots brancos bordados, os vestidos de chita em cassa e fitas azues no cabello.

Iam até á praia vêr as rêdes cercar, porque o dia estava admiravel. Tinham-se juntado as duas rêdes, a do pai e a do Delfino, da Varzea de Baixo.

Depois o Justino, o primo da cidade, o filho da tia Josephina, havia chegado na vespera á noite, junto com uns moços, para o baptisado do filho do Chico Abreu, e segundo tinha dito, na egreja, talvez fosse até á praia, de tarde, com os companheiros, que desejavam assistir ao lancear das rêdes.

E as duas moças tinham ferrado logo namoro com dous dos rapazes, apezar de uma dellas, a Cândoca, achar-se compromettida com o Zé Souza, um rapaz moreno e robusto, que era patrão das rêdes.

Elles já tinham passado, os rapazes, pois que a Rosa do Albino os avistára lá do morro, quando fôra mudar a vacca.

As primas chegaram d'ahi a instantes. Mas antes mesmo de se beijarem, as outras, que estavam inquietas, romperam logo a se queixar da tardança :

— Ave-Maria, que tempo levaram ! Já pensavam que não vinham ! Tanta demora ! O que tinham feito até áquella hora, as preguiçosas ?...

As primas atalharam logo, sorrindo :

— Cruzes, mulheres ! Que impaciencia ! Pois a que horas queriam que viessem ? Aquillo tambem não era sangria desatada...

E todas juntas desceram a escadinha de pedra, apressadas, a cochixar ao ouvido umas das outras, com risadinhas sonoras. Tomaram á direita, muito alegres, pela estrada a fóra, com as fitas ao vento, em uma palração animada.

Homens a cavallo, vindos de longe, das Aranhas, do Inglez e das Capivaras, passavam por ellas, dando-lhes "boas tardes", trotando.

Não respondiam quasi, gracejantes, tolhidas por ondas de riso torrencial, zombeteiro e crystalino riso perenne e roceiro das moças em bando.

E proseguiam, enchendo o caminho de gorgeios e sonoridades ineffáveis, a se beliscarem entre si, aos empurrões e aos saltos, sentando-se ás vezes na areia clara para repousar por instantes, outras disparando loucamente, n'uma inquieta expansão adoravel.

Assim chegaram á praia.

O sol ia rolando no poente dourado. A praia branca faísca e um canto de mar reluz phantasticamente, coalhado de ouro, com intensas espelhações côr de braza.

III

Os camaradas, os ajudantes das rêdes colhiam, agora, com um admiravel trabalho de destreza, as primeiras malhas.

O peixe, então, sentindo-se em secco, entrou a saltar, aos milhares, com relampagos côr de prata, indo cahir do outro lado da tralha, com um ruido de mãos cheias de pedras arremessadas á agua. Cavalheiros, homens a pé, mulheres, crianças, affluíam, correndo de toda a parte.

E o peixe começou a alastrar a praia, n'uma onda viva e colossal de corpos fulgurantes, torneados, polidos, como formados de aço, a se debater, aos roncões, em uma angustia e convulsão de morte, as boccas abertas, offegantes, como exhalando almas.

Eram tainhas do corso, de mais de meio metro, lançadas alli aos milhares, de barriga argentea e dorso verde-negro, a cabeça alentada, a chicotear tremulamente, com as escamosas caudas de prata, o pé alvo, granulado da areia.

As rêdes rojavam agora em desordem, naquelle pedaço da costa, com o seu esburacado tecido de malhas, á maneira de velhas bambinelas rasgadas, sacudidas á babugem e lixaria das praias.

Mas os remadores das canôas volveram logo a cuidar das rêdes, lavando-as e embarcando-as com prodigiosa actividade, emquanto o resto do pessoal pegava as tainhas no laga-mar e saccudia-as ao alto da praia, contando-as aos pares, n'um enorme montão que augmentava.

— Cem mil ! gritou o Zé Souza, erguendo-se e mandando botar para baixo a canôa que patroava.

As filhas do Amaro e as primas olhavam, de cima de um cômodo, falando alegremente, ao lado do Justino e dos outros rapazes, que commentavam com admiração o prodigioso lanço. Filhos da cidade, assistiam, pela primeira vez, encantados, áquelle bellissimo espectáculo.

Só o Justino, que alli nascera e alli se creara até os quatorze annos, havendo capinado, outr'ora, a sua terra e puxado a sua rêde e o seu carro, e que, não fazia muito tempo, deixara o sitio para se ir empregar na cidade — achava aquillo pouco interessante e agradavel. Comtudo, ás vezes, nos momentos de desanimo, que de saudades ! dizia.

Os outros affirmavam que aquella vida era incomparavel, não havia melhor. E diziam querer envelhecer e morrer, serenos e cheios de paz, em um sitio como aquelle, com uma rêde de pesca, uma roça, um cavallo de montaria, uma junta de bois e um carro, n'uma casinha branca, com o engenho da farinha ao lado, entre pomares, ouvindo os sabiás cantar nas laranjeiras em flôr.

As moças riam, replicavam :

— Qual ! Era o que elles diziam. Não havia nada que se comparasse á cidade. Aquillo era um deserto, cheio de tristeza e miseria. Nem bailes havia ! nem festas ! nem procissões ! nem nada ! Bem podiam dizer, que alli passavam a vida...

Mas o Zé Souza déra com ellas e ficára a espreitar um bocado, surprehendido, por trás de uns cavalleiros apeados — roido de ciume, com uma palpação repentina e relampagos de ira no olhar.

Já desde a vespera, á noite, em casa do tio Amaro, na varanda, quando chegara e encontrara aquelles *pacholas*, tinha notado que a Candóca

não tirava os olhos de um delles. Marcava bem o sujeitinho, muito disfarçado, a rir e a contar proesas. Aborrecido, quizera-o rebentar a murros, logo á sahida de casa, mas não o fizera por attenção ao Justino, que era seu amigo, e mesmo porque pensava que a *historia* não fosse adiante, pois elles naturalmente retirar-se-hiam, após o baptisado. Mas ainda alli estavam — elle muito tolo, ella muito derretida, a lambisgoia. O rapaz que não se fiasse, entretanto, e se puzesse bem com Deus, porque elle já se ia aze-dando, e era muito capaz de lhe acabar com a casta.

Com effeito, o Zé Souza andava triste e sombrio. Passara a noite em claro e amanhecera desfigurado, cavado, com uma grande agitação.

Os camaradas já haviam notado o transtorno, e perguntavam-lhe :

— Oh Zé, o que é que tens, rapaz? Olha que estás hoje com uma cara... Vá se ver que te fizeram por ali alguma !

O Zé Souza desculpava-se :

— Que não ! Nem sempre se estava para rir... Era melhor que o não incomodassem...

Os amigos não lhe tornaram a fallar mais n'isso. Depois a faina das tainhas, absorvendo-os, apagara de todo aquellas impressões.

Mas na canôa, que estava a largar, os tripolantes entraram a gritar pelo Zé Souza.

Elle voltou-se de subito :

— Já lá vou !

Em seguida, de um pulo, galgou o espelho da pôpa, e cahiu em pé no paneiro, governando a canôa, que saltava na vaga—intrepidamente, com agilidade de profissional e de artista.

A outra canôa já se fizera ao mar.

Iam dar o segundo lanço.

Mantas de peixe successivas vinham demandando a costa, á approximação da noite.

Na praia, havia agora uma agglomeração de povo. A noticia das cem mil tainhas mortas á tarde —o maior successo da pesca naquelle anno, no logar —levada de bocca em bocca para o interior, despertara a boa gente dos sitios, entediada e vasia, nesse longo dia de descanso.

E a população das freguezias mais proximas parecia vasar-se toda para alli, á mancira desses pequenos riachos que a baixa-mar entope, mas que nas grandes marés abrem foz e se expandem para o mar.

IV

Já o sol desfallecera de todo, entre purpuras luminosas, quando as rêdes cercaram, e d'essa vez cento e cincoenta mil tainhas foram arrancadas ao scio inesgotavel do oceano.

Imensos montões de peixe juncavam a praia, semelhante a prateadas dunas, que nesse instante immergissem, pouco a pouco, na poeirada negra e invasora do crepusculo.

Uma aragem fria agitava os palmeirae, e o céu no alto começava a se dourar de estrellas.

As raparigas do Amaro e as primas, alegres e palradoras sempre, naquelle prazer e bom humor adoravel que o namoro produz, acompanhadas pelo Justino e os amigos, tinham-se ido recolher ao rancho, onde o velho pai se achava e ardia o lume confor-

tante e doce de uma fogueira. Ahi accommodaram-se todas, e mais as da Luiza Théa, que iam chegando, em duas pequenas canôas que havia, enquanto os rapazes ficaram á porta, encostados no esteio grande da frente.

O Delfino já tinha dado ordens para que fossem á Rua Velha arranjar os carros para a conducção do peixe.

As rêdes já estavam a enxugar, recolhidas aos varaes. E as canôas grandes de voga carregavam, promptas a seguir para a cidade, pela madrugada.

Mas o Zé Souza, que seguira tenazmente do mar, da alta pôpa da sua canôa, em um odio surdo, occulto e opprimido no peito como o explosivo das bombas, o triumpho do rival, sentindo o coração amantissimo agonisar e gemer, n'um despedaçamento supremo, na ruinaría daquella paixão que era a alegria e o encanto de toda a sua vida—mal largara o trabalho, viera encostar-se sorrateiramente a uma das empenas do rancho, do lado dos fundos, a espreitar, por entre a tiririca espessa do tecto achaletado e baixo, afim de melhor certificar-se daquella immerecida traição que o alanceava e torturava tanto.

E vendo a maneira por que o rapaz e ella se entreolhavam e sorriam, cheios de ternura, á chamma sandosa daquelle fogo, que estava para alli a arder, entrou a sentir um grande dolorimento e uma grande saudade do tempo em que fôra tão querido e tão amado por ella, que, muitas vezes, se encontravam sósinhos, aos abraços e beijos, á sombra dos laranjaes murmurosos.

Accommetten-o então uma horrivel afflicção, que traspassava-lhe o peito com um regelamento de gume afiado, quasi a sensação arripiaute e mortal de mil

laminas electricas, espetando-lhe furiosamente as carnes. Veiu-lhe um accesso de lagrimas, e enterrava nervosamente as unhas no esteio onde se apoiava, para poder soffrear os soluços continuos que lhe estrangulavam a garganta. E, por instantes, todos os objectos em volta começaram a dançar-lhe sob os olhos alagados, onde toda nma fileteação de crystal lhe raiava as imagens, roubando-lhe a nitidez da visão.

Muito perturbado, a esfregar desesperadamente as palpebras, com a cabeça a latejar de dor, sob o acelerado martelar das arterias, que uma forte circulação produzia, teve de repente uma idéa cruel de vingança—esbofetear ou destripar alli mesmo, em presença de todos, o miseravel que ousava destruir os seus affectos e perturbar a paz do seu coração.

E, allucinado, investiu para a porta do rancho. Mas estacon de chofre, porque os rapazes haviam agora entrado, e o tio Amaro estava lá dentro para impedir o plano. E mordendo os beiços, n'uma furia e n'uma medonha irritação animal, resolveu aguardal-os, mas sem ser visto, do lado de fóra, firme e de pé como uma sentinella.

Vinham chegando os primeiros carros, que faziam uma volta perto do rancho, rolavam para trás, indo encostar o arcavêro de encontro aos montões de peixe. E ouvia-se no escuro a voz grossa do carreiro :

— Eh *Captivo* ! Eh *Estrella* ! Fasta... fasta...

Os homens das rêdes entraram então a jogar o peixe para dentro das sébes, sobre o estrado do carro, aos trambolhões, n'uma faina de mil diabos.

E de tudo aquillo exhalava-se um cheiro acre de maresia.

O Amaro sahio então a dar ordens, emquanto o

Delfino, por outro lado, despachava a multidão de compradores de peixe, repartia o quinhão dos ajudantes e dos camaradas, jubiloso e risonho, continuamente a bracejar e a fallar, na sua grande animação, daquella pesca opulenta.

Na escuridão, ora mais condensada, havia um movimento ruído, uma completa confusão de silhouettes que se cruzavam phantasticamente, como em um pesadelo dantesco.

E através de tudo, ouvia-se, de vez em quando, um intenso rosar de cães esfomeados, que disputavam o sustento.

Era uma lufa-lufa. Todos queriam ser simultaneamente servidos. Uns apossavam-se dos quinhões dos outros e vice-versa. Ninguém se entendia.

O Delfino então protestava, oppunha-se :

— Que esperassem, os diabos ! Que esperassem...

As raparigas e os rapazes acudiam á matizada, iam deixando o rancho, quando o Zé Souza saltou de repente de um canto, segurou o rival pela garganta, metteu-lhe um joelho no peito, sacudindo-o longe, por cima de um montão de peixe. Em seguida cavalgou-o, erivando-lhe a cara de punhadas herculeas, sob as quaes o sangue espirrava, em jorros...

Todos então correram, gritando :

— Não o mates ! Não o mates !

E seguraram o Zé Souza, que debalde se debatia, rosando :

— Deixem-me ! Deixem-me ! Quero ensinar este cão !

O Amaro e o Delfino intervieram tambem :

— Tu estás doido, ó Zé ? Toma juizo. Tu não tens vergonha ?...

O Zé Souza afastou-se logo, de cabeça baixa, silenciosamente, mettendo a camisa para dentro das calças. O outro, cercado pelos amigos, levantou-se, tonto, todo sujo, a cara devastada, ensanguentada, empastada de areia, os cabellos revoltos, á procura do chapéo.

As moças, accommettidas de grande susto, muito nervosas, tinham-se refugiado no rancho, sem terem podido perceber bem o barulho, e permaneciam ainda inquietas, tremulas, todas pallidas, a perguntar :

— Que fôra ? Que acontecera, Virgem Maria ?...

O Amaro appareceu então, com o seu rijo carão-severo:

— Andem ! Vamos ! Só tinham vindo alli para aquillo... E até aquellas horas !...

As moças, muito sérias, muito tristes, puzeram-se a caminho, sem uma palavra.

A multidão principiava a retirar-se.

Os carros, completamente atulhados, rolavam já pela praia acima, os rodados enterrados na areia, chiando monotonamente. Os carreiros, na frente, a aguilhada ao hombro, iam cantando a *Tyranna*.

E aléni, vinha despontando a lua, redonda e branca, a illuminar tudo com a sua luz fria e de prata.



A ULTIMA FORNADA

A JOÃO RIBEIRO

Naquelle dia era uma lufa-lufa no engenho do Rosas. Desde meia tarde que aquella boa gente trabalhadora algazarrava expansiva, na doce alegria bem ganha de uma rude tarefa acabada.

A mandioca daquelle anno—abundante que nem herva, Jesus!—dava quinhentos alqueires e estava toda reduzida a farinha, e farinha torrada e clara, parte ensaccada e parte empaiolada já, a que era para negocio e a do gasto da casa.

A' bocca da noite, quando o nordéste de Junho, mais afiado e cortante, assobiava e gemia na palha do engenho e nas laranjeiras em redór, após o desfallecimento radiante do sol—fôra retirada a ultima fornada, em largas cuias de meio alqueire.

E a familia da casa, e moças parentas que tinham vindo ajudar a farinhada, peneiravam umas, n'uma pequena ganiela bem limpa, massa para beijúts, enquanto outras carregavam-na já para o forno, agglomerando-se em roda e distribuindo-a aos punhados, que, dispostos em ordem sobre a chapa escaudante, tomavam logo, na sua brancura, a fôrma achatada e redonda de pequenas luas.

Nessa encantadora e femiil tarefa, a Mariquinhas Rosas, uma das quatro filhas do velho lavrador, a terceira, a mais graciosa dellas, pela adoravel vivacidade dos olhos negros rasgados, pela alvura

alinhada dos dentes são e pelo arrebitado atrevido mas tentador do narizinho curto, era a mais empenhada e adestrada de todas na factura dos beijús, sobretudo nos de folha, cuja massa é tomada em maior porção e preparada nas mãos, entre duas folhas tenras de bananeira, á semelhança dos bolos de milho grandes.

No engenho havia até aos mais remotos cantos um largo e confortante calor de estufa, que vinha da boeca do forno em brazas, collocado a um angulo, e de onde irrompia um grande clarão vermelhante, de uma illuminação intensa e rubra de cyclope, ao sahir do brazeiro, e branda, esmorecedora e suave no tecto e para os outros angulos afastados, onde a escuridão agonisante tinha, por vezes, audacias indomitas, tentando invadir tudo quando o fogo desfallecia nas achas.

As varas finas da cunheira, os caibros, o grosso pião a pino, a roda grande dentada, a de cevar, forrada de uma chapa de folha, limpida e reluzente como prata, toda eriçada das saliencias hostis que devoram as raizes, o coeho grande da lavagem, o da escorredura e a immensa almanjarra em arco, que volteia e movimenta tudo no pescoço rijo e impulsor dos bois de canga trabalhadores—se destacavam, como o arcabouço estranho e rude, colossal, de um animal primitivo, naquella luz enternecedora e sandosa, companheira fiel do trabalho honrado e humilde, e que se ia extinguir, d'ahi a instantes, para só reviver um anno depois.

Logo que a primeira série de beijús foi retirada do forno, a Mariquinhas, tendo tudo disposto para entrarem as outras, deixou as alegres companheiras e afastou-se d'alli, apressada, n'um provocante cadenciar

de ancas virgens, porque a mãe a chamara para arrumar o resto da roupa no balaio, enquanto ia, por outro lado, cuidar do trem de cosinha e depois dar uma chegadinha ás Areias, ao José Marcellino, que ficava a cem braças.

Era a um canto do engenho, no mais vasto, onde se accommodava toda a familia—um lugar dividido apenas em dous por alguns fragmentos das sébes velhas dos carros e dos paíões, postas ao alto e unindo em cima nos caibros, sendo um lado occupado pelo velho casal e outro pelas raparigas em commum, filhas, parentas e moças da visinhança, toda essa adoravel e ingenua gente dos sitios, que, á noite, se reúne e dorme pelos engenhos, na quadra das fari-nhadas.

O cocho grande, que era o primeiro deposito onde se despejava a farinha já prompta, feito de uma velha e enorme canôa, ficava tambem desse lado, correndo na direcção dos dous quartos, justamente para onde dava a abertura. As ultimas fornadas pe-javam-no completamente, fazendo no centro um elevado cocuruto de uma brancura de neve, que ia descendo e diminuindo sensivelmente para as extremidades, tal qual um cômore de areia solta.

Desse lado, onde o clarão do forno esmorecia de todo, e sentada na extremidade aberta, n'uma beirola da madeira, com uma antiga candeia de quatro bicos ao pé, que mal alumiaava o obscuro recanto—estava a rapariga muito bem a arrumar a roupa, quando, pela porta dos fundos, surgiu de repente o Manuel Rita, o endiabrado e moreno rapaz que era os seus feitiços, e que, acercando-se logo, começou estouvadamente, com ardentes affagos deliciosos, como um namorado querido, a bolir-lhe nas mãos, no queixo,

nos cabellos e nos seios, de olhar acceso e vivissimo, com as suas costumadas graçolas e cócegas.

E, em seguida, arredando o balaio, e cahindo entre os joelhos da rapariga, que o fixava silenciosamente, com uns olhos humidos, magnificos, cheios de um brilho ineffavel, extasiada e passiva ante as suas masculas e vencedoras caricias, totalmente entregue aos seus braços grossos e virís, que lhe enlaçavam docemente a cintura—prorompeu baixinho, affectuosamente, com uma voz doce e entrecortada :

— Olha, querida. Ha tanto tempo que me prometteste... Não me has de negar agora... Tua mãe está longe, vi-a no atalho da ponte... Os outros andam lá para o forno... Tu estás aqui só... N'nguem nos vê... Eu te amo... Eu morro por ti... Deixa-me...

E ia apertando-a contra si, estonteando-a e vencendo-a com o seu halito morno, a sua voz terna e supplicante, o seu contacto aromal, tremulo, resfolegante, febril.

E ella, deixando-se escorregar vagarosamente para trás, ao comprido do cocho, o rosto escaldando, n'uma palpitação, n'um tremor, sob o docé peso daquelle corpo de homem amado, sentindo as espaldas enterrarem-se fundo naquelle leito macio e alvo como o de um noivado, murmurava e gemia apenas, quasi indistinctamente :

— Não !... Não !...

E desfallecia sobre o montão de farinha nevada, como entre os lenções puros de um thálamo...

Para os lados do forno, reinava ainda a faina feminil dos beijús, n'uma algazarra alegre e vivaz, cortada ás vezes de crystalinas risadas.

De repente, lá fóra, no terreiro, uma voz grossa berrou :

— Oh ! Manucl Rita, ó diabo ! Olha os bois p'ra canga !

E o rapaz, então, assustado e tremendo, deitou a correr, sem ser visto, para a janella da empena, que galgou de um salto.

— Eh lá, Simão ! Já lá vou...

E enveredou para o pasto, cantando o *Querido bem*, n'uma toada sonorosissima e vibrante, cheia de notas épicas de triumpho.

Nesse instante, a tia Anna Rosas chegava. “ Estivera com as do José Marcellino. Lá ainda se raspava e forneava que era um Deus nos acuda. Não era por aquelles seis dias que haviam de acabar. De mais a mais, o José Marcellino, coitado, estava com as maleitas...”

As raparigas tinham acabado de torrar os beijús, recolhendo-os em montes e arrumando-os depois n'um pequeno cesto.

O Simão e o pai, fóra, defronte á porta grande do engenho, punham a sébe no carro, que estava já com o cabeçalho suspenso, sobre o muchacho, a cauga e os canzís promptos para abrochar os bois.

A velha Anna, com a costumada actividade de mulher magra e trabalhadora, mal entrou da rua, voltou ainda a remexer pelos cantos, do lado do fogão, no caixão do trem, pelos tipityns vasiaos, pela mesa da prensa, por trás dos cochlos, por tudo, á cata de algum objecto esquecido, dando as ultimas ordens :

— Andem ! Andem ! Vejam se não esquecem nada. Olhem que vai ficando tarde...

O velho Rosas, então, gritou “ que o carro estava prompto, que não perdessem tempo, embarcassem. Já era tambem embromação de mais ! A que horas chegariam á casa, Santo Deus ! ”

As moças enfiaram logo para o terreiro, a pequenas carreiras, aos saltos, aguilhoadas pelas palavras sibilantes da velha, que ralhava esganicamente, na precipitação da partida.

E quando iam todas trepar para o carro, deram por falta da Mariquinhas, que entraram a chamar alto, censurando-a pela tardança :

— Oh ! Mariquinhas ! Mariquinhas !

E qualificavam-na de “molleza, pamonha, tança”

A velha, furiosa, entrou a descompor :

— Anda d’ahi, diabo ! Olha que eu lá vou e esfrego-te ! Ora espera... Ora espera...

E já ia para descer, quando a rapariga appareceu, arrastando-se vagarosamente, de olhar no chão e chorando, com o balaio da roupa debaixo do braço. Ainda de preto, por causa do tio Quincas, que morrera ha trez mezes de barriga d’agua, trazia impresso pelas costas, desde a cabeça até á orla do vestido, como um véo transparente de tulle.

E assim, como quem vai para um estranho noivado, subiu para o carro, contrariada, abatida, sob as suas vestes lutuosas e nupciaes.

Os bois puxaram. O Simão, na frente, a aguilhada ao hombro, soltou uma canção melancolica. O carro, as cunhas desapertadas, rolava em silencio pela estrada branca...

E no alto, a noite azulada e límpida, como todas as noites tropicaes d’inverno, tinha um grande esplendor sideral, toda pospontada de ouro.



NA ILHOTA

I

Nessa noite de S. João, em Cannasvieiras, tudo gelava. Mas, desde o escurecer que o estreito e arenoso caminho da praia, nos outros dias silencioso e deserto, cobrira-se de gente, encheram-se de animação e ruído. Eram famílias da freguezia e circumvisinhanças que se encaminhavam para o mar, até á Ilhota, onde havia os festejos de todos os annos, na casa do João Monteiro.

A festa lá, nessa noite, ia ser boa, porque coincidia com as festas do dia da chegada do Manuel Lemos, o capitão do *Estrella*, o noivo da Mariasinha, que vinha da costa d'Africa, por onde errara longos mezes, sem se saber delle, na ultima viagem; e a sua volta, depois de tanto tempo, derramava uma grande alegria no seio da boa gente do Monteiro e por todo o sitio, onde era muito estimado.

Choviam os commentarios com o regosijo inesperado do apparecimento do navio que já contavam perdido, lembrando-se do *Gaivota*, que, de uma feita, indo para a Costa, desapparecera por esses mares de Deus! E o Chico Helena, que fôra nessa viagem, coitado! ninguem mais soubera delle! Felizmente ao Manuel não lhe succedera aquella desgraça...

O navio do Manuel Lemos era um magnífico brigue, ha poucos annos reconstruido, e que se chamara outr'ora o *Galgo*. Valente nos temporaes, muito seguro, era celebre pela velocidade da marcha, no tempo do trafico dos africanos, em que, mesmo nas situações mais arriscadas, soubera sempre, com exito, em meio dos vagalhões encapelados do Atlantico, fugir á prôa perseguidora e temerosa dos cruzeiros inglezes. Contavam-se delle, dessa época, episodios heroicos, lendas que o sol dourara e o oceano embalara em seus braços gigantescos, faltando-lhe apenas as narrações de Fenimore Cooper. A' pôpa, á bolina ou a um largo não havia então quilha que o vencesse. E isto fazia agitar, muitas vezes, a calma habitual dos officiaes inglezes que lhe davam caça, perseguindo-o, tenazmente, por longos dias azues de céu e mar. Uma bella tarde, o barco velejador sumia-se no horizonte, ao fechar de um poente vermelho... O gageiro bretão, no arco de gavea, não o avistava mais com o longo olhar verde e descortinador... O cruzeiro virava na bordada de terra, e a cólera dos capitães das ilhas de ouro e ferro da Mancha estrugia com desesperação, pondo a premio a bella cabeça branca do velho Sumares...

O *Estrella* estava fundeado no estreito canal de aguas muito seguras que existe entre a Ilhota e a Ponta das Pedras. E ao cerrar-se a noite, na densa escuridão que se alastrava em torno e afogava a paisagem em redor, só o seu pharol luzia, como um olho de sangue que espreitasse sinistramente o canal, riscando as ondas com um tremulo fio de nacar.

As familias que desciam, algumas vindas lá do Inglez e das Aranhas, um rancho de moças, rapazes, velhos e velhas, palradores e expansivos, naquella

noite de S. João, de tantas recordações meigas e amorosas que a tradição vem projectando, com a rubra illuminação de uma fogueira, até aos nossos dias, do fundo remoto dos Seculos— tiveram quasi um arrepio, em presença das ondas, que se quebravam algidamente contra a praia, estendendo-se e cercando-a de caricias espumosas.

Havia, a essa hora, uma calada vasta e taciturna, vagamente açoitada pelo ruido rouco e sonoro, muito longinquo, do mar, lá fóra, a despedaçar-se continuamente sobre os costões rochosos. Tremia-se de frio, mas nem por isso as gargalhadas das moças deixavam de cantar, limpidas no ar, de envolta com as vozes tumultuosas dos rapazes em festa.

Então, na Ilhota, foguetes numerosos rasgaram o escuro, subindo em hastes escarlates que feriam o céo verticalmente, estalavam, pondo lagrimas de luz, que desciam lentamente, em cachos.

E, em seguida, avistaram um largo clarão manchando a noite, por detrás do pequeno platô das Feiticeiras, illuminando de travéz as aguas do Porto do Norte. A paizagem, ahi, desenhava-se em uma esmorecida luz avermelhada e enternecedora, em cuja faixa vacillante scenographavam-se feéricamente massas negras de verdura, abertas em crivo, todas rutilas de pedraria phantastica.

Da vasta illuminação da agua, onde tremiam escamas de prata limpida, sob as primeiras rajadas do suéste que cahia fresco, erguia-se, mal contornado, no fundo daquelle céo de nankin, o casco colossal do navio, apreado ao vento, o gnrupés alto e aguçado, a cordoalha reteza, muito erecta a alta mastreação artistica. A sua sombra, meio cahida á ré, dansava a

um bordo, em tremuras elasticas, na ondulação viva, e as vergas, os mastros e os mastaréos cheios de guinda lançavam, na vaga claridade, como um estranho, gigantesco tecido de malhas.

De bordo, um bote impellido a remos, largou na direcção de terra. A sua mancha esguia e fina, onde se moviam bustos, avançava, n'uma esteira de espuma, por entre o ranger das toleteiras rijas e o compassado chiar das remadas.

De um e outro lado, na costa, pedaços de praia limpida alvejavam, quando a fogueira erguia mais alto as suas chammas.

Todos esperavam a embarcação com impaciencia. Viu-a já muito proxima, entre phosphorejantes olhões de ardentia, abrindo-se á superficie d'agua, no mergulhar dos remos. A tres braças de terra, disseram: *leva!*—e o proeiro saltou no panheiro de prôa. O escaler encalhou, então, com um ruido de sonda espraçada, dando um raspão na arcia.

Laçaram logo uma prancha. E o embarque effectuou-se cheio dos gritinhos de temor das moças e das grossas risadas dos rapazes.

Na Ilhota os foguetes continuavam a subir, a esfuracar o céu com filetes de zarcão.

Já na Prainha, mettida entre duas pontas de pedra, onde o mar escachôa noite e dia, fustigado pela aspereza das nortadas, o Monteiro e as filhas esperavam os convidados.

II

As meninas do Monteiro romperam, logo ao atracar o bote, em exclamações de alegria, ao mesmo tempo que as outras, que chegavam: e foi toda uma

confusão musical e festiva de gorgeios femininos, por entre o reboiço do desembarque. E logo após seguiram-se os abraços, fallando sempre, estalando muito os beijos nas faces.

Tomaram todos o pequeno caminho que conduzia á habitação. A casa, lá no alto do terreiro, branquejava, phantastica, por detrás das labaredas, lembrando incendios em scenographias celebres de dramalhões e operas, n'um desenlace tragico, de muita sensação. Cantava crystalinamente, em vozes limpidas, despreendendo-se de pulmões e gargantas frescas, uma revoadada de meninos, cujos perfis inquietos de diabinhos dansavam em redor das chammassas, como n'uma allegoria do Inferno. Uma gaita, ronqueira e triste, lançava até ás ondas, n'um som roufenho e monotono, notas incompletas de uma polka.

Homens descalços, rapazes e mulheres das proximidades, com creoulos forros que vadiavam, grupavam-se á porta da rua, arregalando os olhos curiosos. Quando as moças approximaram-se, abriram alas, dispersando no escuro, sob o cafezal...

Na sala principal, então, houve toda uma balburdia alegre de saudações.

A familia do Chico Maria e a do Vianna, que moravam perto, já lá estavam com um pelotão de filhas moças, garridas e planturosas, assignalando bem a proliferaridade amplissima das populações da beira-mar.

Na onda dos recém-chegados vinha tambem a tia Clara, uma velha professora da roça dos bons tempos, de poucas letras e muitas virtudes, insigne nos trabalhos de agulha e sabendo curar por benzeduras, o que a fazia veneravel e sobrenatural no sitio. Era cunhada do Monteiro e comadre delle tres vezes,

tendo-lhe baptisado dois filhos logo no começo de casado, e, ainda nos ultimos annos, uma menina, a mais moça, a quem dera, por pedido dos pais, o seu nome.

A tia Clara era viuva ha treze annos. Tinha duas filhas moças—a Eugenia e a Guiomar. A primeira, já trintona, não era bonita, a pelle murcha e desbotada, os labios tristes, os olhos apagados pelas desillusões. Mas a ultima, mais moça dez annos, prendia e fascinava, com um florescimento juvenil de roscira agreste, as fórmas amplas e virgens, o rosto ludo, onde os olhos faiscavam.

O Manuel Lemos, que estava sentado ua saleta proxima, teve uma grande impressão quando a viu entrar, e subitoamente levantou-se, fazendo cessar de chofre a conversa que travara, momentos antes, com um velho roceiro esqueletico, engelhado e de grandes barbas brancas. O homem, vendo o outro afastar-se, deixal-o bruscamente, sem um gésto, sem uma palavra, ergueu em redor uns olhos espantados, mastigou baixo phrases e voltou-se tristemente para o pequeno altar ao fundo, coberto de uma toalha alva e bordada, onde se alumiava um registro de S. João, colorido e eucaixilhado em madeira. Duas velas de cêra, de seis em libra, aos lados, erguiam as suas chammias lividas e fumarentas. Palmas de Santa Rita e móllhos de rosas ostentavam-se, collocados devotamente em copos meios de agua ; e, no alto da moldura, enfeitando-a, cravos vermelhos desprendiam a fragrancia dos seios sangrentos.

De fóra, continuamente, entrava gente para a sala, quasi apinhada junto á porta, onde se accumulavam homens. A um canto, em um mocho, ao pé de uma janella em que cabeças desgrenhadas debruça-

vam-se, olhando, com grandes olhos vagos, a bocca aberta, n'um emparvecimento—o tocador de gaita, um mulato anguloso, chupado, com uma pera satanica de Mephistopheles, um lenço de chita ao pescoço, rouquejava uma quadrilha.

Mas as dansas não tinham ainda começado. Tiravam-se as sortes.

No meio de um grupo de moças, o Manuel Lemos, agora, empunhava o LIVRO DO DESTINO, uma remota e esfrangalhada brochura, sem capa e sem cautos, ennegrecida e cusebada do chulo manusear de muita gente, durante annos, nos tres dias de Santo Antonio, S. João e S. Pedro, e toda cosida a pontos na lombada. O Manuel offerecia os dados — uns grandes dados antigos e desquinados, onde mal se podiam lêr os pontos—e as moças sacudiam-nos entre as mãos fechadas, arriando-os depois sobre as próprias paginas do livro, rindo muito, muito interessadas. Contavam: *cinco, quatro, dous, dezeseis...* “Ande lá ! leia lá !” e o rapaz folheava logo, procurando a pagina onde vinha a quadra que correspondia ao numero indicado: e lia; recorria ao indice; dizia os assumptos: SE O SEU AMANTE É FIEL OU NÃO, SE ALGUEM LHE AMA EM SEGREDO, SE MORRERÁ CEDO OU TARDE, SE TERÁ FELICIDADES, SE O SEU BEM ESTÁ PRESENTE, SE SE CASARÁ... Outras raparigas, de temperamento aventureiro e inquieto, mais cheias de imaginação e phantasia, queriam saber se os seus noivos viriam de fóra, e de que banda seria. Corriam até á praia e lançavam á agua uma casca de laranja cavocada, com um biquinho de vela acceso dentro. Punham-se depois a olhar o rumo que levavam as luzinhas nas ondas. Se uma ia para o Norte, o esposo que a sorte lhes reservava viria sem duvida do Norte, e assim as que

tomavam outra direcção. Mas se a luz sossobrava, ou dava á costa, ou apagava, então o noivo não vinha de fóra ; era d'alli mesmo, do logar, ou a dona da *ca-nôinha* não viria a casar e morreria solteira... Algumas appellavam para a sorte da clara de ovo n'um copo meio de agua, para uns pedacinhos de papel com um nome de homem, enrolados como bilhetes de rifa, e que se expõem ao sereno para abrir... Velhas, mesmo, pediam sortes, mas queriam das "bonitas", das "boas"; e as suas predilecções dirigiam-se especialmente para as cousas de riqueza : SE SE DEVE CONTAR COM A LOTERIA, QUE VENTURA TERÁ NOS NEGOCIOS, SE VIRÁ A SER RICA...

Mas, alguns rapazes entraram a dizer que já chegava de sortes, que era melhor dansar. E gritaram para o toeador, pedindo o signal de quadrilha.

III

Havia agora um grande ruido na sala. Rapazes cruzavam-se em todos os sentidos, dirigindo-se ás moças enfileiradas em bancos, corridos ao longo das paredes. Ajustavam-se pares.

De todos os lados moças ergniam-se, enfiadas aos grossos braços dos roceiros, alegres, com os labios risonhos onde os dentes branquejavam, olhos limpidos, cheios de caricias luminosas. Paradas, aguardando a quadrilha, davam tóques ao cabello, ás rendas, ás fitas; voltavam-se, revendo a toilette por detrás, ageitando, com pancadinhas rapidas de mão, as saias amarrotadas.

E, pouco a pouco, na vasta sala de telha vã, aquecida pela multidão de convidados, ia-se formando um enorme quadrado de gente perfilada. Havia uma animação zumbidora de colmeia.

É o Manuel Lemos, que fôra o ultimo a tirar par, a uma das cabeceiras, com a Mariasinha pelo braço, a larga face tisonada pelo sol, dentro do oceano, n'um raso tombadillo de navio, ria alto, expondo os seus ricos dentes sãos, claros como a espuma das vagas, e batia palmas para que o tocador rompesse a tocar.

De fôra, entrava a gritaria infrene das crianças, saltando as chammas da fogueira, cujo clarão vermelho, illuminando tudo, abria ainda mais ás rajadas do vento.

Aos primeiros sopros tremulos da gaita, a quadrilha rompeu, abalando o soallo, onde os corpos adiantavam-se e retrogradavam, com mesuras e enlaçamentos rapidos. De espaço em espaço as palavras do marcante desprendiam-se, elevavam-se, desappareciam sob as telhas, n'um entusiasmo, confusas, em pedaços, comidas pelo chiar continuo e arrastado dos pés...

Mas, de repente, entre as mãos magras do tocador o instrumento emmudeceu, encolhendo-se, e o quadrado que os seus sons desmancharam ha pouco, n'uma confusão de corpos em movimento, restabeleceu-se. D'ahi a instantes, sacudida por novos sons, a muralha humana quebrava-se, tomava novas disposições, reconstruindo-se incessantemente...

É a quinta parte, o Manuel Lemos, que não tirara quasi os olhos da Guiomar, durante toda a quadrilha, acabou-a enlaçado a ella, sentindo-lhe a coração aos impulsos do galope final.

A Mariasinha, que bem notara isso, sendo dos primeiros pares que sentaram-se, amou a um canto, tomada de ciúmes, e não podendo mais soffrear a magna, recolheu-se á outra sala, com o beicinho a tremer, os olhos toldados por uma nevoa de lagrimas. As amigas correram logo, buscando consolal-a.

A mãe, que vira tudo do quarto, com os olhos zeladores pregados sempre no Manuel, através das marcas da contradança, acudiu immediatamente, muito branca, n'uma afflicção. Desde a madrugada, ao levantar-se, que sentira como uma cousa opprimir-lhe o coração. Pareceu-lhe que ia haver contrariedades, um grande desgosto, como a entrada do *tinioso* em casa, naquelle dia, tão feliz sempre para todos. Mas isso fôra momentaneo, porque as meninas, como nunca, levantaram-se trinando na manhã cheia de sol. Depois, lá fôra, o céu festinava, magnifico, muito azul e sem mancha; e a criação, abrindo as azas, no terreiro, acudia ao grão, n'um alvoroço, e cacarejando sob a luz que esquentava. E, já desopprimida e serena, lavando a louça para o café, á janella da cosinha, pensava na Mariasinha, que ia casar por aquella semana, e sorria, saturada da felicidade das consas, abençoando o destino, como no dia em que lhe puzeram a grinalda e o branco véo nupcial...

Mas as amigas, vendo que as lagrimas da rapariga pareciam não querer cessar, rebentando, mais frequentes, sob os mimos que a cercavam, entraram a dizer:

— Que não fosse tola, elle não estava namorando a prima, era falso. Lá podia ser! Olhe que a Mariasinha... Também assim... Que mulher!... Andasse para a sala, que era melhor, e se deixasse d'aquillo... Podiam reparar. Era uma vergonha... E logo naquelle dia, Nossa Senhora!

O Manuel Lemos, de longe, observava tudo, mas fingia-se alheio, mandando tocar uma walsa ; e, nesse momento, unico par na sala, colhia a attenção de todos, volteando rhythmicamente, aos compassos ondulantes da musica, com a Joanninha Pinheiro. E era tal a galanteria de ambos, desenrolando, unidos e a prumo, pelo soalho, os passos cadentes da walsa, que ninguem mais se arriscou.

Quando a gaita cessou, no meio do applauso matuto da sala, todos os rapazes, ainda os mais indifferentes, resmoiam em silencio um despeito surdo, como uma affronta. E o Chico Rufino, que se tinha por dansador de fama do logar, chocado com o successo do outro, de pé, na varanda, em meio de um grupo de amigos, affirmava com paixão :

— Que o Manuel não era grande cousa para a dansa, não era... Nem tinha posição capaz : muito arcado, as pernas abertas que até podia passar um carro por baixo... Aquillo então é que era a fama ? Olha o pachola ! Raios o partissem, se elle, Rufino, não dansasse dez vezes melhor !... Depois, com a Pinheiro quem não dansava... Que não lhe dissessem ! Para elle, o Manuel não valia nada... Grande paspalhão !...

A Mariasinha, agora mais resignada, voltara á sala. O noivo, que acabava de sentar o par, agradecendo, victorioso, muito risonho, veio logo collocar-se ao pé della. E, longamente, se fizeram confidencias, voltados um para o outro, como dous pombos, movendo as cabeças amorosas. Perderam assim quadrilhas, polkas... E a moça, mais consolada, de certo, sorria já com os seus grandes olhos melancolicos.

IV

D'ahi por diante, as dansas despenharam-se ainda mais entusiasticas e ruidosas.

Os cangirões de *concertada* e garrafas de vinho e aguardente eram esvasiados pelos homens, ávidamente, no final das quadrilhas.

Na varanda, completamente indifferentes ao que occorria em redór, os velhos, sentados, as pernas cruzadas sobre uma larga esteira estendida no eão, jogavam o *nove*, agasalhados nos seus grossos capotes de inverno. Moedas de cobre faziam montinhos, aqui e alli, ao lado de eada pareiro. Outras accumulavam-se ao centro, n'um bolo, em cima de um meio-alqueire emborcado, onde uma vela de sebo ardia, com uma chamma esguia e tremula, n'um castiçal de folha de Flandres. Á um angulo, onde a luz desfallecia, sobre a mesa de jantar, as garrafas, os eópos e as chiearas desprendiam vagas seintillações de pedraria e tinidos finos de crystal...

Pela madrugada, o terral de noroóste, com a vergasta glacial, puzera em total debandada as caras espionas, obrigando a fechar as janellas e portas. Fóra, no terreiro, fiera só a fogueira, expirante, sem chammas já, sob o frio, consumindo as brazas cõr de sangue.

Dentro, a animação reereseia com o terminar da festa. Os corpos dos rapazes e das moças desengonçavam-se agora, abraçados, em volteações muito rapidas, n'um frenezi. E eram, algumas vezes, nos mais desageitados, esbarradas e encontrões violentos. Havia gritinhos, queixas sonoras, risadas; mas tudo se perdia logo no arrastar continuo dos passos...

Entre as mãos déstras e febris do tocador, a gaita arquejava, arquejava sem descontinuar.

O Manuel Lemos, por fin, com uma grande ponta de alcool, o olhar reluzente e ávido, abandonara de todo a noiva e declarara abertamente paixão á Guiomar, prendendo-se a ella, escandalosamente, nas dansas finaes.

A Mariasiulha, o resto da noite sentada, ia seguindo tudo attentamente, atirada a um canto, suspirosa e pallida, sentindo que se lhe quebravam todas as cordas do coração, sob aquelle abandono brutal. De repente, porém, levantou-se, com os beiços lividos, toda tremula, a suffocar: lançou os braços ao ar, n'um grito, e cahiu sobre o chão, desmaiada.

Houve então um immenso alarido, uma emoção apavorada. As dansas immediatamente cessaram. E da varanda os velhos acudiram, espantados.

As duas irmãs, a mulher do Monteiro e a Clara, então, engalfinharam-se de repente, em una rixa medonha, lançando-se injurias cara á cara.

O Monteiro, perdida a calma, tremulo e gaguejante, procurava intervir, interpondo-se entre as duas mulhieres :

— Oh senhora ! oh senhora ! Que desgraça !...

Familias, os convidados, retiravam-se já, sem se despedir, n'uma atordoação.

A gaita emmudecera definitivamente.

Na praia, o embarque effectuou-se n'uma lufalufa, atarantadamente, ás apalpadelas...

E d'ali a instantes, as primeiras claridades da manhã subiam no céu, alegres e triumphaes.



OS BOIS CHUCROS

A EDUARDO SALAMONDE

I

Eram principios de Agosto. Nessa noite começavam os terços do Bom-Jesus na casa do Nicacio. As Ave-Marias entrara a affluir para alli, aos poucos, toda a boa gente das circumvisinhanças. No céo sahira já a rondar a lua, illuminando tudo com a poeira subtil da sua luz fria de grande lampada incandescente de Brush. As pequeninas casas de S. Francisco branquejavam, afastadas umas das outras, entre sebes, cafézaes e laranjaes murmurosos, como ovelhas espalhadas pelos socalcos e inclinações de uma encosta.

II

Desde meia tarde que as raparigas da Maria Verissima—a Bertha, a Bernardina e a Clara—curricavam pela casa das amigas, gárrulas, alviçareiras e alegres, a communicar as novas occorridas, durante o dia, na freguezia. Contara-lh'as o irmão, o João, que andara na rêde, lá fóra. — Era o casamento, no

dia seguinte, do José Alexandre com a Maria Luiza do Rosas, a do *patucão*. O escandalo do Manuel Thêa, pegado ao romper do dia, com a Maricota Sodré, lá no sitio do Claudino, na casinha do carro — forte pouca vergonha ! O Mauricio esbofeteado pelo Joaquim Valente, no caminho do campo, por umas historias de ciúmes. O filho da Leandra, o magricela, que era caixeiro e usava casaco comprido, como de padre, que chegara pela manhã da cidade. O Antonio Rego, que viera dos Ratores com uma tropa de bois chucros : o Justino já tinha apartado um para metter na vara ; era um bagual, o raio, procurava a gente que nem um cachorro, e, na Cachoeira, segundo diziam, partira dons laços, só de um tirão !... Mas, de tudo, o que mais as encantava era o terço do Nicacio, desde muito esperado, que ia afinal começar e que só acabaria oito dias depois, conforme o velho lavrador promettera, quando estivera de cama, quasi a *espichar*, com as sezões.

— Ia ser *só do fino* o terço do Nicacio ! exclamavam ellas, n'uma balburdia adoravel. Uma semana inteirinha ! Ai-ai ! ia *doer* de bom !...

E combinaram com as do Chico Pereira para irem juntas, com a mãe, assim que anoitecesse. Mas careciam da companhia de um homem, por causa dos bois chucros. Quem havia de ser ? Tinham tanto medo de bois chucros, Nossa Senhora ! O pai andava *fôra*, pelas alturas do Arvoredo, na pescaria do mar grosso, e nesse dia não voltava ; o João, esse, não servia para nada, não prestava mesmo, o *gallinha*, não valia o comer que comia, pois se tinha mais medo de almas do outro mundo que ellas proprias, coitadas, umas pobres mulheres ! Mas quem havia de ser então ?...

E na pressa de se ajustarem, para se irem logo

arranjar, não achavam quasi um conhecido, um amigo, um parente que as acompanhasse.

— Quem havia de ser? reflectiam. Eram raros os rapazes daquelles lados, e os poucos que havia andavam *azeitando* lá para as Coivaras, onde tambem se rezava o terço, no Luiz Boião, para as bandas do porto. Os primos das Areias tambem não vinham, por terem peiorado das febres. Só se fossem os do Luiz Maria e os do Rufino, que não perdiam nada, principalmente no Nicacio, que vinha a ser ainda contraparente delles.

Assentaram, definitivamente, em aguardal-os, ir com elles, de companhia. Mas, de balde esperaram. Entrou a noite, fez-se o luar, e nada dos rapazes! Estavam já n'um desespero, n'uma inquietação, afflictas, quasi a chorar...

Para os lados do Nicacio, de vez em quando, um filete de luz rubra erguia-se, varava o ar, estourava, n'uma explosão de faíscas.

— Lá atijam foguetes! lá atijam foguetes! murmuravam. Já principiou! Não! ninguem podia perder aquelle tercinho d'alma!...

De instante a instante, davam uma ehegadinha ao Caminho Novo. Nada! Ninguem!

E entraram a pedir á mãe para ir assim mesmo.

— Tambem isso de medos era uma bobagem! Tanta gente na estrada! A noite tão clara! Que tolice! Depois, os bois não iam sahir do pasto aquella hora!...

E convenceram a velha, que, earinhosamente, resoluta, mas supersticiosa, enfiou para a rua de chale na cabeça:

— Olhem, depois não se queixem se vier por ahí alguma!

E puzeram-se em marcha, n'uma algazarra vivaz, cheias de risos, onde transparecia a animação da alegria—as mais audazes adiante, as mais timidas atraz, cosidas umas ás outras.

A estrada desenrolava-se branca, deserta, aqui e além malhada de sombras pelos espinheiros e bananacs das margens. O curvo azul dos céos resplandecia, muito alto, cheio de um mysterioso encanto, n'uma vasta paz mystica, que as gargalhadas perturbavam sonoramente.

III

O Sebastião e o Vicente, companheiros inseparave's das correrias nocturnas, os famosos québras que vagavam toda a noite pelos sitios, em endemoninhadas aventuras, mettendo-se atraz das porteiras ou das moitas da estrada, para dar sustos ás mulheres—vinham repontando na encruzilhada da praia, quando ouviram de repente, no vasto silencio, para os lados da Ponte Velha, gritinhos de moças, exclamaçõesinhas, risadas.

Pararam; puzeram-se á escuta. Queriam reconhecer as vozes... Ah! eram as da Maria Verissima e outras, que iam para o terço!

E combinaram-se logo para lhes pregar um susto.

—Havia de ser com os bois chucros... Ellas tinham muito medo dos bois chucros... A tropa toda estava no pasto do Constancio...

E, já descalços, com os tamancos nas mãos, largaram á disparada pela picada que dava para lá.

Esconderam-se então n'uma roça de canna, do lado da porteira, junto á cêrca de espinhos. Ahí, de vez em quando, chegava-lhes aos ouvidos a alegria ruidosa do terço do Nicacio.

A casa ficava a algumas braças, logo passando o riacho, n'um alto, do lado do morro. Pelas janellas abertas sahia uma illuminação vivissima, que dourava a verdura circumjacente, manchando a fria dealbação do luar. No pequeno terreiro em frente, silhouettes escuras, microscopicas, moviam-se, apinhadas, na flammejação das luzes. E vozes frescas e agudas de crianças brincando, punham na noite silenciosa e albente uma zurzinada festiva.

Mas os dous québras terriveis não queriam saber de nada, com o ouvido assestado para os lados de baixo. D'ahi a instantes sentiram de novo as risadas das raparigas, que pouco a pouco avançavam para elles, tornando-se mais nitidas, com o seu timbre alegre e crystalino. Depois fez-se um estrépito claro de passos e vozes femininas.

Elles, erguendo a cabeça, puderam enxergar, por entre o crivo das ramagens finas, já proximo á porteira, á esquerda, o bando das moças, todas de branco, e lindas, ao luar, como visões de baladas. Vinham pela banda de cima, agarradas umas ás outras, rente á cêrca, aterrorisadas, n'um frú-frú de saias engomadas e roçagantes, estacando, ás vezes, com gritinhos e saltos, á proporção que enfrentavam o pasto :

— Ninguem falle !... ninguem falle !... ciciavam. Lá estão os bois, Virgem Maria !...

E proseguiam sempre, cautelosamente, subtilmente, como sobre um tapete, por cima da grama das beiradas. Já tinham passado a porteira, quando os rapazes lançaram-se ás carreiras dentro do cannavial,

levantando, por entre a folhagem, a matizada de um gado em tropel.

E proromperam a berrar :

— Arreda ! Arreda ! Ah! vêm os bois chueros !..

As raparigas dispararam, estonteada, aos gritos, n'um panico, n'uma corrida de desastre, precipitando-se dentro do pequeno rio, ou arrauhando-se ao contacto brutal dos espilheiros da estrada.

Da casa do terço acudiram logo, homens e mulheres, correndo :

— O que era aquillo, Jesus? !.. O que era aquillo? !..

E vieram encontrar as raparigas n'uma lastima, molhadas, feridas, descompostas, empastadas de lama. Soccorreram-nas logo, levando-as em braços para a casa do Zé Rocha, que ficava para dentro de um cafezal, muito perto d'alli. Ah! mudaram de roupa, todas nervosas, a tremer, quasi a chorar...

No caminho, os curiosos entraram a dispersar. Um velho, que chegava a cavallo, vindo do mar, e que soubera do facto, exclamava, brandindo o rólho, com cólera :

— Não tinha que ver ! Foram os rapazes da praia, os canalhas ! Ah ! que se os pegasse ! Lanhava-os ! Grandíssimos cães !..

E, teso na sella, com a nobreza de um cossaco, deu de rédea irado, e partiu a galope, n'um impulso vingador.

Os rapazes, então, que tinham saboreado tudo, agachados ainda entre as cannas, para não serem espancados—saltaram para a estrada, a toda, e irromperam ás gargalhadas na noite clara...



A VELA DOS NAUFRAGOS

AO DR. GAMA-ROSA

I

A l'estada amainara, após seis dias de furia tremenda, em que o pequeno arraial do Inglez jazera, agachado e tranzido, sob as bategas diluviaes e os espessos nevoeiros. A costa toda, desde a Lagoinha até a Ponta Grossa, estivera abandonada e deserta, sob a acção aterradora dos vagalhões revoltos, estourando, dia e noite, em cachões espumantes, que alagavam as praias, os baixios e os cômoros, turbilhando ululantemente sobre os mais altos cabeços.

Tudo ficara abandonado, parado, ao Deus dará, por aquella semana. Nenhuma rêde se arriscara no meio da tormenta. Cessara de todo o trabalho. E a pobre e laboriosa população do lugar, condemnada á inacção, permanecera penosamente durante esses dias, que se arrastavam longos e cheios de miseria, tomada de tédio, encolhida, apinhada em casa, tremendo de frio em roda dos brazeiros em chammas.

Mas, voltara o bom tempo. Uma madrugada de ouro, uma dessas maravilhosas madrugadas catharinenses, no littoral atlantico, vinha resplandecendo feéricamente. O céu, no alto, arqueava-se todo azul,

do azul ideal e transparente de uma velha faiança hollandeza. As praias límpidas e curvas, e os cordões successivos dos cômodos extensos, destacavam magnificamente, á luz, n'uma alvura cegante de trigo. E a planura verde do mar, levemente ondulada, na estagnação de uma vasta calmaria, estendia-se para todos os lados, aqui e além mosqueada de altos relevos de ilhas, enervadas em grandes anneis move-diços de espuma.

A costa inteira tinha de novo a alegria e o alvoroço das manhãs de bonança. Pelos ranchos, reuniam-se já, n'uma ruidosa algazarra marítima, os pequenos grupos de roceiros e pescadores do sitio. Canôas grandes de rêde, carregadas e promptas, tomada a palamenta, aguardavam a faina, sobre grossos rôlos de madeira. Velas curvas em bojo cruzavam ao longe, n'um vôo branco, como grandes azas ligeiras. E uma embarcação maior, um hiate, que parecia o *Andorinha*, do Joaquim Patesca, bordejava a todo panno, em direcção ao porto, na altura do Arvoredo.

Então, a Maria Virginia, que esquadrinhava minuciosamente o mar desde muito cedo, do alto do pequeno terreiro da casa, seguindo attentamente o navio, mal o viu approximar-se, na attitude de dar fundo, começou a descer apressada a encosta até á venda do Lemos, a colher noticias do *Espadarte*, o brigue onde andava o marido, o Manuel Siqueira, e que arrancara para o Rio Grande na vespera da medonha tormenta.

Estava abatida, emmagrecida, desfeita, a pobre rapariga, que ainda ha trez annos era a primeira belleza do Inglez. Tinham-a posto nesse estado os dous filhos que criava, dous herculeos fedelhos rosados,

de um louro rembrandtesco, e os cuidados, os temores e as afflicções daquella semana, em que a sua alma não tivera socego, a se debater, á noite, em meio de pesadelos horriveis, em que, por vezes, fluctuavam, como n'um quadro estranho de Doré, um casco de navio perdido e a imagem amada do marido, abandonada e naufraga, n'um desespero, sobre as ondas de um mar hostil...

Percorrendo nervosamente o tortuoso atalho vermelho, que se torcia entre a verdura espessa, não tirava, um instante só, o olhar ansioso de sobre as vagas verdes, onde, agora, um pequeno batelão a remos vogava a toda para terra. Estugava o passo com esforço, para colher as noticias dos proprios marinheiros, fallar-lhes, perguntar-lhes de onde vinham, e se tinham apanhado a tormenta. Mas o atalho deprimia-se ahí até cahir na estrada do rei, distante ainda muitas braças dos cômoros, e o batelão, já contra a costa, sumira-se-lhe da vista, que, nesse instante, só alcançava uma esteira branca de espuma, smorzando saudosamente para além, sobre o mar ondulante.

No porto, um grupo de homiens agglomerava-se já em torno da pequena embarcação, em que vinham dous tripolantes do hiate e o contra-mestre Pedro, um rapaz dos Morretes, que lidava no mar de menino, e era muito conhecido e estimado em toda aquella visinhança. De pé, á pôpa do batelão, o grosso thorax possante atacado n'uma ampla camisa de flanela azul, com bello peito escarlata em fórmula de lyra e ornado de bolso, o bonet carregado sobre os olhos, gritou :

—Oh gente, cá estamos de novo ! Tudo a salvo... Felizmente, desta vez, ainda o mar regeitou-nos !

De um pulo déstro, saltou, distribuindo, aqui e alli, apertos de mão, fallando a um e a outro, todo risonho, n'uma rude expansão de marítimo. E, avistando o Lemos á porta da venda, rotundo e rubro, na sua camisa de algodão grosso :

—Olá ! Olha nua bella piuga da *branca* !

E rompeu, praia ácima, a fortes passadas gigantes, que faziam cantar vivamente, sob as solas das botas rijas, a alva arcia escaldante.

A Maria Virginia chegou á praia exhausta, offegante, as pernas tremulas, quasi a cair de fadiga. Quando entrou na venda, o contra-mestre Pedro, cercado de povo, a physionomia animada, loquaz e gestienlante, perorava, com ardor, sobre o temporal.

—Havia muito tempo, dizia, não se sabia de tamanha borrasca ao Sul. Nem na costa da Laguna, nem em Itajahy, nem na barra do Rio Grande... Faziam já vinte annos que elle se batia com o mar, em innumerás latitudes, soh aguaceiros e trovoadas medonhas; mas, jámais vira tanto vento e tamanhos vagalhões. Verdadeiras montanhas d'agua, deslo-cando-se, esbarrando-se fragorosamente em explosões de espuma... Bordejava para fóra, na Barra Velha, quando a lestada cahiu. A principio, aguentou-se com ponceo panno—vela grande nos rizes e bujarrona, —a ver no que dava aquillo. Mas o hiato era um cabrito, saltava, empinava-se, investia na vaga, ameaçando ir a pique. Tentou uma arrilhada, porém a costa toda sumira-se. Nevoeiros densos amortalhavam tndo, carregados de cinza. Então poz-se á capa, e toca a rolar para ali... Seis dias e seis noites vogou perdido, aos tombos, sobre as aguas hiantes... Ninguem parava, niuguem dormia, no meio do torvel-linho... Até que, naquella manhã, a borrasca amai-

nara de todo, e, sem saber como, por um acaso imprevisto, quasi um milagre, avistou terra, por barlavento, á distancia de millhas. Reconheceu logo o Arvoredo, o Inglez, e puxara todo á bolina. E alli estava, felizmente, forte e perfeito, com essa casca de nóz do *Andorinha* e toda a sua companhia...

Quando elle acabou, a Maria Virginia, que ouvira tudo attentamente, immovel, muito pallida, o coração palpitante, acercon-se, por entre os homens. E, saudando-o, n'uma voz doce e tremula, cheia de emoção :

—Então, por aqui, depois de tantos trabalhos, hein? Que desgraças por este oceano !... E que grandelestada, nem o temporal de Março de que fallava a mãe ! Nunca se vira uma cousa assim ! Alli, no arraial, fôra uma calamidade, parecia que era o fim do mundo ! E como elle escapara, após tantos perigos, tantas afflicções ? Só por Deus, só por Nossa Senhora dos Navegantes !

—E' verdade, Marica, graças ao Pai do Céu, escapámos...

E, n'um gesto da sua mão herculca, descobriu-se, deixando ver a bella testa tisonada, toda aureolada de espessos caracões castanhos.

Em seguida, ella contou-lhe, n'um grande abalo intimo, em phrases entrecortadas e soluçantes, os lindos olhos negros arrazados de pranto, que o que a levára até alli fôra a profunda ancia em que estava por "alguma nova" do Siqueira, que se fizera ao mar um dia antes de cahir aquelle "inferno de tempo"...

De certo, andára rolando tambem, aos trambolhões, por esses mares de Deus... E, quem sabe, o que lhe teria acontecido sobre essas ondas ensanha ? Desde que aquillo desabára, não parara

Um instante, inquieta, n'um desespero continuo, passando os dias e as noites junto ao oratorio, rezando. E não sabia por que, mas, "por dentro," uma coisa lhe dizia que tinha havido um desastre, alguma desgraça, pois sentia como um "peso" terrivel sobre o coração . . .

E desatou a chorar alto, perdidamente, batida de uma rajada de dôr.

O Pedro, com a sua bondade de gigante, a sensibilidade incomparavel e santa de todos os marujos, cujas almas vivem perpetuamente carregadas de amor, de ternura, da nostalgia sem fim do oceano, ficára logo com os seus grandes olhos azues mareados de lagrimas. E, atarantado, n'um enleio, n'uma perturbação, mal podia dizer boeigamente :

— Que, infelizmente, não encontrara um só navio, uma unica vela, durante a terrivel viagem, mesmo porque era impossivel distinguir coisa alguma em meio a cerração. Mas que não se amofinasse, não perdesse a esperança. O Siqueira era um marinheiro ás direitas. Conhecia o mar inteiro como as palmas das mãos. Depois, o *Espadarte* era navio de aguentar todo o tempo. Aquillo era seguro como um rochedo. Para elle não havia vagalhão. Certamente a lestada fôra de tremer, mas não faltavam recursos para um bom mareante. Havia a capa, havia o encalhe em um costão de remanso, e se nada d'isso servisse, era dar á pôpa e deixar-se levar sobre as aguas, aos trancos . . . Não ! Que ella não pensasse em desgraças ! Era uma tolice ! O Siqueira, áquella hora, talvez estivesse chegando ao Rio Grande . . .

Sob estas palavras, que lhe caíam docemente n'alma, como um allivio, uma consolação, a Maria Virginia foi pouco a pouco serenando, e, de repente,

lembrou-se que os pequeninos, os filhos, tinham ficado sósinhos lá em cima com a mãe, eitada, que vivia paralytica, a um canto, quasi sem se poder mover. Immediatamente, apressou-se, e despedindo-se :

— Ora, ha de ser o que Deus quizer. . . E adeusinho, Pedro ; até depois. Olha, apparece lá em casa. Assim que pudes, dá uma chegadinha ao morro. A mamãe ha de gostar de te ver . . .

: E sahiu correndo, n'um movimento adoravel dos quadris eheios, da cinta estreita e do lindo busto alto, onde o seu pescoço bem feito e o moreno rosto esculptural se erguiam delieiosamente, no meio da luz radiante.

II

D'ahi a quinze dias, pela manhã, espalhava-se por todo o Inglez a lutuosa noticia de que o *Esperante* tinha ido a pique, uma madrugada, a vinte milhas do cabo de Santa Martha, tendo perecido a'elle o contra-mestre, o gageiro-grande e o capitão Siqueira.

Soubera do caso o filho do Patesca, que viera da cidade, onde estivera com os tripolantes que haviam escapado, e que de certo chegariam alli pela tarde, porque vinham por terra, de sitio em sitio, em procissão com a gavea, a tirar esmolos para uma promessa á Senhora dos Navegantes.

Um delles, o Manuel Figueira, narrara-lhe, na vespera, como se dera o naufragio. O navio abrira agua, um dia antes do sinistro, com dons mares de travéz, que o alargaram de pôpa, ao desfazer de uma capa. Mas,

com as bombas a trabalhar incessantemente, aguentara ainda até á noite seguinte, em que a guarnição, já exausta, largou tudo por mão, e o brigue entrou a se sentir mal sobre as vagas. Os marinheiros começaram então a tratar da salvação, ensaccando provisões, entronxando a roupa, arranjando os objectos nauticos mais necessarios—remos, velame, cabos—safando ao mesmo tempo as tallias do escaler pequeno e da lancha grande de carga, afim de poderem arrial-os ao primeiro signal. E as horas corriam, sob o fragor clamoroso do mar e a negrura densa da noite insondavel... De repente, um marinheiro, que descera ao rancho, deparou com o porão meio d'agua, e, voltando, correrá á ré, a dar parte ao contra-mestre, que estava ao leme, enquanto o capitão, a um bordo, contra a balaustrada, com os olhos fixados na noite e nas ondas, acenava, a espaços, com o braço, gritando : *orça! allicia!* para evitar as montanhas de mar, embatendo em assaltos gigantes... Nessa occasião, já o navio ameaçava sossobrar, em horriveis balanços. Elles, immediatamente, lançaram o escaler e a lancha fóra das amuradas, destacando o gageiro-grande para a pôpa, a prevenir o capitão de que tudo estava prompto a largar. Porém, nisso, um vagalhão terrivel inopinadamente rebenton sobre o salto, avançando, devastando tudo, n'um turbilhão formidando... Ouviram-se gritos... O brigue medonhamente enterrava-se, de alhêta, erguendo a prôa balouçante... Elles, allucinados, n'um estranho pavor, no meio do tumulto infernal, cortaram logo as talhas, e, a toda força de remos, aguentaram para o largo, á distancia... Quando o dia alvorou, já em calma, nada mais se avistou sobre o mar, além delles e do disco ermo e nostalgico do horisonte ao longe...

E a viva narração do marinheiro voava de bocea em bocea, electricamente, despertando enternecimentos e lagrimas pelas casas, os engenhos e os ranchos, e adquirindo, a cada nova edição oral, côres e linhas estranhas.

A' casa da Maria Virginia já haviam acudido os parentes, as amigas e toda a visinhança, e as portas e as janellas, levemente cerradas, deixavam escapar desoladoramente, apesar do bello sol da manhã, um côro abafado e lugubre de vozes soluçantes.

A pobre rapariga recebera o grande golpe afflictivo logo ao amanhecer, quando, como de costume, depois da tempestade, postada no paredão do terreiro, esquadrinhava saudosamente, com um longo olhar melancolico, a linha clara do horisonte. Levára-lhe a dolorosa communição uma comadre sua, a Josepha Dutra, que passara ainda escuro pela casa do Patesca, onde se detivera a tomar o "aparado" e a descansar da longa caminhada que trazia, desde o cantar do gallo, lá do Rio Vermelho, onde estivera em busca de remedios para o marido, cahido com as sezões, havia dous mezes.

Desde esse instante até áquella hora, a Maria Virginia se debatia em gritos, n'uma ancia e n'um desalinho, na agitação do desespero, inconsolavel, aturdida e perdida no fimdo da sua dôr. Todos cercavam-a affectuosamente, procurando acalmal-a com palavras mansas, meigas, enternecidas, que envolviam uma immensa consolação de carinhos — palavras deliciosas, palavras santas, que são, na desgraça, como um vasto manto aconechegante de plumas e um suave, incomparavel balsamo bemdito !

A casa inteira parecia tambem envôlta na rajada sinistra, em meio á desolação. De todos os lados, de

todos os cantos, erguia-se, fúnebramente, na desordem das cousas, como uma levada tumultuosa de sofrimentos, que se desprendia do choro inconsciente das criancinhas orphãs e do soluçar rouquejante da pobre avó paralytica. Até na cozinha as velhas pretas da casa faziam um côro vivo de pranto. E a immensa afflicção deste lar humilde echoava lutosamente por aquellas cercanias, onde, como em todos os sitios, a vida corre docemente enlaçada, na solidariedade fraternal de uma mesma familia, compartilhando igualmente as alegrias e as privações.

Mas o dia encaminhava-se para a tarde e a luz desbotava lentamente n'um dourado esvaído. Pelos morros, distinguíam-se magnificamente os grandes lençóes coloridos das roças, onde predominavam intensamente o verde-negro da mandioca e o louro secco dos milhos. E na serenidade do ar erguia-se, por vezes, um vago tremulo amoroso de campesinas cantigas. Pela costa, canôas de rêde, na faina intensa da pescaria, iam traçando incessantemente, sobre a lousa verde do mar em calma, longos hieroglyphos de giz. Pequenas velas ao longe abriam melancolicamente o triangulo claro e vogador da sua aza ali-gera. E no horisonte além, a saudosa neblina de perola das aguas longinquas...

De repente, vozes frescas de rapazes estalaram lá em baixo, no caminho :

— Olha uma vela de navio ! Olha uma vela de navio ! E' a gente do *Espadarte*... Ali vem !

E logo a noticia de que os naufragos tinham chegado espalhou-se por todo o Inglez.

Effectivamente, na encruzilhada da praia, de onde partia um ramal de estrada branco e arenoso, estendendo-se pelo littoral até á Ponta das Can-

nas e á Cachoeira, um grupo triste de homens, descalços, em camisa, o bonet sob o braço, as calças arregaçadas, apertadas na cinta escarlata dos marujos, avançava, conduzindo á mão, pelas carregadeiras, o panno grande de uma verga. Mólhos de rosas e palmas, deitados de certo por mãos piedosas de roceiras-trigueiras, na passagem pelos sitios, perfuniavam, enfeitavam risonhamente aquella velha lona, que fôra outr'ora, no alto das mastreações, tão amada pelos ventos.

O prestito caminhava cantando. Era uma dessas canções embaladas e monotonas, de uma cadencia acre de onda em tormenta, implorativas, convulsas, anciosas, de uma nostalgia sem termo. Cada estrophe-dizia, primeiro, o rugir dos ventos, o espumar dos vagalhões em furia, o despedaçar dos lenhos; depois, os gritos, as pragas duras, bláspemas, os fundos desesperos da marinhiagem impotente, em lucta brutal com os elementos. Mas o estribilho rhythmado e frequente, tinha uma mansidão supplicante, o ancian resignado de intimos soffrimentos, a doçura suavissima de uma préce plangente :

“Senhora dos Navegantes,
Amparai-nos lá dos céos :
Que por todos os quadrantes
Acalmem-se os escarcéos.”

De vez em quando, em frente ás casas, a vela parava, e um marinheiro se destacava, abordando as janellas ou as portas, de barrete estendido, esmo-lando. E as moedas negras de cobre e os nickeis radiantes, surgiam de toda a parte, cahindo de mãos femininas e brancas, n'um rapido gésto espontaneo.

Uma aglomeração de rapazes e homens cercava logo a companhia, e os conhecidos e amigos inquiriam-a candidamente, pedindo noticias, pormenóres do sinistro.

As familias dos naufragos que moravam distante, lá para a Lagoinha, desciam em direcção á praia, n'um alvoroço, para abraçar os pais, os maridos e os filhos. Havia por isso, em todo o arraial, um movimento de romaria. E quando algum dos marinheiros avistava os seus entes queridos, o seu lar, o bem maior da sua vida, desprendia-se, por instantes, do lutuoso cortejo, e eram então abraços ardentes, choros de emoção e de alegria, nas porteiras, nos terreiros, sob as ramagens verdes dos caminhos...

Mas logo a vela proseguia, naquella peregrinação dolorosa.

Ao chegar á venda do Lemos, uma multidão de ajudantes, camaradas das rêdes e alguns tripolantes do *Andorinha*, que ainda permanecia no porto carregando — correram ao encontro dos naufragos, ruidosamente, n'um jubilo :

— Oh Antonio ! oh Figueira ! oh Constancio !...
Então por aqui, depois de tantos perigos ?... Ora sempre Deus era grande e tinha compaixão dos infelizes !...

— E' verdade, gente. Mas lá ficou o nosso capitão, lá ficaram o Samuel e o Justino, coitadinhos ! Quem diria que tornaríamos sem elles ! O que era o destino...

E dos olhos de todos aquelles maritimos, raiados de sangue pela refracção solar do oceano, nos tombadilhos, as lagrimas corriam, duas a duas, silenciosamente...

Lá em cima, no morro, a Maria Virginia, a essa

hora mais calma, mais resignada, naquella quasi consolação de poder ver ao menos a vela do navio do marido, queria por força descer a baixo, ao caminho. Mas os parentes e as amigas protestaram, oppuzeram-se :

—Que não ! Que não ! Pois se a vela ia passar por alli, porque tinha de ficar aquella noite na ermídnha da Senhora dos Navegantes ! Não. Que tivesse paciencia. Esperasse um instante. Ella viria...

Com effeito, o panno do brigue ia ser depositado alli até o outro dia. O Figueira já fallara ao sachristão, e este apressara-se logo a subir á capellinha, cuja porta abria-se agora, lá no alto da montanha, dominando as praias, as ilhas, todo o occano, como nas manhãs claras de missa.

Mas o sol rolava já no horisonte, n'uma barra de nacar. A planura immensa das aguas resplandecia a oeste, maravilhosamente, como um tablado estranho de pedrarias. Canôas ao longe corriam, com velas de purpura, sob a luz fugidia, evocando feéricamente o esquisso luminoso de uma remota marinha phenicia, singrando, n'um poente vermelho, o setim do mar de Tyro. E contra a costa arenosa e limpida, fechada a um lado pelas rochas altas do Rapa, cobertas agora de uma fascuração sanguinea de mica, o cahir lento e melancolico de uma poeira de nankin, onde se distingiam soffredoramente, n'uma ethral agonia, os primeiros lilazes e lyrios das Ave-Marias...

Então, os naufragos apressaram-se, e, arrumados á vela, de onde as rosas e palmas pendiam, já murchas e tristes, como sobre um panno de esquife, tomaram o tortuoso e empinado caminho que levava á ermídnha. E, de novo, repetidamente, o estribilho

sonoro da canção marítima ecoou pelo ar, manso, supplice, plangentissimo :

“ Senhora dos Navegantes,
Amparai-nos lá dos céos :
Que por todos os quadrantes
Acalmem-se os escarcéos.”

Em frente ao terreiro da Maria Virginia, o prestito estacou. Uma agglomeração de pessoas tomava ali a estrada, n’uma attitude compungida. E logo, da casa toda aberta e em sombra, rompeu uma orquestração elamorosa de chôros e gritos. Dentro, a pobre rapariga debatia-se, n’uma angustia sem nome, em meio aos braços das amigas, que a conduziam carinhosamente para uma janella, procurando impedi-la de sahir ao caminho, dizendo-lhe docemente :

— Olha d’aqui ! Olha d’aqui !

Porém ella, desatinada, convulsa, n’um nervosismo, retorquia-lhes :

— Não ! Não ! Deixem-me sahir ! E com a idéa sempre fixa no marido : — Quero ir beijar ao menos a vela que lhe escutou o ultimo suspiro...

E, desprendendo-se de repente, atirou-se para a rua, como uma lonca, por entre a multidão estarrecida.

Foi então uma scena commovente, tristissima. Todos, em volta, tinham os olhos rasos d’agua, as pessoas do povo, como aquelles velhos maritimos.

E a Maria Virginia, de joelhos, abraçada á vela, toda banhada em pranto e agitada por soluços que a saudiam intermittentemente, beijava a velha lona naufraga, beijava-a, como n’uma ardente e extraordinaria consagração divina. A sua voz, a espaços,

debilmente vibrava, tremula, entrecortada, afflictíssima, no meio do pesado silencio solemne de sacrificio biblico :

— Ai ! que dôr ! Ai ! que dôr !... Virgem Santissima !...

E como ella se delongava somnambulamente, nessa genuflexão de martyrio, o rosto desfigurado, muito branco, como quem vai desmaiar em estasis — os parentes acudiram, arrancando-a piedosamente d'alli.

A vela, sempre acompanhada de povo, pôz-se outra vez em caminho, embalada pelo rhythmo sonoro da canção, cujo agro estribilho augmentava agora de dolencia monotoná...

Nesse instante, o crepusculo cerrara-se de todo, amortalhando os longes, as montanhas e as aguas, com os seus grandes véos mortuários de cinza.



A CABRA-CÉGA

A LAUDELINO FREIRE

O rosado vivo do crepuseulo desmaiava já n'uma pallidez fria que um azul-ferrete invadia; quando o André, depois de arrumado o gado, de porrete em punho e chapéo ao lado, encaminhou-se, cantando, para a Varzea de Baixo, onde o engenho do tio Luiz Dutra, de fôrnalha acesa, bulhando de alegria, farinhava para todo o anno.

Ia lentamente escurecendo. Um gelado sopro do Norte desloava-se, rijo e sibilante, do pendor alcantilado da serra. E, de vez em quando, fortes rajadas, cortantes como laminas afiadas, passavam, rastejantes e furiosas, arripiando as arvores e enchendo de nua zoeira lugubre a planicie. No alto, do amplo azul curvo e esgazeado do Espaço, pendia e scintillava uma prateada e deslumbradora florescencia de estrellas, que a Via-Laetea brandamente nevava e atravessava em faixa.

Ainda em caminho, já quasi ao chegar á encruzilhada que ia dar ao engenho, o André ouviu bem clara no ar a voz melancolica e sonora do forneador, cantando a *Bella menina*, e as frescas e tilintantes risadas das moças, d'entre as quaes sobresahia, lim-

vida, sympathica e doce, a da Francisca, a filha mais nova do tio Luiz.

E, estugando o passo, ancioso por chegar de uma vez, avistou logo adiante o clarão avermelhado do forno do engenho, que projectava-se através da porta, largo e suavissimo, illuminando transversalmente o terreiro arenoso e branco, onde dava grandes latidos roucos, ao sentir barulho de gente, o *Filá*, o velho cão de guarda da casa.

Explosiram de novo as castas risadas das raparigas, que atravessavam aos pulos, com as saias ao vento, a claridade viva da porta.

Brincava-se a cabra-céga.

O André, assim que chegou, mal pôz o pé no portal e deu boa-noite a todos, fazendo um gesto de longe com a mão direita aos labios, para pedir a benção aos tios, que penciravam n'um côcho massa para beijús, raspon-se logo a ter com as raparigas, que bregeiravam escondidas pelas hervagens, pelos cafezeiros e laranjeiras proximas, enquanto nma outra, baixota e de grandes ancas carundas, vendada nos olhos com um lenço arrocheado em volta da cabeça, procurava-as por toda a parte, com um tacto incerto e desageitado de cego, estonteada, ás apal-padelas.

Então o André gritou que queria tambem entrar na brincadeira, e, disparando em seguida, foi aco-corar-se n'uma das empenas do engenho, dando o signal de "ticar," fazendo — *uh-uh!* E, por um descuido e uma facilitação de rapaz adestrado e manhoso, foi-se deixando ficar parado, até que a rapariga, casualmente, o pegou pelas costas, vocalisando sonoramente :

— Está tico ; tiquei !

Todos correram então para a canzola, n'um grande alarido de satisfação ; e a Francisca Dutra, a mais galante e desembaraçada da roda, a bella namorada do André, sahiu á frente, e desatando o lenço do rosto da Joanna, amarrou o nos olhos d'elle, com segurança, a grandes nós rijos, atraz da cabeça.

Depois, batendo-lhe de mão espalmada nas costas, na attitnde inquieta e livre de quem quer fugir, com um aspecto de gazella arisca, deitou a correr com as companheiras para trás do engenho, após ter quebrado violentamente na grossa nuca do rapaz, com o seu bom halito quente e perfumoso, as velhas e tradicionais palavras cabalísticas, que a gente sabe tão bem de cór na infancia :

— Cabra-éga, de onde é que vens ?—Venho do Moinho.—O que é que trazes ?—Um saquinho de farinha.—Dá-me um bocadinho.—Não te dou, não !

E ditas estas palavras, muito entrecortadas de riso, sob a pressão suave da derradeira palmada do jogo, que manda partir immediatamente os que se vão esconder, o rapaz botou-se a toda, na direção ruidosa das saias esvoaçantes.

Atravessou-lhe, então, o espirito, como nma lava, uma idéa deliciosa de amor : perseguir a Francisca, a adorada amada, agarral-a, abraçal-a e beijal-a allí, sofregamente, sob as ramagens. .

E, seguindo o *frú-frú* guiador do seu rastro, com o coração aos saltos, sob aquella lembrança ineffável, atravessou a correr pelos fundos do engenho, onde estacou subitamente ante a presença embaraçadora de umas sébes altas, que floresciaam vigorosamente ali, impedindo a passagem por aquelle lado. Desesperado, tentou arrancar o lenço, mas não o conseguindo, pela segurança com que lh'o tinham amarrado, começou a

tactear as ramagens nervosamente, respirando a longos haustos, e dando de repente com uma aberta na verdura, onde lhe parecem que um rumor se aninhava, avançou logo precipitadamente, n'um grande alvoroço...

As bananeiras, perto, farfalhavam melancolicamente, com as franjas tremulantes, á rajada do vento.

O André, de um impeto, rompeu a rebuscar as moitas entrelaçadas, quando esbarron com um corpo de mulher agachado, e julgando que fosse a Francisca, todo tremulo e emocionado, as mãos escaldando, n'uma arrebatção, foi apalpando-o, enlaçando-o carinhosamente—a alma em febre, offegante, n'uma saciação frenética de beijos, pela nuca, pelo seio e pela cara.

A mulher, então, desandon a berrar como uma louca, esganiçadamente, e elle, estranhando-lhe a voz sibilante e desafinada de velha, solton-a logo, assustado, nervoso, n'uma “entaladella” medonha, arrancando o lenço dos olhos atrapalhadamente, n'um panico, n'uma perturbação, arranhando a pelle do rosto trigueiro com as suas grossas mãos, duras e calosas de lavrador.

E ao reconhecer que era a mulher do Domingos Théa, o *Cara Feia*, como o chamava o povo, pelo accentuado feroz das suas feições, sempre afiveladas n'uma seriedade carrancuda e hostil de assassino—um bruto que só de um murro matava-o!—abandonou tudo e deitou a correr para a estrada como um cão perseguido.



O VELHO SUMARES

AO ALMIRANTE JUSTINO DE PROENÇA

I

O *Galgo*, tomada a última barcada de negros, fizera-se de vela. Bordejava ao terral da madrugada, na pequena enseada de Ambriz, os pharões apagados para escapar aos cruzeiros inglezes e ganhar o mar alto, onde ninguém o vencia. As primeiras barras do dia começavam a clarear, para os lados de terra, e o navio, ainda entre pontas, não conseguia fazer-se ao largo. No tombadilho, passeiando de bombordo a boreste, o velho Sumares praguejava, porque o vento ia escasseando. O brigue caturrava lentamente na vaga, e elle olhava preocupado o horizonte a oeste, sondando-o, com um longo olhar inquieto, através da obscuridade...

II

Das trinta e seis perigosas viagens á Costa, nenhuma lhe custara como aquella. A' saída do porto, pegára logo uma lestada que arrebatára um mastaréo, inutilisando-lhe um homem, e fazendo-o rolar, durante oito dias, aos trambolhões, á capa. Depois, fôra aquelle "raio do diabo" do *Contest* perseguinto-o,

na ultima semana, com uma tenacidade formidavel, até á mite-vespera, em que conseguiu escapar, graças á intensa escuridão da noite, na bahin de Biafra. Ainda sentia subir-lhe o sangue á cabeça, n'uma onda de raiva, á lembrança daquelles sete dias perdidos, de continuas e trabalhosas manobras, ora escondendo-se nos recantos da costa, ora sumindo-se nos vagalhões do alto mar. E, todas as manhãs, sempre á vista, as velas perseguidoras do maldito cruzeiro !

Carregára, durante dois dias e duas noites, n'um sobresalto, sem arriar ferros, só com um ancoróte, prompto a suspender no primeiro signal. E, pela primeira vez, sentia-se fatigado dos seus setenta e seis annos de mar.

Porque o velho Sumares nascera no oceano, na altura das Canarias, na camara de uma galera das Indias, nua alegre manhã atlantica de mar manso e céu claro. Seu pai, o capitão de bordo, era um famoso nautico, descendente de uma antiga familia de maritimos do Algarve. Chamava-se Manuel Sumares, mas era conhecido, entre os capitães portuguezes do seu tempo, pelo *Manuel Mastro*, em virtude do seu porte teso e agigantado, do excepcional sangue-frio e da grande força muscular. Nunca tremera diante do perigo, nem sentira a fadiga das viagens. Piloto muito moço, apenas tirára a carta, começou a comandar. A mulher, que o acompanhava sempre pelos mares, uma robusta filha de pescadores da Póvoa, morena e planturosa, com uns olhos negros esplendidos, fôra creada nas praias, aos ventos salitrosos do oceano e ao cadente rebentar das vagas. Tivera seis filhos homens, dos quaes os tres mais velhos, ainda annito tenros, começaram a labutar sobre as agnas.

Casára aos quatorze annos e sahira logo a viajar. Muito forte, muito corajosa e saudavel, nas constantes viagens, vivia sempre em cuna, no tombadilho, ao lado do marido, acompanhando o movimento das manobras com intrepidez masculina. Isto fazia com que os marinheiros, nas palestras intimas do rancho, a tratassem sempre pela *Velha Nautica*.

O Sumares herdára do pai a gigantesca estatura, a calma extraordinaria e a possança viril de musculos, coroadas por uma intelligencia natural e um incomparavel espirito de aventura. Da mãi, recebera a belleza cinzelada do busto e os grandes olhos nankinados, imprimindo uma radiação e um encanto á larga physionomia arjana, emmoldurada em bella barba basta e n'uma espessa cabelleira ondeada. Aos quinze annos, todo imberbe, era lindo, forte, esculptural, lembrando o filho de um pescador do Pireu, ou um antigo grumete dos Argonautas.

Bem novo ainda, com pouco mais de dez annos, entrára a servir, como moço de convés, sob as ordens do pai, revelando desde logo extraordinaria vocação para a vida do mar. Assim fizera numerosissimas viagens. Foi em Santa Catharina, onde naufragára n'uma sumaca portugueza que ia para o Prata, que obtivera o seu primeiro commando, n'um palhabote da pequena cabotagem. Tinha então vinte annos.

As viagens eram para o Rio Grande do Sul, e, em uma dellas, o Sumares realisava inesperadamente a sua primeira aventura, salvando, com risco de vida, sob um pampeiro forte, a tripolação inteira de uma barca ingleza, naufragada na barra. Volveu-lhe esta "africa" uma medalha do governo britannico, acompanhada de um riquissimo binoculo de *master*, com uma inscripção e o seu nome nes

cylindros dourados, onde se fallava da Rainha Victoria e do Almirantado.

Este facto e outros, numerosamente occorridos em toda a costa durante aquelle inverno de tremendas borrascas, déram-lhe, desde logo, nas duas provincias do Sul, uma grande notoriedade. Só se fallava então no capitão Sumares.

Depois, nos navios de longo curso, que iam continuamente ás Antilhas e á America-Central, para onde se encarreirára, fez, com o seu immenso prestigio de marinheiro genial, prodigiosas salvações no mar. E, entre todas as viagens alli, era celebre a temerosa travessia, sob o estourar dos cyclones, no Golfo do Mexico, onde sessenta navios sossobraram, só escapando elle, n'um velho patacho.

Mas a formação da sua estranha biographia, quasi inverosimil e lendaria, a que a imaginação popular dá cores phantasticas, sobrenaturaes, teve logar, com mais publicidade e ruido, quando capitão dos navios da Costa, no trafico dos escravos, onde occorreram inauditos casos. Ali enriquecera, logo no começo, a dous armadores do Desterro, com magnificas viagens, dando resultados consideraveis.

Como casára, porém, na familia Calado, uma antiga firma commercial, tambem armadora e agora, um pouco atrazada pelas continuas perdas no mar, nos ultimos annos — passou a commandar um dos navios da casa.

Escolhera, entre os quatro restantes, o *Galgo*, que fizera apenas uma viagem á Africa, e essa mesma com tanta infelicidade, que os inglezes o haviam apri-sionado, já na volta, depois de oito dias de singradura larga, levando-o com carregamento e guarnição para Santa-Helena, onde o abandonaram. O desastre:

se déra, porque o capitão dessa época, aterrorisado desde um temporal que apanhára pelo equinoxio, e que o obrigára a correr em arvore secca, durante um dia, aos boléos, sobre os vagalhões irados — tivera medo de puxar pelo barco, por causa do mar e do sul terrível que reinava, temendo-lhe o casco esguio, o enorme panno, a guinda desmesurada.

O navio era novo, de um modelo lindo, uma construcção rara. E o novo capitão, ao sahir a barra, pela primeira vez, no *Galgo*, puxando todo, contra o Norte duro, ás bordadas, reconheceu logo, pela excellente marcha, que “era uma espada.” Ao botar-se a *barquinha*, verificava-se sempre oito a dez milhas folgadas—á pôpa, á bolina ou a um largo.

Foi nessa viagem que o Sumares começou a série inedita e louca de aventuras que tanto o celebraram entre os capitães costeiros, e das quaes se sahi sempre triumphal, até áquella bem cercada agora de máus presagios...

III

Mas, claridades roseas, de tons vivissimos, começaram a alastar o céu. E o sol rompeu, n’um pasmoso esplendor tropical, fazendo destacar, muito vivas, as areias brancas da costa, as florestas á beira d’agua, e, por detraz, as montanhas cinzentas da Serra-Leôa, sumindo-se além, n’um esvaecimento nostalgico. A luz de ouro jorrante cobria de innumeras placas rutilosas a vastissima amplidão do mar. A oeste, o curvo e immenso horizonte se mostrava agora, deserto e longinquo, numa extensa linha azulada...

De repente, das aguas de Benin, dobrando o cabo de Palmas, ao noroeste, velas branquejaram. Era uma embareção de alto bordo.

O velho Sumares, á anurada, de binoculo em punho, observava attentamente o navio. Proava naquelle rumo, á grande distancia, por isso não podia distinguir bem. Suppoz, a principio, uma galera portugueza, de torna-viagem ás possessões na costa. Mas, ao virar de bordo, reconheceu que era um brigue, trazendo á mezera a bandeira ingleza arvorada : — Ah! com um milhão de raios, o *Contest!*... E mandou logo virar para o Sul.

IV

Todo aquelle dia seguiu-o, ameaçadoramente, como na ultima semana, a terrivel prôa, que só desapareceu ao cerrar da noite, mas cujos pharóes accesos brilhavam, através da tréva, espreitando-o sinistramente, como os olhos de um felino phantastico.

Pela madrugada o vento escasseou, e outra vez avistaram, á doce luz dourada do Levante, quilhando-lhes a esteira branca, sobre as aguas de sable, o temeroso casco. A maldita calmaria, tão conhecida naquellas paragens, começava. E o cruzeiro vinhalhes na alheta, já muito proximo, a menos de tres milhas escassas.

O velho Sumares receiava agora o alcance da artilharia que montava o navio, mas guardava o sangue-frio habitual, observando o menor movimento do inimigo. O piloto, no arco de gávea, procurava devassar o convéz inglez com o seu longo olhar.

E a guarnição do *Galgo*, de cima do castello, mirava, o sobr'olho carregado, a approximação do brigue.

Era colossal o vaso britannico, pelo seu comprimento, um enorme pontal, a alterosa mastreação, sendo que só as gaveas e os joanetes podiam dar para todo o panno do *Galgo*!

E alguns dos marinheiros, rudes velhos encanecidos no trafico, que tinham sido aprisionados de uma feita por um dos cruzeiros, lembravam-se ainda, com terror, ollhando o moustruoso navio, dos máos tratos e da cruel deshumanidade da maruja ingleza. Os que offereciam resistencia nas abordagens ou davam combate, eram içados, depois, nos láis das vergas, ou passados de mergulho por debaixo do casco, ou calabrotados...

— Um inferno! concluia o velho gageiro Domingos, o mais idoso da companhia. Só faltava matar-nos, trincar-nos os bófes... Excommungados! E alli estavam a seguil-os! Só se aquelle barco já estivesse com craca... Mas elle os ensinaria, aos patifes, deixassem estar! E demais com quem? Com o velho Sumares... Ora, os diabos!...

Os outros, que o ouviam, exclamavam enthu-siasticamente:

— Quaes quê! ao *Galgo* nem uma bala o pegava! Aquillo era um corisco p'ra andar! Déssculhe vento, que era o que elle queria! E que fossem bugiar os *cursarios*!

E fixavam o *Contest*, franzindo o beijo, com profundo desdem, como marinheiros que conhecem o seu barco.

O João Catharina, que subia do rancho para render o homem do leme, e que ouvira o fim da

conversa, gritou-lhes também, voltando-se, com uma das mãos á cinta, indireitando a fmea :

— O que, rapazes, o “ carroça ” ? Não dava p’ra nada... Pois se aquillo era peor que uma boia !...

Mas, á ré, o velho Sumares não tirava o bino-culo do barco. Parecia-lhe, inexplicavelmente, que o outro se approximava mais, apesar da calmaria. E intimamente pensava :

— Talvez effeito das correntes, das aguas...

Começava a estranhar, porém, o silencio das baterias já em alcance, quando, de repente, o piloto gritou para baixo :

— Fazem signal para atravessar !... Fazem signal para atravessar !...

Em seguida, um estampido grosso e rouco de canhão rolou sobre as aguas, que o sol a pino malhava.

— Ah ! os miseraveis ameaçam-nos ! rosnou o velho Sumares, vendo uma nuvem de algodão que se adelgaçava lentamente, cobrindo o brigue, á meia-náu.

Os marinheiros, pelas amuradas, á prôa, berravam, n’uma indignação :

— Olha os estupórus ! Vão balcar-nos ! Vão balcar-nos !

E, effectivamente, d’ahi a instante, os tiros repetiam-se, á bala.

O cruzeiro, todo em paño, entrando ainda para vante, estava já á distancia de braças. Agora, das enxarcias, dominava-se-lhe toda a vasta tolda : á pôpa, o commandante e alguns officiaes moviam-se loucamente, em manobras desesperadas, enquanto outros, ás baterias, mandavam o fogo.

Todo o horisonte em torno deserto, no seu grande disco nostalgico. E o mar, de altos vagalhões,

desviava as pontarias, arrancando pragas aos artilheiros furiosos.

O *Galgo*, quasi parado, na ausencia dos ventos, parecia entregar-se, n'uma fadiga de animal cansado, á explosiva fúria inimiga.

O velho Sumares, ao catavento, sob as balas cruzando o convés á ré, sem poder corresponder ao ataque, n'uma intima e intensa revolta de encolerisado, posto que exteriormente calmo, olhava, no meio do ranger zarro das vergas e dos mastros, onde o pano murchava, as evoluções do navio, sacudindo leoninamente a grande barba espessa e a bella cabeça alva.

O *Contest*, porém, não adiantava mais uma braça, meio atravessado, só atirando com os canhões de bombordo.

Durante duas horas o *Galgo* não fôra attingido; mas, de repente, uma bala atravessou-lhe as amuradas. Foi um choque horrivel, seguido de outro que despedaçou a lancha grande, nos picadeiros, sobre as escotilhas fechadas.

No porão, nesse instante, correu como a zoadá abafada de um gado preso, tumultuando. E guinchos loucos silvaram, entre-vante do mastro do traquete, pelo escotilhão acima. O contra-mestre, com tres marinheiros, arrancou logo o quartel gradeado, e desceram todos, de calabrote em puího...

O velho Sumares estremeceu, n'um desespero brutal, observando todos os movimentos contra a balaustrada. E logo grossas vozes de commando irromperam-lhe dos labios.

Os marinheiros acudiram immediatamente, galgando os enfrechates, no meio do fogo, gritando de espaço a espaço.

Pela primeira vez, nesse momento, o sangue

calmo do velho marítimo sublevava-se, naquella tolda rasa; mas sem o trahir, apesar do grande abalo.

As balas inglezas choviam, entretanto, sobre o tombadilho a jogar, carregando tudo, n'uma devastação formidavel: o espelho da pôpa, a gainta, as pipas da aguada...

E toda a companhia tinha agora movimentos attonitos, no fogo que augmentava.

O piloto, porém, á prôa, animava-a com a sua rude calma e alegre vozeria, mandando safar os ovens e brandâes que se despedaçavam. Era um rapaz dos Açores, de trinta annos, robusto e vivo, de uma intrepidez colossal. O velho Sumares conhecia-o desde menino e adorava-o pela sua coragem. Fôra isso que o fizera, ainda muito joven, genro e piloto do velho lobo do mar.

Mas a brisa do Norte começava a cahir fresca, e o *Galgo* augmentava já a singradura, quando acertou-lhe um balasio n'um mastro. Então, em todo o navio houve como um estremeção geral, n'um formidando ruido de derrocada—e pannos, vergas, mastarços e mastros entraram a fluctuar em roda, desfeitos, aos pedaços, como arrebatados n'um temporal. E, subitamente, vinte pulmões vigorosos estrugiram, n'uma explosão de pragas:

— Má raios os partam!... Covardes!... Má raios os partam....

Fôra o mastro-grande que rebentára, cahindo de través sobre o trincaniz, destruindo a borda falsa.

— Felizmente, ninguem apanhado! gritou o contra-mestre, que vinha para a pôpa, branco como a cal.

E o velho Sumares, junto ao leme, berrava, appletico, a bracejar :

— Salta á ré ! Salta á ré ! Com um milhão de diabos ! Safa... Safa...

A gente caliu, n'uma rajada, sobre os destroços da cordoalha, coalhando todo o convés, por cima da camara, e rompeu a cortar á machadinha e á faca os cabos, enquanto o navio atravessava, batendo as velas de prôa.

Sobre os vagalhões, em torno, boiavam, agora, sinistramente, pedaços de mastro, como despojos de um naufragio.

O *Contest*, que fôra deixado longe, cessára já de atirar.

A guarnição do *Galgo*, n'uma faina trabalhosa, safára, em poucos momentos, o convés, e o brigue, estaiado o traquete, virára logo, deixando tudo para traz, sobre o mar...

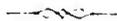
Quando o crepusculo se desenhou a oeste, alastrando o horisonte, n'uma illuminação dourada, já o terrivel caso britannico desapparecêra, como sosso-brado...

V

D'ahi a dias, n'uma esplendida manhã de sol e mar calmo, o navio, só com um mastro, entrava victoriosamente o Arvoredo. Fundeára na Ponta das Cannas, onde fôra lançado o carregamento, e no outro dia, á tarde, o velho Sumares seguiu para o Desterro, onde, desde o amanhecer, não se fallava senão no *Galgo*.

Por toda a parte, nas ruas e nas casas, o nome do celebre marcante seintillava, como o de um personagem plantastico, no meio das exclamações e dos commentarios. E durante mezes, foi essa extraordinaria viagem o assumpto mais querido das palestras entre aquellas populações da beira-mar, que têm toda uma sympathica predilecção pelas lendas maritimas.

O velho Sumares nunca mais embarcou, expirando aos noventa annos de idade, entre os carinhos deliciosos das filhas e dos netos, na sua pittoresca habitação da Arataca. E a historia da sua vida rude e aventureira ainda é hoje lembrada, com ineffavel ternura, na placidez venturosa dos serões, nos lares.



HISTORIA RUSTICA

AO DR. REMEDIOS MONTEIRO

Era já noite alta, quando o Zé Lirio transpuz a porteira, bebendo a cahir. Recolhia das Areias, do engenho do Gaia, ainda áquella hora acceso e ruidoso, onde uma multidão bailava e ria, n'uma alegria campestre, celebrando as bodas da Josephina, uma das filhas mais novas do velho lavrador. A rapariga casára ao entardecer, sob um poente de purpura e o dobrar dos eanarios nas ramagens dos caminhos. O noivo era um primo, ausente desde annos, longe, no Rio Grande do Sul, de onde ehegára havia semanas, a visitar a familia. Moreno e robusto, o rapaz encantava, pelo porte herculco, o sorriso limpido, o brilho negro dos olhos, a côr quente e viril do rosto tinto pelo sol do mar. Crescera e se fizera homem, como remador, no rude serviço da barra, onde ganhára algm dinheiro, passando depois a contra-mestre de hiate. Mal chegára ao sitio, apaixonara-se pelos eabellos donrados da prima, os seus olhos azues de longos cilios bastos, os dentes alvissimos, o corpo alto e primaveril, de amplas ancas virginaes. A prima correspondera-lhe logo ás caricias masenlas, abandonando para sempre o Zé Lirio, coitado ! que a adorava loucamente, desde muitos annos.

E, ajustado o casamento, tudo se consummára naquelle sabbado.

E alli, agora, n'uma desolação e n'uma angustia, na grande dôr do coração apunhalado, o Zé Lirio não ponde dar mais um passo. Tropeçante, as pernas tremulas, agarrando-se ás varas da estreita cerea que ia dar ao terreiro, separando o vasto pasto ao lado, foi-se arrastando até os degrãos de pedra da entrada, onde cahiu, preso dos soluços e das lágrimas, apezar da carga de alcool, a cabeça pendida, n'uma attitude alquebrada.

II

Todo aquelle dia levára a beber, n'uma longa inquietação, a cruzar na estrada, por defronte do engenho, onde havia uma animação desusada. A's vezes, sem ninguem o ver, dando volta pela Varzea, mettia-se no extenso mandiocal da empena, que ia até o campo, e ficava horas e horas a espreitar, agachado sob as ramas verdes tremendo ao vento. D'ahi, por debaixo das frondes do laranjal e do cafezal em redor, entre os troncos erectos, descortinava as paredes barreadas dos fundos e o terreno arenoso onde a ereação se agitava vivamente, cacarejando, sob a luz de ócre ardente. Na varanda linguarejava-se, n'uma algazarra adoravel. De vez em quando, raparigas da visinhança, que tinham ido ajudar os preparativos da festa, e a Josephina, atravessavam, n'um rumor alegre e chalrando, para os lados da fonte. No cercado da horta, saias brancas engommadas fulguravam ao sol.

Então, enternecido e accommettido de dolorosa saudade, entrou a lembrar-se dos tempos felizes em

que começou a frequentar o engenho. Fôra por umas farinhadas, havia dez annos, tinha elle dezoito. Um dos filhos do Gaia adoecera das bexigas e elle fôra ajudar a fornear. Era n'um inverno de grande geadas. Em todos os cantos tiritava-se. E as raparigas, que raspavam a mandioca, logo ao escurecer iam empoitar-se para ao pé do forno, junto ás brazas dos tóros, cujas labaredas vermelhas e risonhas aqueciam e clareavam a casa, mais que as chammasinhas mortças das antigas candeias de azeite, ardendo penduradas aos altos páus do apparelho.

E a Josephina, que andava ainda pelos doze annos, mas muito desenvolvida, com os seiosinhos nascentes espetando o largo corpete de chita, os lindos olhos de um azul humido e novo, a cabeça coroada de esplendidas meadas de ouro, cahindo-lhe pelas espaldas eburneas até á curva deliciosa e esculptural dos quadris — entrou a preoccupar o seu coração, ainda virgem e são como as estrellas, dominando-o, imprimindo-lhe sensações e sonhos que lhe faziam pulsar mais forte o sangue nas veias.

Nascera-lhe de repente uma grande alegria, uma grande esperança, com estremecimentos nervosos, as impetuosidades meigas dos que acordam para o amor.

A rapariga, na intimidade do trabalho e naquelle concheo magnífico e constante dos engenhos, pelas invernias bravas, portas fechadas ao Léste cortante desde a tardinha—olhava-o sempre affectuosamente, sorrindo, admirando-lhe o thorax rijo e socado de roceiro, cujos braços possantes, durante as longas fornadas, moviam a pá, sem descanso. Elle olhava-a também, timidamente, furtivamente, n'uma immensa candura de cão. E todas as noites os seus olhares

veavam de um para o outro, com inefável ternura, á luz da fornalha crepitante...

Mas, decorreram os mezes, a mandioca acabou, O trabalho daquelle anno findára. A sua paixão porém, tornára-se mais intensa, e elle, muito estimado pelo Gaia e a familia, não sahia do engenho, frequentando-o á noite, nas palestras carinhosas dos serões...

No anno seguinte, pelas novas farinhaçadas, já a affeição de ambos tinha uma reciprocidade mais intima. Fallavam-se a sós, sem os acanhamentos, as hesitações dos primeiros tempos. E, a certa hora, de dia, davam-se *rendez-vous* ingenuos, á sombra das ramagens, no pomar, ou junto ás pedras da fonte, mutuando confidencias infinitas, desviando-se os olhares, n'um embaraço rustico, que os tornava escarlates, apezar da frescura que se erguia do espelho verde d'agua, onde, muitas vezes, o salto inesperado de uma rã os fazia debandar, n'um temor.

E fôra dentro daquelle horta, que ella lhe dêra o primeiro heijo, uma manhã de festa, quando colhia rosas para Nossa Senhora. Ainda lá estava, cobrindo toda uma parte da pequena cerca, erguida victoriosamente para o cêo, nos braços frondentes e altos do cinnamomó, com as suas innumeraveis corollas amarellas radiando como astros—a velha roseira da India, que tanto os cobrira com o seu esplendor e fragrancia. Como a sua vida correrá tão placida, então !...

E, n'um desfallecimento e n'uma angustia, rompia a chorar por momentos ; depois erguia-se, n'uma furia, os olhos raiados de sangue, os punhos cerrados, ameaçando a casa por entre as verduras. E afastava-se, resmungando, n'um nervosismo, quebrando brutalmente com os pés a rama teara que lhe impedia o caminho.

A' meia tarde, quando começavam a affluir ao engenho os convidados, encaminhou-se para a venda do Justino, na Rua Velha, por onde tinha de passar o noivado. Ali chegavam já os primeiros rapazes para a costumada algazarra da noite.

O Zé Lirio entron, praguejando, todo sujo, os cabellos emmaranhados, chapéo carregado sobre a fronte, as feições amarradas, e, dando "boas tardes" a todos, foi sentar-se a um canto, pedindo caehaça. Tinha a larga face cavada, engelhada, a barba revolta, e os olhos reluziam, negros e inchados nas orbitas, com uma luz desvairada. De repente recaihiu n'um silencio, e, com o braço apoiado ao balcão, parecia dormir.

Ninguem ousava fallar alto, temendo-lhe as amplas espáduas possantes. Apenas alguns, mais afastados, commentavam baixo o "caso" do pobre rapaz, com palavras de compaixão e affecto.

Mas, subitamente, as crianças que andavam a traquinar no terreiro, romperam a gritar, n'um alarido infantil :

— Olha o casamento ! Olha o casamento !

Todos correram para a porta, quando o Zé Lirio ergueu-se, de um salto, de faca em punho, investindo para a estrada, berrando :

— Ah ! que os mato !... Canalha !...

Foi uma debandada e uma balburdia de miſ demonios. Mas o Justino, que tinha uns musculos de touro, um homemzarrão, outr'ora tropeiro e domador, pulou-lhe em cima, com uma presteza louca de gato, e agarrou-o de um impeto, enlaçando-o pelo thorax e empurrando-o, aos trambolhões, para o fundo da venda.

Agora, de toda a parte, acudiam pessoas.

No prestito festivo, enfrentando a casa, já de volta da igreja, houve como um frémito, uma perturbação que o fez estacar, empallidecendo a todos, em presença do motim. O noivo conservava-se, porém, impassível, herculeo e erecto, no seu frack preto cheio de dobras; mas, a seu lado, a noiva, parecia tremula e de cêra, sob a tulle tenue do véo.

No ajuntamento que se adensára em volta, vozes clamavam:

— Não é nada, gente! É' o Zé Lirio com a *ranna!*

O prestito recomeçou a sua marcha, enquanto lá nos fundos da venda, o rapaz, n'um desatino e colérico, tentava furiosamente desprender-se dos braços poderosos do outro.

A' noite, já de todo accommodado, o Zé Lirio soltara-se para as Areias. A lua cheia mostrava o disco além, por cima dos montes da Cachoeira, lavrada e branca como uma salva de prata, voltada para os campos, vertendo um polvilho de claridade. O rio, lá em baixo, no seio chato da planície, estendia uma larga faixa rutilante de nickel, comida aqui e alli pelo mangal denso das margens. Nos massiços de folhagens, cujos cimos escorriam humidade lactea, a brisa algida do Norte gemia melancolicamente. Do alto espaço azulado, as estrellas lançavam scintillações de diamantes, em poeiras innumeraveis. E jámais a profundidade dos céos pareceu conter mais densa nuvem de pó luminoso.

O Zé seguia, de cabeça inclinada, pela fita clara e arenosa do caminho, correndo entre sêbes, ruminando a sua dôr, no cruel despedaçamento de todo o seu ser. E essa noite admiravel, sob a qual caminhava com o desespero no coração, parecia-lhe

pungitivamente uma tremenda ironia da Natureza, sempre indifferente e inabalavel.

Ao descer o Camiuho Novo, depois da chamma de cólera em que ardera, uma nostalgia sem nome varou-lhe a alma, ao avistar ao longe a profusa illuminação do engenho, destacando saudosamente por entre a verdura. Na encruzilhada, quasi ao pé do engenho, estaeon, descobrindo uma multidão enorme, homens e mulheres que se apinhavam no terreiro, banhado pelas luzes derramando-se das janellas, de onde lhe chegava o rumor compassado da dança, d'envolta com os sons roufeuhos de uma gaita.

Temendo ser visto, ganhou a picada do Bom Jesus em direcção á venda do Teixeira, de onde voltou, depois, ás guinadas, bebedo, completamente bebedo. E, cortando pelo immenso vassoural que ia sahir defronte ao engenho, varou o caminho, onde errou toda a noite, n'um esmagamento de derrota, a praguejar desesperadamente contra os que não o ouviam, embriagados tambem nos arruidos da festa.

Afinal, n'uma ultima e já caçada revolta, tomando o caminho de casa, pela vez derradeira, lançou ao vento este brado angustioso e presago, que longamente echoou no ar :

— Desgraçados !...

E desapareceu, aos tombos, sob a luz silenciosa do luar tocando agora o zenith.

III

Havia quasi um anno que a Josephina o abandonára, porque o Zé Lirio, desde a morte da mãe, dera em se entregar á bebida, e, em certas occasiões, desordenava-se, dando que fallar no sitio.

A rapariga não o via desde o ultimo *coroado* no engenho, onde elle, uma noite, muito embriagado, levantára uma rixa, da qual resultou sahirem os irmãos feridos, e o pai expulsal-o para sempre, prohibindo-lhe as visitas.

E o rapaz, profundamente apaixonado com o desprezo em que o lançára a noiva e toda a boa familia do Gaia, á qual a bem dizer pertencia, ficára de todo perdido, dando-se abertamente ao alcool. Mas a sua paixão jámais cessára, e elle, embora arredio, andava ao facto de tudo, sabendo dos passos da Josephina.

Por isso, desde que lhe disseram do casamento della com o primo, nunca mais deixára as Arcéias, rondando o engenho, noite e dia. E, naquelle sabbado, mais do que nunca, os seus pés infatigaveis freneticamente revolveram allí a poeira do caminho.

IV

Agora, á porta de casa, bebido e exausto, com o coração despedaçado e vazio, n'um desmoronamento intimo de todos os affectos, o Zé Lirio sentia como uma grande enervação inteiriçal-o, sobre os degraus de pedra. Desfallecido, n'um acobardamento mortal, allí jazia ainda, ao ar gelado da noite.

Tudo, em volta, permanecia n'uma mudez de sacario. As arvores, nem sequer farfallhavam de leve, nos campos adormecidos, velados pela dealbação do luar. E nenhum outro som no espaço, além do ladrar soturno e rouco dos cães, ao longe.



O ANDRÉ CANOEIRO

AO DR. CARLOS FELDHAGEN

I

Com os bois por diante—porque o camiinho ali corria ainda em declive suave contra a falda do morro—o André, sentado ao cabeçalho do carro, as pernas bamboleando aos solavancos das rodas, a aguilhada em punho, reluzindo ao alto o aguçado ferrão, fizera calar de repente a singela cantiga rustica que ia assobiando, para olhar embevecidamente, ao longe, sobre o mar muito manso, a rareada casaria da Ponta Grossa, branquejando além, sob o primeiro clarão da madrugada, pelos montes da outra banda.

Era o tempo das farinhadas. Vinham chegando as manhãs de escocia, algidas, e as noites sem nuvens, esgazeadas, de Junho. Colhiam-se as primeiras roças de mandioca, nas planícies, nas encostas e nas altas chapadas. Havia por todos os sitios um labor alegre e cantado. E, em todos os engenhos, á beira das estradas claras e debruadas de verdura espessa, no meio dos pastos, ou junto ao sopé das montanhas, entre laranjeas, o rumor domestico e placido das familias reunidas, sob os tectos baixos de palha, em volta dos brazeiros de inverno, na faina festival do trabalho.

Naquelle arraial dos Gauchos, um dos engenhos que mais cedo começavam a furilhar todos os annos, era o do velho Elysen Brito, padrinho do André, e um dos mais abastados lavradores do logar. Chefe de numerosa familia, com filhos e filhas casados, cercado de ninhadas de netos, a maior parte habitando conjunctamente o mesmo vasto prédio que havia abrigado durante quasi dous seculos a geração forte de seus antepassados, este bom homem obscuro, possuia em si o encanto, a doçura, a bondade candida de um antigo patriarcha. Alli e nas circumvizinhanças o seu nome e as suas virtudes exerciam no povo em geral, como um prestigio e uma fascinação, grandemente corroborados pelas liberalidades bemfazejas e fecundas, que continuamente recahiam sobre essa boa população. De toda a parte, por isso, nessa época, muita gente occorria ao seu engenho para ajudal-o, enxameando sonoramente o enorme edificio situado a algumas braças do mar, no meio da Baixada Grande. E, durante esses mezes frios, mas encantadores, em que as cevadeiras cantam deliciosamente, uma alegria marulhosa e campestre estalava em redor pantheisticamente pelas sébes cheias de aves, pelos cafezacs tufados que abrigam amores, e pelas laranjeiras frondentes todas salpicadas de ouro.

Das pessoas de fóra que tomavam uma parte mais activa na faina, o André distinguia-se entre todas, porque, a bem dizer, de menino que não sahia da Baixada Grande, onde se criara quasi, até o dia tristissimo em que o pai pegera, por um descuido desastroso, na moagem da canna. Fóra pela festa de S. João. Tinha elle treze annos. E a mãe, muito afflicta e coberta de luto, inconsolavel na sua grande amargura, nessa mesma noite, com elle, deixara essas

terras, para ir morar com uma tia, no outro extremo dos Ganchos. Mas elle viuha sempre, uma vez por semana, á grande habitação do padrinho, para tomar-lhe a benção e ganhar o costumado quinhão. E as farinhadas, passava-as sempre no engenho, ajudando a gente da casa, n'uma labuta constante, com a sua indole intrépida e mansa de bom trabalhador, ora acarretando a mandioca e lidando com o gado, ora cevando e forneando.

Assim, alli ia agora, monte acima, pacificamente, cheio de paz e cheio de felicidade, para as primeiras carradas da manhã. E como daquellas alturas já se desvendassem luminosamente, n'um colorido panorama vastissimo, a longa faixa littoral do continente toda rendilhada de branco e os cômodos côr de ocre esbatido e as pontas de rochas, em novellos espumantes, da outra costa da ilha, onde elle ha muito trazia preso o coração—accommetteu-o repentinamente, a lembrança deliciosa de que naquelle dia, á noite, começavam as primeiras novenas da corôa, em casa do João Sant'Anna.

E quedou-se a scismar, a meditar intimamente, na *chegada* que ia dar, ao anoitecer, até á outra banda. Sim, porque não podia perder aquellas novenas, por nada deste mundo ! Promettera á Therezinha não faltar a nenhuma. Ella o esperava, e, de certo, áquella hora, no terreiro alegre de casa, a debulhar milho ás gallinhas, num alvoroço feliz, pensava nelle, toda rosada e sorrindo, sob o esplendor glorioso da luz. Não podia, pois, faltar. No entanto, os trabalhos do engenho reclamavam-o... Que diabo ! Mas, arranjar-se-hia, como da feita em que o pai da rapariga estivera a decidir da "pontada", sahindo todos os dias, ás Ave-Marias, para a Ponta Grossa, na sua

bella canôa a *Tomilha*, e voltando sempre alta noite, ou pela madrugada. Se Deus quizesse, elle fãria o mesmo agora, sem se *apertar*, porque desta vez, couteria-lhe felizmente o serviço dos carros, que findava sempre á noitinha. Quanto á distancia e ao mar, isso pouco se lhe dava. Tinha bons pulsos para o remo, quando não pudesse velçar. O tempo, esse não o inquietava, não o amedrontava nas aguas, porque estava affeito de criança a todas as suas variantes. Depois, contava infinitas travessias, mesmo para o Arvoredo e para o Rapa, sob ventos desfeitos, vagalhões desesperados. No mar poucos o venceriam: tinha uma "boa ostrella", as ondas o amavam... Que chegasse á noite, era o que elle queria, para ir gozar o eorôado !...

E, embalado nesta idéa, illuminando-lhe e consolando-lhe a alma, como uma longa caricia de amante, voltou a assobiar com bravura, expansivamente, as notas amorosas da *Tyranna*. Os animaes puxavam, lançando baforadas de fumo na frescura matinal, toda impregnada de aromas. Na frente do carro, presa á haste rija de peroba, a canga rangia, de vez em quando, nas suas grossas guascas de couro. E, sobre os largos lombos arqueados e os pescoços possantes dos bois, cujas cabeças sumiam-se, para além dos cauzis, quasi rentes com a terra no esforço da subida, as quatro pontas aguçadas dos cliifres, oscillando, enfiadas ao ajoujo.

Mas o caminho ahí empinava-se, n'uma volta brusca, onde se cavava fundo uma gróta pedregosa e abrupta, rolando lá em baixo, entre sébes humidas, a prata viva e viajora de um fio d'agua cantante, e o André immediatamente saltou para o chão, tomando a dianteira do vehiculo. Nessas alturas, o mar perdia-se de vista, porque as chapadas onde estavam as

roças voltavam-se todas para a outra banda. Agora descortinavam-se sómente as planuras verdejantes das Tijucas, alongando-se para todos os lados, orladas nevosamente de finas barras de tulle, que se perdiam e ondulavam á distancia.

E á proporção que o carro avançava, o terreno se ia horisontando, até que de repente cahiu n'uma esplanada magnifica, toda coalhada de ramas. Era o mandiocal do morro chamado, um mandiocal gigante, o mais custoso de todos pela sua situação, mas o que melhores resultados deixava no fim de cada anno. O velho Elyseu Brito, quando ás vezes ia vel-o, na sua guêcha branca, pelo tempo da capinação, enchia os olhos de gozo e exclamava n'um jubilo, o bello rosto radiante :

— E' o meu thesouro ! E' o meu melhor quinhão !

Quando o André entrou a fazer a volta, n'um perimetro de terreno limpo, onde se erguia uma especie de rancho, para abrigar o pessoal da roça, nas longas estadias da colheita e da plantação, o Hortencio e o Luiz Brito, que o tiham precedido alli, ainda nem se annunciava a manhã, para a faina de arrancar as raizes e arrumar a boa rama, gritaram-lhe logo :

— Oh André, oh bregeiro, pois ainda agora, homem ! Descanga, descanga esses bois. Olha, amarra-os lá para aquelle outro lance. E anda, demonio ! que a mandioca já está aqui a “apodrecer...”

O André, que nesse instante collocava o murchacho e desabrochava os bois, volveu lentamente, com a voz coustrangida pela applicação da força :

— Ora aguardem lá, seus québras ! Isto aqui não é ir variar parclheiros lá para o Capão, nem dar as pernas á ufa nos faudangos da Maria Biana...

Temos tempo, o dia é grande. Nem tudo vai a matar...

Mas elles romperam de novo :

— E o que é dos outros carros, hein ? Por onde deixaste o João Candinha e o Romão ? Que diabo ! Parece que tudo hoje anda levado da bréca ! Ora, queira Deus o velho não lhes passe por ali um sermão !...

— Os outros ? fez o André, erguendo-se. Ficaram ainda lá em baixo, atraz de um dos bois, o *Velludo*, que fugira de noite para o campo. Mas de certo já vinham em caminho, pois, ao passar pela gróta, lhe parecera ouvir, para os lados do Vianna, a toada grossa do Romão cantando a *Flór lageana*.

E como fallara até alli sem dar com os rapazes, lançou os olhos então sobre aquelle vasto mar de folhas verdejantes, onde elles arrancavam a mandioca afogados até o pescoço, ora erguendo-se, ora abaixando-se. E a muito eusto descobriu-lhes os bustos alvos, vestidos em camisas de algodão, boiando além, no seio da verlura, como os de naufragos nadando. Em volta, por um amplo rombo na rama, perdido nessa superficie infinita ondulado ao vento, negrejavam já ilhotas de raizes, arrancadas de fresco, tórtas, empoeiradas e torcidas, á maneira de estranhos montões de reptis.

E, pondo a corda nos bois, foi amarral-os a pequena distancia, para um recanto do morro em que havia grama. D'ahi a instantes, voltou correndo, muito alegre, na direcção dos rapazes, o bello rosto iraberbe corado pelo frio, o largo chapéo de palha á banda :

— Então, patifes, vocês não se movem dessa "cócha" da arrancação ? Tóca a carregar o carro ! P'ra alli ! Vamos ! Vamos !

E atirava-se, aos pinchos, por cima dos montões de mandioca, ás gargalhadas, como um escolar de dez annos. Nisso, surgiram na chapada os dous carros, á cuja frente vinham o João Candinha e o Romão. Gritaram logo, a uma, n'um alvoroço :

— Cheguem, cheguem, rapazes ! Isto é uma vadiação. A estas horas já era p'ra haver mandioca no engenho... A gente lá ha de estar furiosa pela raspação...

E, enquanto os outros calçavam os carros e arrumavam os bois, elles entraram a carregar os baldaios grandes de mandioca, que despejavam ruidosamente no carro de André, armado já de sébe. Dentro em pouco, e com presteza admiravel, os vehiculos estavam peçados até os arcaveiros, fechando no alto os fueiros, com densos mólhos de rama. Em seguida, com o do André á frente, todos romperam em marcha, os eixos chiando, sob o peso da carga, morro abaixo, lentamente, na descida ingreme.

Eram seis horas. O sól maravilhoso galgava o Firmamento, victoriosamente, derramando por tudo uma morna pulverisação de ouro.

II

Cahia o crepusculo esmaecido e dolente, por detraz das montanhas longinquas do Cubatão, esbaltendo-se nostalgicamente no Azul, quando o André parou, com a ultima carrada de mandioca, no largo terreiro do engenho. Mais atraz, vinham chegando tambem os outros carros, n'um chiado prolongado e monotonu, pelos lados da porteira.

Em torno, sob o laranjal copado e os cafezeiros densos, em nichos recolhidos de sombra, havia um rumor aninhante de azas, agitando as folhas, em procura dos poleiros. D'entre as moitas baixas, pelo capim, ou no meio das sébes bastas, os grillos, retirados já ás suas cellas de inverno, picavam o silencio elegiaco das Ave-Marias, com o seu tic-tic de prata. E pelo alto das frondes, abanando ao vento as ramagens tremulas, por onde espiam as estrellas, sentia-se, aqui e além, um piar gemente de passaros retardados, demandando a paina quente.

Pela larga porta do engenho viam-se já arder confortavelmente lá dentro os tóros grossos do brazeiro. Candeias de quatro bicos, suspensas das traves e dos esteios, a distancia umas das outras, abriam, no meio das trevas que se adensavam no alto, sob as vastas telhas, curtas chammaz azues, que illuminavam fronzadamente, á maneira dessas lampadas que se accendem nas igrejas. No centro de tudo, os grandes pños do aparelho moviam-se continuamente, na sua grossa engrenagem, impellidos pela almanjarra rangelente. A um angulo, mulheres, homens e crianças, de côcoras, junto aos côchos da cevadeira, raspavam destramente a mandioca, n'uma algazarra animada, de boa gente palreira. Proximo, no recanto do forno, os carregadores de typityns faziam mover com estrépito os braços fortes da prensa. E, de vez em quando, dominando tudo sonoramente, com uma voz de commando, o grito másculo do cevador, espicaçando a lentidão preguiçosa do boi: — Eh, *Estrella!* Eh, *Estrella!*

Ó André agora não parava; n'uma preocupação, fazendo tudo nervosamente, com o pensamento preso á sua viagem para a Ponta Grossa. Já por

vezes olhara investigadoramente o céu, que se cobria no alto de flocos brancos espessos. Eram os primeiros signaes do sul, prestes a cair. E, após haver desatado as sébes e os fueiros, com os bois pela corda, em direcção ao pasto, enquanto os outros carros faztavam para a porta do engenho, ia pensando consigo: — “E’ verdade, ainda mais esta! Vento pela prôa! Vou tel-o do fino, não ha que vêr...”

E, voltando, sem mesmo dar “boas noites” e pedir a benção ao velho Elyseu, como sempre fazia, mal pegara a sua camisola de baêta vermelha, que deixara n’uma das empenas do engenho, tomara ás pressas o atalho que levava ao caminho, gritando de longe para os amigos, ás voltas com a mandioca no terreiro:

— Oh, rapazes! por hoje não contêm mais comigo. Tenho muito que fazer. Vou para longe, para a outra banda. Mas, de madrugada, se Deus quizer, hei de estar por aqui rente...

E sumiu-se, no meio dos vassouraes das areias, marginando alli a estrada até o Rio do Meio.

Quando entrou em casa—uma meia-agua situada em um recanto da larga praia branca, que virava para a Caeira—o mar surgiu, diante d’elle, na sua vastidão immensa, todo plano e em calma, mas com essa reluzencia espelhante e argentea, onde se arastam esfuminhadas negras e frémitos rapidos de aguaceiros, que precede os grandes ventos.

Mas o André era um canoeiro como não havia segundo em aquellas redondezas, e se estava contrariado era só porque a viagem agora ia custar-lhe o dôbro do tempo. Quanto ao mais, “o fim do mundo que fosse”, como costumava dizer, não lhe mettia medo. Era memoravel alli e em toda a costa catharinense, a travessia louca que elle realisara, sósinho

na sua *Toninha*, sob uma lestada terrível, para o pharol do Arvoredo, quando a mãe estivera a “espichar”, com as maleitas.

Apenas tomara a benção á mãe e á velha tia Silveria, o rapaz fôra mudar a roupa, e, n’um relance, com a palamenta ás costas, enveredou para o pequeno rancho onde tinha a canôa.

Nesse instante, sobre as aguas, ao longe, o cordão branco do vento apontara pelo Sul, como uma grossa barra de gesso. Em cima, no céu, as grossas felpas das nuvens, promettendo máu tempo, uniam-se e condensavam-se já, tapando de todo as abertas azul-ferretes, em que tremiam as estrellas.

D’ahi a pouco, com a vela branca erguida, como a aza gigante de alguma gaivota phantastica, perdida na calma taciturna e presaga da noite densa, suggestiva de sinistros estranhos e allucinadoras ideações dantescas, o André largou, mar em fóra, na sua máscula, inabalavel afouteza...

III

Na Ponta Grossa, a casa do João Sant’Anna, ás Ave-Marias, começara a reluzir, toda accessa. E desde essa hora que de toda a parte, em redor, as familias acudiam, em grupos alegres e palradores, ao longo das praias e pelas estradas pedregosas dos morros, debruadas de espinheiros.

A gente das proximidades, essa, desde meia-tarde, a bem dizer, enxameava a casa, ajudando a arrumação e os enfeites. A sala para as novenas estava arranjada com a mais florida e encantadora simplicza. Tinba sido a Therezinha quem, com um bando

gracioso de amigas e as filhas do Sant'Anna, se encarregara especialmente desses ornamentos, mesmo porque o corôado era tambem obra sua, pois o ajudara a prometter quando a bexiga, havia mezes, cahira sobre o arraial, ceifando vidas e vidas, com uma furia inclemente.

A adoravel rapariga, nesse dia, amanhecera trinante e radiosa, e, toda em festa, nas suas vestes frescas, de uma ineffavel simplicidade roceira, presa ás tranças escuras uma bella camelia branca, desde cedo cruzava no terreiro, em pequenas voltas caseiras, alegrando tudo com o seu grande esplendor de morena. Uma idéa encantadora alvoroçava-a na manhã resplendente, e era que d'alli em diante, durante aquelle mez, ia ter ao seu lado, todas as noites, o mais amado dos homeus, o escolhido e o eleito do seu coração. E depois era por esse tempo que o André ia pedil-a em casamento, como promettera. Elle jurara fazel-o na ultima noite do corôado, logo que findasse o terço. Como ella anciava por aquelle momento, Nossa Senhora!

E agora, mais do que nunca, o rapaz lhe não deixava o pensamento. Experimentava como uma emoção e um prazer, só em lembrar-se que, volvidas horas, ia vel-o apparecer, junto a si, humilde e carinhoso, muito forte e vermelho, com os seus meigos olhos castanhos e o fino buço negro, que lhe ficava tão bem! E parecia-lhe estar ouvindo as suas costumadas palavras, que a entonteciam como beijos, sempre tartamudeadas a medo, em algum recanto isolado:—“Então, querida, esse coração ainda é meu ?...”

Mas a noite chegara, cheia de nuvens espessas. Para o Sul, o horisonte, esgazeado e como batido de

uma claridade alvacentá, expunha a temerosa scenographia tórva das mudanças de tempo.

Ficara, a principio, aborrecida, contrariada, mas conhecia bem o André e sabia que por sua causa elle arrostaria tudo, custasse o que custasse. De resto, aquillo talvez não dêsse em nada, como acontecia ás vezes.

E, no intuito de verificar se audaria alguma vela lá pela terra-firme, em demanda da ilha convidou as amigas a darem uma chegadoinha á Ponta, de onde se descortinava ainda o littoral da outra banda, sob a primeira nevoa da noite. Muito tempo, então, no meio da algazarra sonora das raparigas em bando, sobre o alto descoberto e gramoso do velho promontorio, erguido n'um supedaneo de rochas, onde o mar escachôa noite e dia turbilhonando, esquadrinhou longamente, com os seus doces olhos melancolicos, a faixa d'agua reluzente da enseada dos Ganchos. E como nada descobrisse, sob a cinza crepuscular que augmentava, sepultando cada vez mais os longes, retirou-se silenciosamente com as outras, n'um desanimo, o peito opprêssó, sob a ameaça do temporal perturbando o seu amor.

No terreiro do Sant'Anna, porém, onde já muita gente se agglomerava parlando, encontrou o João Veiga, que vinha chegando de Sambaquy pelo morro, e que lhe declarou ter visto, do alto do Mal-tão, uma canôa largando dos Ganchos. Pela altura em que andava, muito junto ao Recanto, lhe parecerá a *Toninha*, que vinha singrando naquelle rumo. E accrescentou, sorrindo maliciosamente :

— Aquillo ha de ser o André, que não quer perder o corôado... Mas que loucura, uma travessia

daquellas, sob a tormenta pintando-se ao Sul! Só mesmo aquelle demonio! Você me perdôe, Therezinha, eu é que não me arriscava nem por um milhão !...

Ella, mais tranquilla e satisfeita, respondeu logo, toda risonha :

— E' o que você diz, primo Veiga. Eu queria vêr aquelle tempo do namoro com a Anna. O que isso não foi ! E o que não soffreu, o que não se consumiu, para assistir aquelles fandangos, onde ella ia sempre, lá para Santo Antonio ! Pensa que eu não sei ! Pois olhe, eu me lembro ainda daquella feita em que você perdeu o alazão, n'um braço do rio, pisan-do-se todo e ficando cinco mezes de cama...

Elle ainda retrucou, gracejando :

— Qual ! Therezinha. São tolices. Eu nunca fui dessas cousas, Deus me livre ! A Anna que te conte...

E desapparecen, por entre um grupo de homens idosos, onde estava o Sant'Anna.

A rapariga, então, n'uma pressa galante, enfiou-se pela porta com as outras, porque avistara as Teixeiras e as Nunes, que tinham vindo do Ratonés. E foi logo todo um trinar amoroso de vozes, por entre os abraços e os beijos.

Pouco a pouco a sala inteira encheu-se. Uma agglomeração de homens tomava a entrada, os corretores, a saleta. E assim que o capellão entrou, alguns rapazes, que ainda se detinham a fallar no terreiro, correram immediatamente para casa...

Quando a réza começou, lá fóra, sobre as aguas, o tufão cahia, varrendo as ondas, em rajadas doudas. A noite tornara-se medonha. E agora, de espaço a espaço, relampagos ao longe cortavam a treva, com grandes látegos de fogo.

O prédio todo fechou-se, sob as lufadas rijas. Em volta, envolvia-o lugubramente a zoeira prolongada e monotona do laranjal gemente. E pelas telhas, pe-neirando uma frialdade cortante, passava, ás vezes, quando o sul rebojava desoladoramente, como um vago rumor de naufragios, o esfrolar tumultuoso de lonas ao vento.

A Therezinha empallidecera de subito, n'um susto, n'uma palpitacão, com o pensamento apegado ao André, rolando agora em meio ao turbilhão. E, baixinho, diante do altar illuminado, onde resplandecia ricamente, sobre um fundo de cólcha escarlate, a corôa de prata do Espirito-Santo, fazia promessas fervorosas, pelo noivo, á milagrosa Senhora dos Navegantes.

Em roda della, mulheres e homens commentavam, com palavras piedosas, a tardança do rapaz, naquelle instante, colhido pela ventania, no seio desabrigado das ondas. O Sant'Anna, a um canto, com o Veiga e o Manuel Secundino, pai da Therezinha, occupava-se tambem do André, exclamando apprehensivo :

— Ora, queira Deus esse rapaz não vá soffrer por ahi alguma ! Isso ha mar no canal que é uma cousa sem termo... Tambem atirar-se a uma travessia entre pontas, por um tempo daquelles ! Só de louco, só de quem perdeu a caheça !...

Os outros apoiavam-no, sacudindo os hombros tristemente :

— E' verdade. O André era aquillo mesmo... Sempre com o diabo das suas afoutezas ! Olhe que apanhára a do Arvoredo... E não lhe servira de escarmento ! Não lhe servira de escarmento !...

Mas o terço proseguia, na sua melopéa engro-

lada e monótona, enquanto, lá fôra, uivava rijo na noite o vendavel desfeito.

IV

Fôra pela ilhota de Anhato-Merim que a *Toninha* recebera de prôa as primeiras rajadas de vento. Momentos antes ella vinha de panno a bater, em meio a calmaria, e o André, vendo a maré de vasante e a distancia a vencer, aguentara duro para o largo, a toda força de remo.

Nessas alturas, quando os ventos berravam do sul, as maretas, deslocadas e erguidas, sacudiam-se em furia, rebentando de travéz, em novellos roladores de espuma. E as correntes, subindo para o Norte com a velocidade de milhas, naquella época invernososa, punham sob um risco constante as pequenas embarcações que singravam ahi. O André, porém, não se importava com isso no seu arrojo de canoeiro perito, dominando o mar, affrontando-lhe a cólera desenvolta, com uma audacia feliz.

N'essa occasião, comtudo, ao deixar o remanso da ilhota, sob a noite que cerrara de todo, n'uma negrura espessa, de instante a instante cortada pela iluminação dos fuzis, ficara de repente aturdido, pois não julgara o pampeiro o colhesse ainda alli. Mas isto fôra instantaneo, porque a sua grande calma maritima voltara-lhe immediatamente, e elle passou a encarar o perigo com a costumada frieza.

E agora, sob a orquestração descompassada da ventania indomita, desmontando tudo sobre a vastidão do oceano, a canôa rolava, rolava violentamente,

n'uma carreira de desastre, aggredda e sacudida incessantemente pelo embate gigantesco das vagas.

Sentado á pôpa, com o tronco todo para fóra da borda, escorando a embarcação na bordada diffieil, um dos braços possantes segurando o remo que servia de leme enterrado nas aguas, o André, firme e inalteravel, deixava a vela correr, ás cégas, no meio do nevoeiro denso, sentindo as ondas gólfarem, por debaixo da quilha, vertiginosamente...

E a *Toninha* aguentava-se, bolinando como um bote, quasi na linha do vento, com o sen enorme patilhão corrido, atravessando-a de prôa á pôpa. Veleira e muito esguia, naquellas aguas asperas do Sul, realisava verdadeiros prodigios de singraduras e travessias, que faziam a adoração e o eneanto daquellas populações vigorosas e intrepidas de arraiaes maritimos. E por isso, o rapaz, dentro della, não se temia de tempo nenhum, atirando-se a tudo sobre o mar, arcando sempre triumphantemente com o vendaval bravio.

Naquelle instante terrivel, com os vagalhões crescendo de minuto a minuto como immensas dunas movediças, sob o simoun marinho, presentindo a praia ao pé pelo estrépito e o recúo monstruoso da rebentação hostile, preparou-se para a virada, mettendo em rumo da terra-firme. A véla murchou, então, de repente, n'um ruido de folhas em ventania, e golpes de mar consecutivos esbarravam tumultuosamente á prôa, abatendo-se e desfazendo-se em fôfos colossaes de escumilha, que tinham uma reluzencia phosphorejante e sumptuosa de barras liquidas de nickel. O casco atravessou aos trancos, todo alagado e sacudindo-se em temerosos pinchos ranjentes, como um irado corcel que se empina, e quando a rajada

formidável caliu sobre o panno frouxo e vasio que a escôta prendia, a pequena embarcação arrancou, n'um impeto, deitada a fio nas aguas, rasourando as ondas crespas com o seu bôjo fugidio.

O vento cada vez se tornava mais rijo e a noite mais carregada e retinta, atravessada continuamente pelos relampagos, recrudescendo em ziguezagues sinistros, clareando instantaneamente o oceano, que se agitava em baixo, n'um estranho espectaculo de steppe polar, sob a luz hyperborea e phantastica de um chuveiro de bolides.

Quando a canôa, já beirando a outra costa, virou de novo na bordada da ilha, um aguaceiro despeçou-se do alto, incessante e terrivel, no meio de fortes descargas electricas, que sublevavam a amplidão, desoladoramente, com o seu grosso troar de artilharia.

Então, o André, furioso por se achar ao desabrigo e ter de chegar todo molhado á Ponta Grossa, prompen em pragas rudes, sob as grossas bategas cahindo :

— Diabo ! ainda mais este estupor de aguaceiro ! Raios me partam com tanto caiporismo !..

E considerava, n'uma contrariedade intima, como havia de se apresentar no terço, diante de todos, com a roupa ensopada e em desalinho. Era uma vergonha. Mas que havia de fazer, Santo Deus ! Voltar d'alli não podia. Com o pé quasi em terra ! Depois, promettera á Therezinha... Não ! Entraria assim mesmo no terço ! Ora, todos o desculpariam... :

E, enquanto assim se absorvia nessas reflexões recolhidas de espirito, a *Toninha* voava, saltando as ondas bravas com uma marcha inaudita. De repente, um redonho turbilhão envolveu-a, rôlos gigantescos de espuma cobriram-a, fragorosamente, e grandes cho-

ques consecutivos abalaram-lhe poderosamente o bôjo e a quilha. A véla, presa ainda á escôta, abriu-se toda sobre as bordas, deixando uma multidão de frangalhos a tremular no ar, contra o mastro partido. E os vagalhões, atirando-se em assaltos bramantes, apossavam-se totalmente da embarcação vencida, fazendo-a rolar sobre a penedia.

O André, logo á primeira esbarrada, medindo a situação e tomando o pulso ao perigo, lançara-se ao mar, gritando por entre o torvelinho :

— São as pedras da Ponta, são as pedras da Ponta ! Malditas !...

E, abandonando a canôa, botou-se a rijas braçadas para o largo, fugindo á rebentação desenvôlta, estourando e sacudindo-se clamorosamente sobre a rocha viva. Após alguns instantes de luta vigorosa e renhida, corpo a corpo com as vagas, os seus braços robustos e dêstros de nadador insigne levaram-o á praia, onde elle chegou já exausto, todo rôto, o rosto e o peito feridos.

O tempo agora entrara a amainar, e, em pouco, o André, erguendo os olhos e vendo reluzirem no alto as luzes da casa do Sant'Anna, galgou com esforço, e cantando, o caminho do outeiro. Ao chegar ao terreiro, como já houvesse terminado o terço e reconhecessem-lhe ao longe a voz forte e viril, a porta abriu-se e todos correram ao seu encontro, n'um alarido de prazer. E a Therezinha, com o coração aos saltos, n'um alvoroço de affecto, foi a primeira que lhe surgiu á frente, exclamando :

— Olha o André que ahi vem ! Olha o André que ahi vem !

Elle estreitou-a, n'um silencio amoroso, e deu boa noite a todos, sorrindo pallidamente, desfigurado, com

o largo thorax todo ensanguentado e a roupa a escorrer.

As pessoas, então, agglomeradas em roda, começaram a inquiril-o curiosamente :

— Mas como escapaste, oh André? Como pudeste vencer a tormenta? Só por um milagre, filho! Só por um milagre de Deus! Olha que chegamos a pensar que morresses!...

O rapaz deu alguns passos para a porta, mas a emoção e a fadiga turbavam-o fundamente, e, mal puzera o pé no umbral, cahiu sobre um banco, offegante e quasi a desfallecer. E só momentos depois, com a Therezinha ao lado e o coração em extasis, é que pôde dizer fortemente, com o ar victorioso de um antigo guerreiro :

— E' verdade, gente, aqui estou... Perdi a canôa, mas escapei. Desta vez, ainda o mar não venceu!



PAGINA SIMPLES

A. F. MOREIRA DE VASCONCELLOS

Desde criança que o Manuel Basta era triste, amarello e scismatico. O seu todo anguloso e franzino, de um rachitismo soffredor, em que os musculos agonisavam, estiolando-se como murchas raizes envelhecidas, na ausencia desoladora e cruel da seiva que se escoara e sumira—despertava de repente á lembrança um grande fêto, que se agitasse continuamente, em movimentos sobrehumanos para a vida.

A sua longa e profunda anemia derramara-lhe por todo o organismo uma passividade e indolencia sem fim, tornando-o completamente inutil para os esforços fortificadores e fecundos do pensamento e da acção, e afundando-o para sempre na fria estagnação espiritual de um contemplativo e de um Budha.

Por isso, vivia encolhido ; não gostava de estrafegar, correr o jogar pedradas, como faziam os rapazes da sua idade, ao longo dos caminhos vermelhos e pedregosos, ao entardecer dos dias, quando as boas-noites sulferinizam as cercas, e alargam expansivamente o recorte alegre das pétalas purissimas, de onde se ergue uma aromatisação fresca e hygienal, emquanto o sol desaparece saudoso pelo outro lado da montanha.

Nunca a ruidosa brincadeira de “boi”—tão predilecta e querida dos companheiros!—o attrahira e arrastara, nem mesmo a caça, a bodoque, dos passarinhos estheticos e coloridos que dóbram festivamente pelas ramadas, na preciosa liberdade dos campos!

Elle era “um molleza”, como o chamavam o Vidale e Justino, dous rapazes da visinhança, verdadeiros québras que viviam a estropear a pedradas os cães e as gallinhas dos outros, e a roubar de noite cavallo nos pastos para assistir aos fandangos longinquos, lá para a banda das Aranhas.

A Sebastiana, uma magricela de pescoço comprido e regateira, que morava na encruzilhada do caminho da praia e habituara-se a estar, até muito tarde, de lume acceso na cosinha, sentada ao portal da rua, pelas noites enluzadas e limpidas, pelo que era tida por “bruxa” no sitio,—quando via os dous madraços passar a galope, agitando a silenciosidade soturna e remançosa daquellas paragens, com um som estriduloso de patas que se perdia pela noite a fóra, praguejava, enfurecia-se, chamava-os de “estupores, raios”, desejava-lhes desgraças, uma morte affrontosa.

Entretanto, elogiava o Mannel Basta, dizendo-o bem ensinado, obediente á mãe e ás pessoas mais velhas, com modos de rapariga que se cria a pancadas.

A vida do Manuel Basta era aquentar-se ao sol todas as manhãs, entorpecido, indolente, sentado em uma pedra, na frente da casa, carpinteirando canôas sinhas de cortiça ou fazendo gaiolas e arapucas para agarrar gaturamos, os bons gaturamos da Caieira, de papo amarello e bico recurvo, que dizem rebentar de cantadores; ou, então, á noite, ouvir historias de feitiçeras, almas do outro mundo e lobis-homens, acre-

ditando naquillo, medroso, acororado junto ao bra-zido confortavel e clareante, de mãos abertas, volta-das para a qnentura, de olhos arregalados de attenção, pregados na mão, que phraseava o enredo complicado das lendas nocturnas com entonação phantastica e penetradora, esparramada sobre um velho pedaço de esteira, fazendo rodar e zunir dextramente o fuso, entre os dedos, na branca fiagem do algodão.

Capinava tambem seu bocado, todos os annos, aguilhoado pelas palavras maternas, que, ás vezes, perdiam o habitual carinho delicioso, e, aggressivas e asperas, num sibilar cortante, impelliam-n'ò ao tra-balho, desenhando-lhe crúamente aos olhos assom-brados, o pavoroso quadro das miserias futuras, em que negrejava sinistramente o phantasma espectral da fome e a densidão algida e sem lume das longas noites de inverno. Eram pequenos trechos de terra, em bai-xadas humidas, ou no declive secco dos morros, onde elle, nas manhãs festivaes de estio, em que o sol jor-rava vivamente do Azul, invadido de repente de alegria e ardor, num fluido limpido e subtil de casta poesia idealisadora, capinava activamente, cantando, sob a poeira de ouro da luz.

Pelo tempo das tainhas, em Junho, costumava ir á praia ajudar a puxar as rêdes, que cércam, em grandes lanços opulentos, quando sobre a planura olympica e ondulante do mar, além, róla uma enne-voadá nostalgia infinita e vão sangrando feéricamente, como em apotheseoses de magica, esses fanstosos, des-lumbrantes occasos do Sul.

A mão desde a madrugada começava a lidar, a movimentar o tear até á noite; e aquelle bater con-tinuo do aparelho, que se onvia ao longe, á luz amor-mentadora e vivissima de um forte sol de aldeia, era

como que o grito de vida, a nota sonora da Industria e do Trabalho que sahia do pobre lar, incessante, monotona e prolongada, havia uma trintena de annos !

E assim viviam, o Mannel Basta e a mãe, tranquillos na sua penuria, escrupulosos na sua honradez, sem pedir nada a ninguem.

Um dia, porém, o Mannel entrou a perder o seu rachitismo doentio. Parecia engordar. Mas a sua amarellidão constante accentuava-se em tons lividos de hydropisia ; a sua face, outr'ora engelhada e cavada, ganhava um aspecto redondo e liso, e a sua inactividade e tristeza augmentavam pouco e pouco, numa fraqueza entorpecente e sombria. O seu corpo, agora, negava-se totalmente ao trabalho, em espasmos de spleen. Sentia, a todo o momento, um cansaço afflictivo ; accommettiam-n'o, de repente, deliquios, dôres, agonias. Dominavam-n'o, á noite, exaustadoras insomnias, e, pelo dia, numa somnolencia inenunciavel. Estava perdido.

A mãe, então, que o observava dia a dia, triste e apprehensiva, antevendo talvez, para elle, um fim proximo e terrivel, que a fazia ás vezes debulhar-se longamente em pranto, botou-se para a cidade, em busca de remedios para tratá-lo, fazendo-o tomar mezinhas, nos cosimentos caseiros que lhe ensinavam. E, todas as noites, ao deitar-se, nas suas rézas pedia a Deus fervorosamente, anciosamente, que lhe salvasse o filho.

No entanto o inverno chegava, encarniçado e inelemente como uma destruição. A natureza, em volta, perdera logo todo o seu esplendor e alegria, cobrindo-se de infinita tristeza, velha, estiolada e vencida. Um vento arripiante e polar, um vento assassino ululava desoladoramente. E chuvas continuas

despenhavam-se, tumultuosamente, do céu torvo e de cinza.

O sustento escasseava, de um modo extraordinario e terrivel; todas as manhãs, lençoes de neve ostentavam, fóra, a branquidão fulgurante e crúa de sua frialdade. Na cosinha já não existia o bom fogo consolador de outros tempos, no desalento daquella casa tristissima. Era uma desgraça, uma infinita desgraça.

E o rapaz, que peiorava de dia em dia, obesando-se quasi a estourar, expirou uma noite, ao monotonico tamborilar da chuva sobre as telhas esburacadas e corridas.

Então, a velha mãe amantissima, ao ver-se isolada e sem defeza, ao ataque brutal e desorientante da dor—atirou-se para a estrada, em busea de socorro, escabellada, rôta, sem crenças, a blasphemar contra Deus, doida, completamente doida!



MISS SARAH

A GUILHERME DE MIRANDA

I

Foi numa manhã alegre de Março que Miss Sarah chegou ao campo, em companhia de seu velho pai, o bom sir John Callander.

Vinha em busca de melhoras para a sua saúde, havia mezes abalada : um resfriamento, uma noite de Dezembro, á sahida de um baile, após algumas voltas de walsa ; na rua, esquecera-se de voltar a golla de seu grosso casaco de pellucia, e não se enrolara bem no chale. Chegara á casa já com febre, nna pontinha de tosse, a cabeça pesada. Despira-se, agasalhara-se logo, tomando remedios, cercada de todos os cuidados. Melhorára um pouco, mas a tosse continuava, uma tosse secca, que a affligia muito ao deitar-se... Chamaram então o Dr. Duarte, medico da casa, um velhinho já tremulo, todo branco e enrugado, antigo clinico na provincia, com uma grande nomeada. O doutor examinou-a, auscultou-a, e declarara sorrindo: “que não era nada. Uma constipaçãozinha. Havia de passar...” Mas Miss Sarah emmagrecia, perdia as côres, definhava... Sir Callander, que era louco pela filha, inquieto, sobresaltado

por aquelle abatimento em que a via afundar-se, jít não ia ao consulado, passando as horas junto d'ella, a animal-a, a acaricial-a extremosamente. Até que um dia o velho medico dissera : "Que era melhor ir para o campo, andar ao sol, respirar o bom ar das montanhas... Melhoraria, voltaria outra... Lá havia a saude eterna, allí estava, talvez, a morte !..."

Então, o inglez, sem perda de tempo, atterrificado com as ultimas palavras do doutor, mal fizera as malas e um rancho opulento, tomou um bote, e, no dia seguinte, pela madrugada, partia com a filha para Cannasvieiras, onde um intimo lhe offerecera a sua propriedade.

A viagem fôra costa á costa, e durara apenas horas, porque a embarecação, muito veleira, o alto latino inclinado, voava na aragem fresca do sul.

Durante a travessia, Miss Sarah nada soffrera. Deliciara-a o espectaculo maravilhoso do sol, nascendo a Léste, do seio do oceano, entre véos de bruma argentea, como um balão de nacar ; o aspecto risonho e variado das paizagens littoraes, densas e verdes, fugindo a um bordo ; o correr das velas, cortando as ondas espumantes ; a construção recolhida e humilde das alvas povoações mais amigas do mar.

E recordava-se saudosamente de certas aldeias da Escossia, á beira d'agua, por onde andara em criança...

O sol já ia alto, inundando tudo de ouro, quando o bote chegou á praia.

Miss Sarah, agora mais alegre, sorria, sorvendo a longos haustos o ar oxigenado e puro dos campos.

II

A casa que habitavam sir John Callander e a filha, havia semauas, era uma das melhores do lugar. Fôra construída numa encosta suave, entre um vasto laranjal, num alto, de onde se avistava uma volta da estrada real, branca e arenosa, descendo para o Rio Vermelho. Um pequeno atalho, pedregoso e barrento, cavado na verdura basta, como um grande arranhão de arado, sae do lado da habitação e vae ligar-se, lá em baixo, ao largo caminho da freguezia, correndo entre espinheiros tufados. O predio é de pedra — um antigo casarão de velho senhor de escravos — muito amplo, de grossas paredes lateraes, recentemente emboçadas e caiadas, tendo na frente seis janellas pequenas e acachapadas, de um metro de altura, os portaes negros envidraçados, olhando para um largo terreiro de lages cimentadas, onde ourt'ora as colleitas seccavam, fúmegando ao sol... Cobrindo o edificio inteiro um immenso telhado de quatro-aguas, com um puchado grande aos fundos, formando a antiga cosinha patriarchal, em que, á noite, se reunia a uegrada domestica—creoulas robustas e entroncadas, de grandes mamas tumidas, alimentando as crias. E mais distante, para trás, trepando o morro, os alicerces esboroados já, e invadidos de hera, da vasta senzala, onde se recolhiam, depois da faina das rêdes e das roças, como uma manada de gado, os hercules de ébano da lavoura...

Em frente, a esplendida amplidão dos campos, n'um verdor tropical eterno, renovado todas as primavera, por uma nova força cyclopica e torrencial de seiva, na perpetna possança e rejuvenescencia da Terra. Ao fundo, a montanha empinada, com o longo

e alto dorso recortado no Azul, e os declives e as chapadas retalhados pelas culturas de tons verdes graduados.

Ahi se declarara logo em declinio a molestia de Miss Sarah. O rosado fresco e limpido de outr'ora voltava a tingir-lhe levemente a eburnea pallidez doentia. A tosse abrandava, pouco a pouco, desapparecendo-lhe o desfallecimento e o *spleen* que a prostravam. Sentia-se renascer, á plena luz, no seio fecundo e restaurador da boa Natureza.

Encantava-a aquella vida simples e desceidosa de sitio, ingenua e doce, venturosa e serena, sem paixões e sem luctas, deslisando sempre, livre e obscura, através das mattas e sob o céu puro, como a agua crystalina das cachoeiras.

Pela manhã, era um acordar alegre no vasto campo campestre: clarins de passaros a vibrar victoriosamente no arvoredado em redor, de envolta com o rumor das charrúas! A' noite, a doçura de um grande adormecimento, sob as estrellas, abrindo em malhas luminosas no Azul; ou o resplandecimento branco do luar, prateando os lagos e os rios com a sua luz de alvaiade...

Miss Sarah, desde os primeiros dias de installação no sitio, ia todas as manhãs tomar leite, fazendo tambem um passeio, a pé, ao longo da estrada.

Era nas primeiras horas do dia. A luz do sol nascente amarellava os morros, cahindo pelas planicies, os valles, os terrenos trabalhados das lavouras. A claridade vivissima fazia resaltar o frontão caído das casas, d'entre os massiços de verdura. Uma larga orquestração irrompia stridentemente da ramaria espessa fluctuando á aragem. Carros chiavam ao longe, desapparecendo nas voltas agrestes dos caminhos.

O ar cheirava balsamicamente, saturado das emanações do gado, do carvão das coivaras e da fragrança exuberante das rosas, desabrochando pelos cercados. E todo o céu dourado estava cortado de uma alacridade immensa na vibração deliciosa das cantigas rústicas...

A rapariga caminhava alegremente, pelo braço do pai, ao esplendor feérico do alvorecer estival. E ambos riam, ás gargalhadas, trocando phrases carinhosas, muito felizes, no electrismo das manhãs ineffáveis.

Geralmente, á tarde, Miss Sarah e sir Callander faziam uma volta a cavallo, percorrendo os engenhos, os campos e as praias...

Á noite, na sala do velho casarão todo illuminado, após uma leve leitnra de Walter-Scott e o chá magnífico, que o antigo creado inglez, o bom Evans, servia, pai e filha recolhiam-se aos seus quartos, trocando o affectuoso beijo costumado e murmurando—*Good night!*

E assim, dia a dia, Miss Sarah melhorava.

III

Março findára, e a moça, n'uma vivacidade borbulhante, sentindo voltar-lhe a adoravel communicabilidade, quasi meridional, de escosseza, iniciára relações com as filhas do Luiz Machado, cuja casa ficava perto, na planície, á beira da estrada.

As meninas eram muito meigas—a Christina e a Eulalia—por isso fizeram desde logo intimidade.

Miss Sarah, muito insinuante, com os seus lindos olhos verdes leaes, que deixavam ver até o fundo a

candidez virginal de sua alma, conquistára immediatamente as raparigas, enlaçando-as n'uma afeição fraternal. E com ellas passava quasi sempre as manhãs e as tardes.

Quando as duas irmãs arrumavam as costuras e os bordados, iam todas para o parapeito do terreiro, palhar.

Aos domingos, appareciam sempre as meninas do Manoel Luiz e as do Thomaz, que iam visital-as, — e então era toda uma algazarra esplendida de vozes adoraveis. Algumas vezes tambem, rebentavam por alli os sobrinhos do Machado, em passeio pela freguezia. Juntavam-se-lhes outros rapazes, e entre elles o Balbino, um latagão ruivo, robusto, entroncado, um remador das rêdes, sardento e de pelle dourada.

O rapaz era ainda imberbe, mas tinha para as mulheres uma fascinação irresistivel e viril de olhares.

E Miss Sarah, uma occasião, na praia, vendo um lanço das rêdes, onde elle estava, de pé, junto a uma canôa de voga, que ia investir contra o mar, a fixal-a, n'uma grande e muda admiração de faseinado—ficára impressionada pelos seus olhos limpidos, de nma luz amorosa e doce, ardendo, sob eilios escuros, no largo rosto queimado. Os anneis do seu cabello louro e basto tremiam ao vento, debaixo do largo chapéo de palha. E da sua pessoa, erecta e alta, de uma elegancia rustica, desprendia-se uma irradiação poderosa e masculina, nascendo-lhe da belleza dos membros em corecção esculptural.

Desde então, conservára por elle uma certa symphathia, e a primeira vez que lhe falou ficara um pouco perturbada.

E, dia a dia, sem saber como, sentia que aquella

impressão ameaçava dominal-a, devido aos encontros continuos que tinha, agora, com o rapaz. Mas era inglaterra, e o seu temperamento calmo de europeia do Norte, jamais manifestava os abalos tumultuosos, as tempestades violentas de affectos, que tanto sublevam e desvairam o ardente sangue meridional. Amava, mas com um d'esses amores raciocinados e cultos de saxonia, os quaes, ás vezes, á maneira d'essas *geysers* terribes occultas no gelo, reconditamente, sem signaes de explosão ou chaminas externas, devastam, entretanto, as almas.

O rapaz, porém, desde que a viu-a pela primeira vez, trazia o coração torturado, preso á sua imagem auroral e loura de Deusa. E quando a encontrava, arrastado pelos amigos até a casa do Machado, era como se um sol estranho se abrisse de repente no seu coração, envolvendo-lhe o destino e a vida n'uma irradiação sem igual.

Mas, jamais ousou approximar-se della, dirigir-lhe a palavra, quando na doce algazarra alegre do terceiro—olhando-a sempre de longe, enbevecido, tímido, n'um immenso embaraço.

Nessas reuniões ao ar livre, que findavam logo á primeira cinza da noite—porque Miss Sarah não podia soffrer ainda o sereno—era a inglaterra a mais chalrante e a mais buliçosa das moças, inventando jogos deliciosos, que se executavam n'um sonoro alarido, ás risadas.

Ao lado, junto á porta da pequena habitação, com o Machado e a mulher, em amavel confabulação, sir Callander acompanhava, com seu olhar azul e nostalgico, todos os movimentos da filha, risonho, enternecido, n'um alvoroço intimo de pai, por vel-a já salva ás garras tremendas da tuberculose. Desde

que perdera a esposa e o filho, a ultima vez que estivera em Inglaterra, (faziam oito annos), todh a sua affeição e carinhos se concentraram exclusivamente n'aquella filha adorada, unico bem da sua vida desventurosa ! Por isso sentia-se profundamente feliz, vendo-a trinar alegremente no meio das amigas, sem mais apprehensões e cuidados.

E os dias succediam-se assim, venturosamente, para Miss Sarah.

Abril esmaltava os prados com todo seu esplendor, enfiorecendo os arbustos e as arvores. As boas-noites docemente aromavam o ar, á tardinha, salpicando de pingos de purpura as cercas, ao longo das estradas. E os dias findavam todos, coroados a oeste pela pompa phantastica e tropical dos crepusculos dourados.

IV

Junho chegava, com os primeiros frios. Mas os dias continuavam hilariantes, cheios de azul e ouro, no alto.

Miss Sarah ficara completamente boa. Engordara, e agora parecia bem outra, com o seu lindo rosto redondo e as suas largas espadnas. A sua rica pelle, de uma alvura rosada, que o sol do campo levemente dourara, confundia-se com a das camponezas robustas. Estava forte, esbelta e rija como uma estatua.

Então sir Callander resolveu regressar á cidade.

E toda aquella semana — a ultima que passavam no logar — pai e filha consagraram-a ás pittorescas excursões pelo interior e o littoral.

A vespera da partida, porém, Miss Sarah levará-a toda em companhia das meninas do Machado e a

despedir-se pela vizinhança, onde se relacionara nos últimos dous mezes. Com o seu genio festivo, de nma simplicidade affectuosa, despertara logo as maiores sympathias entre aquella gente amovavel. E, n'essa noite, ficara até mais tarde com a Christina e a Eulalia, a palrar, em grandes expansões animadas, do que haviam feito e gozado, desde que travaram amizade.

As brincadeiras e os jogos no terreiro fõram lembrados, então, minuciosamente e com saudade.

E ás dez horas, quando tiveram de trocar os ultimos beijos e abraços, houve uma immensa confusão de adeuses e lagrimas.

Sir John Callander, com a sua immensa bondade, experimentara tambem uma emoção, ao dar o ultimo *shake-hands* á boa familia do Machado.

Toda a noite Miss Sarah levava a sonhar com a viagem.

V

No outro dia, cedo, sir Callander e a filha embarcavam.

O sol vinha raiando sobre o mar muito calmo. Velas cruzavam ao longe, com brancuras triangulares. A praia de Cannasvieiras tinha uma grande fulguração prateada.

As primeiras rêdes cercavam já para os lados da Ilhota. E no rancho do Cosme havia uma agglomeração de homens, deitando as canõas para baixo.

Miss Sarah, da põpa da lancha que largava, olhava agora saudosamente os campos e as montanhas afastadas, lembrando-se vivamente das duas amigas e da boa gente que lá ficava. Percorria com olhos os

cômodos e a faixa de areia do porto, onde a luz friscava, quando avistou de repente o Balbino, de pé, contra um varal onde rêdes seccavam.

O rapaz olhava fixamente a embarcação, n'uma attitude nostalgica.

Miss Sarah, que o não via ha dias, enternecida, lançou-lhe affectuosamente um olhar, acenando-lhe com o seu lenço de cambraia.

Elle aprumou-se, como uma estatua, e longamente abanou tambem com o seu largo chapéo de palha.

Mas a lancha fez-se de vela, deixando uma esteira sinuosa de espuma sobre as aguas...

E elle, olhando-a sempre, sentia irresistivelmente como um vago desejo de chorar. Continha-se, entretanto, apertando as palpebras, porque lá do rancho agora todos os rapazes o olhavam.

Mas afinal as lagrimas rolaram-lhe pelas faces, quando viu sumir-se a vela branca da lancha sobre o mar azulado...

SEPARAÇÃO

A ALVES DE FARIAS

Foi uma noite de desespero e angustia para a Seraphina, aquella em que o Thomé partiu.

Pela primeira vez elle deixava o lar, abandonava tudo para ir ganhar o pão em terras estranhas. Impellira-o a isso a penuria em que o haviam lançado, nos ultimos annos, desastres successivos, e, n'aquelle amaldiçoado inverno, as copiosas e continuas chuvas, que tinham inundado as plantações, apodrecendo as raizes.

A mandioca — n'esse anno tão abundante e que promettia dar resultados loucos, para reparar as grandes perdas passadas — completamente destruida! — rôças vastissimas, que contemplara muitas vezes da janella, com os olhos humidecidos de ternura, o coração a transbordar de esperanza, ao sol de ouro jorante das rumorosas manhãs de verão! Eram quadras extensas de ramas verdes rendilhadas, vicejando planuras a perder de vista, trepando declives, e alastrando no alto as largas chapadas dos morros...

As suas rêdes, as mais activas do logar, estavam agora paradas, rôtas, abandonadas, a apodrecer pelos ranchos fechados, recolhidas desde a ultima lestada

desoladora, em que se afundaram, n'uma noite, na altura do Pontal, as duas canôas grandes, que iam para a cidade carregadas de peixe. Elle, já em atrasos, não pudéra comprar outras, e todo aquelle resto do capital da pesca, esterilizado e inerte, ia desapparecendo pouco e pouco, sem uma salvação, sob os vagalhões da desgraça. No entanto, fôra, a bem dizer, com os lucros que essas rêdes deixavam, que erguera, outr'ora, os primeiros esteios do seu lar e da sua felicidade !

Mas tudo estava perdido : o sitio hypothecado, o engenho, a casa ; o gado todo vendido e o seu immenso cafezal verdejante, queimado inteiramente pelas longas geadas !

Decididamente ia para trás, aos empuxões crueis do destino.

E tudo aquillo fôra levantado, alegremente, d'antes, pelos seus industriosos braços de vinte annos, possantes e infatigaveis, n'uma época feliz, em férteis annos de bem applicada mocidade !

Já lá se ia esse tempo, radiante e dourado ! E, actualmente, via-se obrigado a partir, abandonar a familia, para ir longe conquistar a vida, no meio das grandes cidades, pois que a sua freguezia natal, tão amoravel outr'ora, parecia agora hostilisal-o descarnosamente, lançando-lhe a maldição ao trabalho.

Só com os filhos — um ainda de peito, os dous mais velhinhos agarrados ás saias, estrangulados por continuos ataques de coqueluche, que lhes arroxavam os olhinhos macerados — a mulher, coitada, acompanhara o Thomé até á porteira.

Ahi, sob a cinza fina do crepusculo que descia lentamente, em dolencias etheraes, arripiado vagamente no alto por um frémito tremulante e longinquo

de nostalgias e ais, como tristes gemidos implorativos de almas orphãs, levadas soffredoramente pelo Azul, em rajadas de desamparo — os seus afflictos corações de esposos, tão mansos e serenos ha tempos, alagados de sol e cantigas, como os campos que os virain nascer, pela primeira vez, ao separar-se, tempestuaram tumultuosamente, em ondas de profunda amargura!

Muito tempo, de pé, ante a faixa branca e deserta da estrada, por onde vagava, smorzando para os longes; um doce tremulo melancolico de campesinos cantares, elles ficaram abraçados, sem murmurar palavra, as pupilas fixas, tranzidos, em uma ancia espiritual. Tolhia-os, n'uma immobilidade suprema, um tão estranho embevecimento de maguas, que dir-se-iam de marmore, se não fôra o selvagem circular das arterias, onde o sangue escaldava, em violentas pulsações brutaes. Mas, de repente, um tremor convulsivo abalou-lhes profundamente os nervos, e, em um movimento rapido e vivissimo, os seus labios collaram-se, vigorosamente, n'um derradciro beijo, tão intenso e ardente como o primeiro que trocaram em noivos, talvez, á luz verde das raniagens, ouvindo o ciciar amoroso do vento... E, longamente, as suas lágrimas correram, de envolta com os soluços, como se a immensa affeição de ambos alli se despedaçasse, de uma vez, e para sempre...

Depois separaram-se.

Então, por instantes, no largo caminho silencioso, apagando-se lentamente em uma névoa de *fusain*, que se estagnava já sob a verdura espessa das margens — estas palavras soluçantes desoladoramente echoaram, febris, despedaçadas e tremulas:

— Adeus !... Volta breve !... Adeus !...

A paizagem, agora, enlutara-se completamente.

A noite funeraria estendia-se, adensava-se em torno, com o seu dominio forte e ineluctavel.

A Seraphina ficou por instantes inmovel, esmagada de encontro ao moirão da porteira, no meio do choro afflictivo dos fillos ; mas quando o marido desapareceu ao longe, na escuridão da espessura, como arrebatado para a Eternidade, sentiu-se enlouquecer, n'uma onda de dôr suffocante, e prorompeu em gritos, abalando, perturbando a noite calma.

Depois, foi se arrastando penosamente até á habitação, no meio da escuridão sem estrellas, em cujo seio mysterioso e denso parecia já andar rondando phantasticamente um cortejo invisivel de almas penadas, girando silenciosamente, em espiraes dantescas, para o grande concilio da Meia-Noite... Marchava quasi aos trambolhões, perturbada pela dôr, conduzindo os fillos que gritavam e tossiam sempre, deprendurados ás saias. O pequenino adormecera tranquillo, embalado nos ensoluçamentos do seu peito offegaute, com a cabeçinha molhada pelas lagrimas dos seus olhos de Mãe Dolorosa.

O velho cão de guarda da casa, o *Amigo*, compartilhava a afflicção de todos, caminhando adiante, lento e taciturno, na sua magna animal.

E assim atravessaram o cavado, sinuoso caminho que levava ao terreiro, no meio da planturosa Natureza, germinando poderosamente em volta, sempre indifferente e inabalavel.

A porta da casa ficara aberta. Dentro, na compacta escuridão da sala, pesava um silencio lugubre. Um frémido arminoso e vago, como o imperceptivel deslisar de *espíritos*, errando enigmaticamente em busca da Suprema Luz celestial, através das trevas sem fim das expiações seculares, parecia estranhamente ani-

mar esse ambito lutuoso e tristissimo de lar apagado, abrindo na noite como uma garganta temerosa e hiante de portico sepulchral!

Tudo ali plangia desoladamente, em soluços estorpecidos e fundos de camara mortuaria, de onde de repente sahisse para a eterna viagem subterranea das Plagas Iminortaes o cadaver precioso e bemdito de uma creatura amada.

E era tão funeraria e soturna a impressão psychologica de devastação e mudez que vinha das janelas escancaradas, n'uma invasão desmanteladora de desalento e saudade, que o coração sangrava tumultuosamente, em dilacerações formidaveis !

De novo, então, foi accommettida por ondas de pranto forte, e, allucinada, deu mais uns passos, indo cahir sem alento nos degraus de pedra da entrada...

Quando voltou a si, achou-se surprehendida de se vêr alli, tão só, já noite avançada, com as crianças a dormirem ao pé e sobre o collo. Ergueu-se subitamente, com o pequenino apertado ao seio, e entrou com os outros em casa, chorando...

A'quella hora o céu clareara. A lua vinha apparecendo por detraz das montanhas, com a sua luz dolorida e doce, côr de flôr de laranjeira. Alvuras de praias estendiam-se ao longe, na paz de um vasto adormecimento ethereal. Nem um lufar de ventos. Apenas no ar, indistinctamente, o resoar magestoso do mar longinquo, batendo além, nos costões desertos...



A' BEIRA-MAR

A LIMA RODRIGUES

— Lily ! Lily !

E o doce nome cantava no silencio luminoso da tarde, com um timbre de ouro alegre, como o chilrar das andorinhas no telhado.

E, de repente, uma senhora esbelta, loura, planturosa, uma *mistress* de olhos vividos e moços posto que quarentona, appareceu, descendo os degrãos de cimento do jardim, n'uma casa solarenga da Pedra Grande.

Então, na varanda, entre trepadeiras, cobrindo de um crivo verde de folhas a parede, onde se rasgavam grandes janellas rendilhadas, uma cabeça olympica surgiu, como uma illuminante apparição astral :

— Espere lá, mamã !

Nesse instante, um rapaz de claro, alto, forte, são, com bastos bigodes negros e grossos hombros gigantes, transpuilha o vasto portão de ferro, risonho e muito escarolado.

A ingleza esperava-o junto á moita de rosas jaldes, na longa álca que enfiava até ao mar, alva e perfumosa, muito alegre, nas vestes de musselina branca, o rosto e os braços rosados.

E desceram juntos, a palrar, sobre o saibro branco e lavado, rangendo sob as solas, até umas pedras á beira d'agua.

O mar ali achatava-se para todos os lados, calmo e azulado, com uma vasta rutilancia de nickel. A um canto, entre rochas altas, lembrando *menhirs*, accendiam-se malhas de ouro e nacar, que levemente ondulavam. Longe, ao Sul, uma península, com massiços de verdura, arvores frondosas, palmeiras varrendo o céu na aragem. Para as bandas da terra firme, defronte, um occaso dourado de Outubro, alastrando o céu, por sobre o recorte cinzento das montanhas. E, á sombra da costa, aqui e além, cruzando as aguas, como gaivotas, vôos rasos de velas brancas...

Passos leves e um *frú-frú* roçagante abriram-se na álea, e Miss Lily chegou, clara e rosada, vestida de azul-marinho, com uma cadellinha ao collo. Os cabellos caíam-lhe do alto da larga e linda cabeça escosseza, em massa ardente de juba espessa ondulante, côr de ouro, como um braçado de fêno ao sol. Seus olhos célticos tinham a côr, a doçura, a transparencia e o brilho d'agua das fontes, em mattas virgens, nos morros. E seus labios magnificos, onde a brancura dos dentes rutilava, attrahiam os beijos, humidos, polposos, escarlates.

O rapaz voltou-se logo, n'um frémito, o ar gentleman, saudando-a vivamente, com um grande *shake-hands*. E rompeu em festas á cadellinha, n'uma doce algazarra.

A moça, muito corada, ria-se, ria-se alegremente, em esfusiadas *crystallinas*.

O verão começava, e tudo em redor era ineffavel. No ar limpido e transparente, errava um aroma vivo e penetrante.

Sentados sobre as pedras, ao ruído das ondas espraiaando-se em carícias murmuradas, batidas pela brisa do mar, gemendo queixosamente por entre os ramos das arvores, que acenam docemente para as embarcações navegando ao longe — tinham uma palração animada, olhando as casas da Praia de Fóra, muito brancas, no reoncavo da costa, sob a claridade esmaiada da tarde, as collinas do Estreito, ondulado em planos successivos de esmeralda, a paizagem dos Coqueiros, fresca, saudosa e verde-negra, destacando sobre onro, como as linhas fugidias de um oásis...

Perto, n'uma volta da estrada, para onde descem pastagens luxuriantes, lembrando os prados bizarros da Escossia na primavera, grupos coloridos de moças e rapazes perpassavam alegremente, na frescura littoral da paizagem.

Longo tempo alli ficaram, olhando a feérica illumination do occaso.

Mas uma meia-tinta azul-ferrête alastrava o céo, barrando os longes os primeiros pannejamentos da noite.

Uma ethérea melancolia pesava, aviventando extinctas lembranças, venturas gozadas em tumultuosos instantes, na effervescencia do sangue, na tensão de nervos que se distendem, quando o coração polarizado ama...

Ergueram-se, então, tomados de uma vaga dolencia, fixando ainda uma vez as aguas, tingindo-se de uma negrura brilhante.

E *mistress* Mag adiante, foram subindo vagorosamente para casa, onde uma lampada belga abria já a sua grande flôr luminosa, no salão.

Mas, demorando o passo na álca, sob as frondes murmuradas, o rapaz, n'uma profunda vibração

affectuosa, enlaçando amorosamente a cintura da moça, ia a beijando, beijando...

Ella, vencida e cheia de ternura, reclinava-se toda sobre o seu hombro forte. E de seus labios humidos desprendiam-se, tremulas, entrecortadas e ardentes, estas palavras deliciosas :

— Meu amor !... Meu amor !...

Nos degrãos da entrada pararam um momento, arrebatados pelo esplendor do céo, que se coroava todo de uma prateada florescencia de estrellas.

NA RÓÇA

I

O Cosme, depois que a tia Sabina morrera, dera-se todo á bebida. Raramente trabalhava já ; e a maior parte do tempo levava-a, de manhã á noite, na venda do André, a virar vintens de aguardente.

A sua physionomia, outr'ora bella, rosada e limpida, com um riso amavel e um resplandecimento juvenil e doce, achava-se agora quasi completamente transformada. Os seus olhos castanhos e transparentes, muito abertos, e que tinham uma expressão e uma luz tão forte que accendiam logo nos virgens corações das raparigas affectos desordenados, arrastando-as, ás vezes, ás fúrias da rivalidade assanhada e dos ciúmes convulsos, fazendo-as descomporem-se e esganharem-se impudentemente nos terços—viviam agora cerrados sempre e cobertos da rubra e desfigurante bruma do alcool.

Sobre o rustico banco de madeira, que corria horizontal ao curto balcão da casa, levava as horas a dormir, sentado, com uma das pernas dependurada e a outra erguida sobre a taboa — o pé direito espalmado, mostrando uns dedos nojentos, callosos e deformados, onde os dois braços e as mãos, fechando em

circulo a perna em triangulo, desciam e vinham unir-se, enclavinados. A cara, congesta e tumida, apoiava-se contra o joelho, e a barba, sedosa e fina, posto que maltratada, estava sulcada de grossos fios de baba.

O cabello, inculto e longo, todo emmaranhado e ruço d'aquelle triste vegetalisar pelo vicio, d'aquelle vida desviada totalmente do bem estar e do trabalho, exhausta já de vigor e brio, dava-lhe á cabeça revolta um ar disforme e velho. No entanto, bem reparadas, as feições guardavam ainda um certo clarão juvenil, um tom vago e fugidio d'aquelle doçura e virilidade antigas.

II

A tia Sabina era mulher dos seus sessenta annos, alta, magra, com os cabellos brancos e um pescoço fino e comprido, cheio do forte sulcamento das veias. Fallava pouco e baixinho; era devota, sabia lêr e tinha bom coração.

Todas as noites, depois de fiar o sen bocado de algodão, cejava e ficava por muito tempo defronte de uma velha commoda, onde havia um registro colorido do Bom-Jesus-de-Iguape, em pé, com uma palma verde na mão; ficava alli a orar, com o sen longo e encardido rosario entre os dedos, a passar as contas, com um movimento rapido dos labios murchos, que zumbiam levemente, e o olhar, ora vagando pelo tecto, ora fixando a imagem pintada; depois ia-se metter na cama, mastigando ainda restos de rézas.

Fôra casada vinte annos. O marido havia quatorze morrera. Era embarcado, levava a vida por

fôra, em viagens, e a ultima que fizera matara-o, porque desembarcara doente, em braços, a bem dizer morto, com uma pneumonia.

Ella então, necessitada de uma companhia, tomou para si o Cosme, um rapazinho orphão, magro e amarello, muito tímido e desajeitado, com uma carinha meiga e uns olhinhos grandes e mansos, e que vivia a favor em casa de uma pobre e numerosa familia dos Zimbros.

O rapazinho não era feio e a tia Sabina, desde que o tomára, que descobrira n'elle uma bondade — era obediente e calado, muito dócil, alheio a troças, e amigo de fazer as voltas da casa. Por essa razão, tratou logo de dar-lhe umas roupinhas e mandal-o todos os dias á escola, acompanhando-o até á porteira, e recommendando :— “Sê bem ensinado e bom ; e aprende, meu filho, aprende, que é para seres homem.”

E ficava ainda depois a olhar de longe o pequeno, que ia caminhando sem se voltar, com o andar preso e atrapalhado, e os pés a doêrem-lhe e a escorregarem dentro dos tamanquinhos novos. Tinha então seis annos.

Quando elle voltava, ao meio-dia, e vinha tomar a benção, ella, sentada na caixa grande da sala, com o cesto da costura ao lado, apertava-o contra si carinhosamente, e tirava-lhe com meiguice o casaquinho e o bonet, alisando-lhe para trás o cabello com a caricia das mãos, perguntando-lhe :

— Então, soubeste hoje a lição ?

E beijava-o na testa, enternecida.

Depois levantava-se ; ia tirar a comida — estendia no chão uma esteira, abria sobre ella uma toalhinha muito alva e, com a panella ao lado e uma grande colhêr de pão, enchia o alguidar do rapaz, que, sen-

tado, as pernas cruzadas, remechia e amassava o pirão, mastigando em silencio.

A' meia tarde, o Cosme voltava de novo á escola. E ao entardecer regressava, só, afastado dos companheiros, que galhofavam d'elle, dos seus modos, e que, n'um alarido desenfreado, corriam, jogavam pedradas para as cercas, onde os cães se iam refugiar latindo e os passarinhos dobravam nas ramagens altas.

Quando anoitecia, a velha botava-o adiante de si com o catuto na mão, e desciam ambos para a fonte, a buscar agua, por entre o cantar metalico dos grillos e as inquietas brazinhas dos pyrilampos.

Assim cresceu o pequeno.

Uma occasião, já com dezoito annos, metteu-se-lhe em cabeça casar.

Na casa visinha, do lado do morro, havia uma rapariga galante e viva, filha de um pescador do logar, que desde muito andava tentando-o com uns olhos magnificos. A rapariga chamava-se Margarida. Era um demonio ; havia mezes, vinha todos os dias ao caminho esperar o rapaz quando voltava da rêde. Então fazia-o parar, começava a contar-lhe "cousas", a dizer que o amava, estalando-lhe nas bochechas risadas esplendidas, jogando-lhe beijos com os dedos, entornando-lhe sobre a cabeça um turbilhão de pétalas !

O Cosme, muito acanhado, pasmava n'ella os seus grandes olhos castanhos, corava ; ficava commovido e satisfeito com aquellas declarações e caricias, e ria-se, ria-se a valer, sem saber o que dizer, sentindo palavras que lhe passavam na imaginação como faiscas, mas que nunca lhe vinham aos labios ! Apenas podia dizer, aparvalhadamente :—"E eu !... E eu !..."

Depois, despedia-se e seguia para casa, voltando-se de instante a instante para ella, que ficava de pé, no terreiro, a acompanhá-lo com os olhos—impressionado, cheio de seismas, com uma doçura sobre o coração.

E levava todo o tempo a pensar na rapariga, vendo-a, pela imaginação, divina, alegre e resplendente, com as mãos nos quadris, sob o abundante ouro do sol.

Havia noites que não dormia, porque necessitava pensar n'ella, tel-a ao pé de si. Achiava as horas immensas, intermináveis; e parecia-lhe, tristemente, que não amanheceria mais, que não veria o sol depois. Era uma angustia, uma infinita angustia!

Resolveu, então, dizer á tia Sabina que precisava casar-se, senão não poderia mais viver, morreria...

A tia Sabina ouviu-o sileneiosa, e, muito de manso, disse:

— Tu estás doudo, Cosme! Não vês que isto é uma falta de juizo, e tu não tens idade nem meios?...

— Mas eu quero; quero, porque já não posso mais! retorquiu o rapaz.

E ella, melancolicamente, com os olhos no chão, pôz-se a reflectir, abanando a cabeça... Depois, fitando o Cosme, que estava em pé, no portal, acrescentou:

— O que se ha de fazer! o que se ha de fazer!...

D'ahi a mezes o rapaz casava. A Margarida, a principio, era muito boa, muito trabalhadeira, e não deixava a tia Sabina fazer alguma cousa sem que ella a ajudasse. A tia Sabina vivia n'uma satisfação, queria-a muito e chamava-a sempre—“santinha”

Mas, decorridos dous annos, a Margarida, que era de um temperamento ardente, irrequieto e revoltoso, deu em “virar a cabeça” e não fazia mais do que

preparar-se e ir todas as tardes, depois do jantar, dar a tréla pela vizinhança.

A' tia Sabina não lhe agradava aquillo ; mas, como sempre, permanecia culada, sem lhe dar a entender, mesmo de leve, o seu desgosto por aquellas visitas.

Um domingo, porém, uma velha camarada de infancia, e sua comadre, a Rita Basília, a da Coivara Grande, que já ha tempos não via, e que viera á freguesia para ouvir a sua missa, ao passar-lhe na porteira, encontrou-a estendendo umas roupas molhadas, e fallando:—“... E' verdade, como vae o Cosme? E a Margarida? Olha, mulher: pois não está tudo cheio que ella é má bisca; que não pára em casa, e vive todo o santo dia a curricular, enganando o pobre do marido, coitado! Oh Sabina, anda cá: põe-lhe um “cobre”, vê se a mettes em caminho. Olha que é uma desgraça...”

E como viesse gente, despediu-se apressada:—“Adeus, vou á missa, que já basta de perder tantas. Logo en entro; agora não posso, ouviste?” E sahiu á pressa, bamboleando as suas transbordantes ancas de mulher madura e pesadissima, no meio do cadenciado estalar e ranger dos tamancos.

A tia Sabina, estendida a roupa, retirou-se, cabisbaixa, recolhida, com visiveis signaes de afflicção no rosto. Quando entrou em casa, ia pensando:—“Vou dizer-lhe tudo. Isto não fica bem. Não pôde ser. Tambem sahir todas as tardes! Já estão surdindo os mexericos... Virgem Maria! Cáe na bocca do mundo, cáe na bocca do mundo!...”

E n'isto esbarrou-se com a Margarida, que vinha sahindo de casa, com uma radiação de alegria no semblante risonho e um grande mólho de malmequeres,

«halias e perpetuas, direita a ella ; —“Tia ! Olhe, eu vou até lá ao Amaro ; vou levar flôres para o terço. Passo lá o dia com a Leandra. Pois não sabe ? Hoje é o dia da Conceição. Ha terço logo á noite.”

A tia Sabina, com a sua immensa bondade, vendo-a muito alegre e rosada, de uma frescura infantil, dentro do seu vestido de chita clara, conteve-se e apenas disse : — Vac ; mas toma cuidado, filha. Não sejas leviana. Olha que já fallam...”

E ia para concluir, quando a rapariga, com um modo estouvado e inquieto, pegando-lhe do braço e sacudindo-a, interrompeu-a : — “Você vá, tia ; deixe isso e vá. Aquillo vae ser bom. Ha dansa.”

E sahiu correndo, com as longas tranças soltas e um frú-frú de saias cugommadas, em direcção ao caminho.

O marido não estava. Na vespera, levara a noite inteira na rêde. Como o peixe “era matto”, carregara uma canôa, e, sem voltar á casa, sahira para a cidade, pela madrugada, e até áquella hora não se sabia d'elle.

A' Margarida, porém, não lhe deu abalo isso ; já pouco se importava com elle, e até estimava a sua ausencia. Entretanto o pobre rapaz nunca fôra tão dedicado e carinhoso como agora.

Sempre que entrava de fóra, ia logo para ella : abraçava-a n'um contentamento, intimamente envaidecido e orgulhoso por aquella “prenda chibante que elle quasi não merecia.” Porém ella enchotava-o, como a um cão ruini, toda séria, empurrando-o para longe de si com os seus braços roliços e côr de rosa, rejeitando assim as francas e laes caricias do rapaz, em cujo peito floriam esplendidas a nobreza e a ingenuidade dos affectos. E, obstinadamente, “seccada” repletia sempre : — “Já vem o tôlo ! o desengaçado!

Fosse antes dormir, se tinha somno ; mas não a viesse inquietar, o “tanço” !

E assim vivia a maltratal-o constantemente.

No terço do Amaro, á noite, depois do capellão engrolar a réza e apregoar o juiz e os mordomos que tinham de fazer a festa no outro anno, começou a dança. Achava-se ali, n’essa occasião, o José Italiano, mascate, que de vez em quando rebentava pelo logar, onde a sua mercadoria voava, tendo uma fama e possuindo numerosos freguezes.

O José Italiano era um calabrez sympathico, de uma grande belleza viril, que impressionava e arrebatava as mulheres. Mas atrevido e corrupto, nas casas onde por acaso assistia e se lhe abriam os corações, na generosa e santa ingenuidade roccira, deixava sempre a desgraça e a deshonra.

Diversas familias, alli, foram impiedosamente arrastadas pelo miseravel á corrupção e á miseria.

E a Margarida, já desde muito, andava algemada ao seu olhar electrico e vencedor, onde bebia as tentações e graças, todas as delicias satanicas dos amores illicitos. Profundamente dominada pelas ardentissimas manifestações e arrastamentos do seu temperamento indomavel, relichante de seiva e fartamente enbebido em sol—abriu um escandalo desordenado e terrivel no meio affectuoso e sereno de toda aquella festa, prendendo-se, a noite inteira, nas danças, impudicamente e sem interrupção, ao braço rijo d’aquelle sujeito audaz, que fazia timbre em ostentar affrontosamente, em plena estupefacção geral dos convivas, a paixão descabellada e cynica d’aquella rapariga douda. E, pelas duas horas da manhã, por entre o cantar secco dos gallos e o reboliço das despedidas,

escapou-se com elle, de tal modo que ninguem os viu mais.

No outro dia, corria insistentemente pelo sitio que ella tinha fugido com o Zé Italiano, para as bandas da Caieira...

O Cosme, assim que voltou á casa, soube tudo ; ficou fulminado e prorompeu aos soluços, a arruabar-se e a maldizer-se. E, nas intermittencias da dôr, quando a realidade desmanteladora e brutal do caso se restabelecia com nitidez, jurava, em altos berros roucos, desfigurado e congesto, convulsamente brandindo a sua aguda faca de roceiro :

— Elle ha de pagar-me, o diabo !

A tia Sabina, coitada, que o escutava e estava acabando uma camisola de baêta azul, teve um tremor e uma pallidez, mas não disse nada ; e, olhando-o docemente, com uma expressão de incomparavel piedade e ternura, desatou a chorar, silenciosamente : grossas lagrimas, como punhos, sulcavam-lhe o rosto engelhado.

Agora como que tinha perdido toda a serenidade : um ligeiro estremecimento agitava-a toda, e o seu rosto, n'aquelle instante, parecia mais abatido e cavado. Quem, melhor do que ella, conheceria a organização d'aquelle rapaz, tão ingenua, tolerante e passiva sempre, mas uma vez atacada, completamente outra, vingativa, cruel e sanguinaria como um lobo ?

Ainda trazia bem de memoria a historia do mulato do Reis, que, uma noite, o fôra esperar no caminho da praia para lhe metter medo, do que resultou perder o Cosme a cabeça e o mulato sahir esfauqueado n'um braço, em risco de morrer. Ella conhecia bem o Cosme !

III

D'ali a tempos, dizia-se por toda a parte que o rapaz, tão bom e tão ajuizado d'antes, profundamente apaixonado pelo abandono inclemente em que o lançára a mulher, déra em beber, e, algumas vezes, chegava a não se aguentar de pé.

IV

Era por uma noite negra e troviscosa de inverno. O Cosme, como sempre, estava na venda do André, sentado n'um banco, n'uma modôrra, bebendo, completamente bebdo.

Outros lavradores, que costumavam reunir-se alli, todas as noites, para a "sécca" algazarravam alegres e expansivos, felizes n'aquelle santo descanso bem ganho dos rudes labores do dia, na cultura das terras, pelas baixadas e morros, sob a barbara caustica do sol, ou na pesca da enxôva, no mar alto, sob as terríveis e açoutantes cordas dos ventos das tempestades, nos bravios costões do Arvoredo.

Fallava-se discretamente do Cosme.

— Como vivia agora aquelle pobre rapaz! Quasi sempre bebdo! Que desgraça! Mas era aquelle gosto! E antigamente tão bom que fôra! É um bruto que tinha força que nem um touro! É que, de uma feita, elle só, plantara uma roça de mandioca que déra trezentos alqueires!.. N'esse tempo, ainda a tia Sabina—Deus lhe dê o céu—era viva, e a donda da mulher não déra para aquillo!.. Tambem ella só não tinha culpa. Peior era elle, aquelle cachorro do Zé Italiano, que lá no terço do Amaro—não viram?

—levara toda a noite a metter-lhe caraminholas no caseo, não se despegando, um instante só, das saias da rapariga, até que “o raio da sem vergonha” deixou tudo por elle... A tia Sabina, que lá estava no bom logar, é que lhe fallou ás direitas, quando elle disse que queria casar :—“Estás doudo, Cosme ! Tu não tens juizo !”...

N’isso, o Cosme, acordando d’aquelle entorpecimento, ouviu ainda algumas palavras, e, com um fuzil de cólera nos olhos vermelhos, rosnou :

— Oh Matheus, oh raio ! Que diabo estás tu ali a dizer ? Deixa lá isso, homeu ! O que foi, foi...

O Matheus calou-se ; e elle tornou a encostar a cabeça sobre os joelhos.

Lá fóra a chuva cahia em bategas ; e fuzis continuos, acompanhados de estrondos, abriam na escuridão subites elarões de fogo rubro-violaceo, que deixavam vêr, pela porta entreaberta, uma paizagem phantastica e lugubre de opera magica.

O Matheus então foi até á porta, fineou os olhos na negrura espessa, como quem quer vêr alguma cousa ; olhou para o alto : completamente escuro ! — e exclamou :

— Temos agua !

E, voltando-se para dentro, com os braços cruzados no peito e os largos hombros encolhidos pelo arrepio da humidade :

— Quem é lá de cima ? Na primeira estiada, prompto ! Quem se vac, vae ! Isto aguenta até dia...

E encostou-se de novo ao baleão, com os olhos pregados na molhadura nescada que o sudoéste entendia pelo soalho, entrando de travéz.

Pelo morro do Zefira, que ficava logo adiante,

sentiu-se um ruído de patas, que se aproximava.

Todos puzeram os olhos na porta.

Um cavallo, pintado de largas manchas brancas, que o lampeão da venda fazia alvejar e luzir, estacou no portal, com os olhos em braza e as largas ventas resfolegantes da corrida.

Então, um homem de botas, atacado em um grande ponche que escorria, ensopado pela chuva, alto e moreno, de barba cerrada, tilintando as esporas, desmontou-se, e, enquanto desapertava a cilha do animal para descilhal-o, gritou para dentro, em mau portuguez:

— Oh André ! Quero-te hoje uma pousada e pasto para o cavallo. O tempo está dos diabos, homem !

Todos exclamaram :

— Ah ! E' o sô Zé que anda por ali. Nossa Senhora ! Era uma lastima aquelle tempo !

Elle entrou, batendo os tacões, com os arreios de rastos, n'um tinir metallico de lóros e estribos, indo collocar tudo a um canto, por detraz da porta, e, dando "boas noites", desatacou o ponche e despiu-o, deitando-o sobre o balcão, onde encostou-se, pedindo cachaça e dando um forte relhaço nas taboas.

— O André inqueriu :

— De onde vinha ? Com aquelle temporal d'agua era uma loucura ! Apanhara-o muito longe ?

— Que não ; pelo Justino. Mas estava fechado, senão ter-se-hia arranjado por lá. Fôra alli por causa de nmas terras...

O Cosme acordou de novo, com o ruído brutal d'aquelle relhaço, levantou a cabeça e, ao dar ines-

peradamente com aquelle homem ao pé delle, de costas, roçando-o bruscamente, saltou.

Os roceiros olhavam-n'ô.

Elle esfregou rapidamente as palpebras pegajosas, e, convulso, transfigurado, arremetteu contra o italiano, n'um impeto, n'uma ferocidade bravia, os punhos cerrados, os dentes de fóra, os musculosos braços retesos, n'um medonho aspecto de furia, e, atirando-o violentamente ao chão, cavalgou-o, levando uma das mãos á cinta, onde costumava trazer a faca.

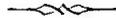
Os homens correram logo, procurando intervir:

— Chega ! Chega ! Não o mates ! Não o mates !...

Mas o rapaz, subitaneamente, agitou o ferro no ar, e, varias vezes, afogou-o no corpo do italiano.

E sahiu, correndo e rosnaando, entre allucinado e medroso, n'um tom indizível :

— Matei-o ! .. Matei-o !



MAR GROSSO

AO DR. RAMIZ GALVÃO

Desde manhã que a Isidora e mais duas camaradas estavam nas pedras a tirar marisco.

Corria um verão muito limpido. Uma continua brisa de nordeste embalava docemente as verduras do pequeno promontorio do Rapa. Do alto cahia o sol de ouro quente. Em baixo, em volta, achatando-se a perder de vista, cheia de magnificencia e de sonhos, a planura verde do mar, faiscando, com os seus grossos vagalhões sonóros, que se estendiam em gigantescos cordões, ao longo das praias, cobrindo-as de largas rendas de espuma. Proximo, os cômos, com um tom de alvuras oxydadas, sob a luz radiante, expunham um retalho desolador de ondulosas areias saharianas. Velas andavam além, com saudosas brancuras.

De lenço de chita pela cabeça, as mulheres, com as costas escaldando, o rosto aberto pelo calor em côr de rosa esplendido, enchiam os samburás, empoitadas sobre as pedras.

As ondas, ás vezes, esnechoando em véos brancos pela penedia, lambiam-lhes com furor os braços e as

mãos rebuscadoras e déstras, que apanhavam os muriscos ás peneas.

E desatavam a rir, cheias de consolação, n'aquellas luvas de espuma que as deliciavam, e que logo o ar desmanchava.

N'essa doçura e na alegria da farta pesca que a baixa-mar favorecia, iam de pedra em pedra, n'uma palração que aquecia, em notas muito cantadas, borbulhando, como um veio crystallino, nos labios frescos e humidos, de bella pôlpa escarlate.

Sentiam-se felizes, e fallavam expansivamente da casa, dos filhos, das rôças, da sua criação e do gado, abençoando o destino.

Com os samburás já cheios, esqueciam-se agora, n'um repouso bem ganho, sobre uma lage rasa, das mais de fóra, sem reparar na maré que subia.

Levaram assim longo tempo, a dar á tréla...

De repente, um vagalhão solteiro, um d'esses tremendos vagalhões, tão conhecidos nas costas de mar grosso, em tempo de bonança, que fazem revolver inopinadamente as canôas e submergir as rochas, como n'uma tempestade, erguem-se e envolveu-as de subito no bôjo bramante.

Foi um medonho turbilhão de espuma.

A lage toda afundou-se, sumiu-se em grossos rolos fumegantes, como um casco a pique, e, quando a agua escoou, gritos dilacerantes partiram da corôa branca das ondas.

A Isidora, robusta e valente que era, como um animal de trabalho, com os seus braços possantes e rijos de bater algodão, acarretar agua e lenha, e malhar o feijão, no terreiro, ao sol, procurava em rudes arrancos galgar a pedra escorregadia de musgo, que nem ao menos offerecia uma cavidade apoiadora para

as mãos naufragas, tentando agarrar-se ao alto, nos constantes empuxões das vagas. Debatia-se heroicamente, com rudeza, n'um frenezido de salvação, n'um desespero de leão.

As outras, boiando nas saias enfunadas, aos gritos, n'um bracejamento indomito de luctadoras, iam levadas para fóra, no recúo das agnas liantes...

Pescadores, que andavam além, deitando as rêdes, n'um afastado recanto da costa, acudiam correndo.

N'esse instante o homem da Isidora, o Manuel Porto, appareceu no alto das pedras, com os dous filhos pela mão, aos berros. Ouvira, lá embaixo, do lado de lá, na Lagoinha, gritos continuos que voavam d'aquellas bandas, e atirava-se para alli a toda, n'um sobresalto, com as crianças, porque recebera de repente uma pancada no coração, ao lembrar-se da mulher, que o avisara, de manhã cedo, que ia ás pedras tirar mariscos, mais a mulher do Zé Felix e a do Rufino.

Do alto das rochas, o pobre homem recebeu logo, no largo olhar rebuscante e ancioso, o sinistro quadro, e sentiu rebentar-lhe o peito possante como uma machadada formidavel.

Uma enervação subita inteiriçou-o; quasi não pode respirar; mas quando a reacção fez-se, despertando a mascula e poderosa energia de velho leão do mar, desprendeu-se dos filhos, disse-lhes que esperassem, que já vinha, e desapareceu pelas anfractuosidades das fragas, branco, tremulo, n'uma angustia allucinadora e suprema. Foi até ás ultimas pedras, as mais de fóra, as mais avançadas nas ondas.

As duas mulheres já haviam afundado ao largo; mas a Isidora ainda luctava, no immenso torvelinho das vagas, batendo de encontro ás rochas.

Resistia prodigiosamente, n'um ultimo combate para a Vida, com o peito athletico e rude de aldeã lacerado, ferido, escorrendo sangue, os cabellos soltos, empastados pela cara, os olhos immensamente abertos, com um brilho vidrado e frio, raiado em sangue, o ar crispado e tremulo de Furia agonisante.

D'essa creatura em perigo supremo, desprendiam-se nivos roucos, desoladores, plangentes.

De um cabeço perto, totalmente impedido de avançar mais, o marido estendia-lhe os braços herculeos, chamava-a pelo nome, dizia-lhe que se aguentasse — *um instante só, por Nossa Senhora, que elle a salvaria !...*

E arrancava precipitadamente a camisa para se jogar ás ondas.

Mas a Isidora, coitada, já não o ouviu mais. Um vagalhão mais alto envolveu-a, afundando-a para sempre, sob as espumas brancas...

As pedras, agora, possuíam toda uma população, estranhamente crivadas de gente. Crianças, mulheres e homens faziam um alarido selvagem.

Nenhuma embarcação nas proximidades ! Ninguém capaz de arriscar-se n'aquellas penedias !

O Manuel Porto, então, por momentos, quedou-se espasmado ; depois, com os olhos rasos de agua, transido, lançou os braços ao céo, parecendo implorar profundamente de Deus, a essa hora bem occulto e distante, uma salvação, um milagre, para a pobre mulher, que fôra sua, alli perdida, agora, no seio torvo do mar !

O ALLEMÃO DOUDO

A BERNARDINO VARELLA

Elle teria os seus cincoenta annos. Era alto e robusto, erecto e rijo como um *landsturm*. Na sua physionomia rubra e cheia de desolação, havia uma certa expressão de doçura e belleza viril, através de uma triste espiritualidade profunda, que se abria em ampla crystallisação de soffrimentos sem fim, sobre a pelle endurecida e queimada como um velho pergaminho, expondo dolorosamente, em rudes curvas e linhas, a mascara desesperada e febril da loucura, toda viucada de hieroglyphos e rictus.

Com a barba e os cabellos incultos encinzados de neve, dando-lhe um ar antigo e venerando, no despenhamento de um destino perdido, semelhava recordativamente uma dessas transidas, soffredoras figuras de velhos Reis de exilio, vagando tragicamente, alquebradas por uma dôr inessante, na nostalgia da Patria longinqua, como andrajosos peregrinos sem guia, que, por uma noite tempestuosa de angustias, perdem subitamente o rumo da aldeia querida, gemendo e chorando, pelo meio dos caminhos.

Apparecia quasi sempre nos sitios, em frequentes e tumultuosas correrias, impellido inconscientemente

pelas exigencias da vida, em busca de alimento, a imploral-o, com uma animal soffreguidão humilde, pelos pobres casaes os lavradores, sempre abertos e transbordando de affectos para essas almas errantes, batidas de um vento sinistro, que a sombra maldita da Desventura não deixa jámais noivar nem construir o seu ninho.

Fallava n'uma grande gesticulação febril, em que os membros se deslocavam continuamente, riscando no ar violentas linhas indecifráveis de abecedario sanskritico, com phrases gutturaes, em linguagem acre e pedregosa, que ninguem entendia. E, nesses instantes difficéis, o seu rosto adquiria uma tal mobilidade de visagens e rugas, formigando em electrismos nervosos, que, muitas vezes, os que o cercavam e ouviam, eram acommettidos de repente de uma arripiante algidez de susto, suppondo-o inopinadamente sublevado em accessos bravios, que lhe agitassem os poderosos pulsos. As erianças e as mulheres figiam logo, opalescidas e tremulas, no temor de um conflicto. Mas o desgraçado louco, ferido por aquelle abandono, serenava immediatamente, n'um largo espasmo de doçura, em que os seus olhos claros se arrazavam de pranto, como para externar a mansidão do seu intimo.

Então, os lavradores, enternecidos, davam-lhe alguns minguidos quinhões, que elle recebia n'um alarido selvagem de jubilo. E partia em seguida, fallando e gesticulando com furia, como n'uma alegria em delirio, a gargalhar estrepitosamente por momentos, na linha sinuosa da sua marcha descompassada e batida, desapparecendo, por dias, nas voltas suaves e florescidas dos brancos caminhos agrestes...

Havia quasi um anno que elle vivia assim, surgindo intermittenemente pelas estradas, naquelle itinerario de martyrio eterno, sem consolação e carinhos, assustando os simples, que debandavam n'um panico, ante a sua apparição terrivel; ás vezes risosno e pacifico, outras agitado e ruidoso, conforme o caso da sua nevrose; mas sempre respeitoso e inoffensivo, muito amigo das crianças, gostando de amimal-as e beijal-as n'um enternecimento infinito, a passar sobre as cabecinhas louras e infantis, como em uma caricia demorada e paterna, a sua mão callosa e rija.

Na existencia tumultuaria d'esse homem, havia talvez o alanceamento profundo de incognitas angustias saugrentas, a vasta tenebrosidade insondavel de algum mysterio, de algum desastre, porque, muitas vezes, deram com elle chorando, como em uma levada infernal de dôres, ás porteiras dos engenhos, á hora sombria e nostalgica do anoitecer, quando passavam as raparigas nutridas e palradoras, que voltam das farinhadas.

Longas horas alli ficava, na afflicção, em uma estranha lucidez de espirito, que mais lhe intenseava o tormento, prostrado, dilacerado, gemente. De espaço a espaço, levantando mansamente os olhos rasos de agua para a alta serenidade apaziguadora do Azul, cobrindo-se já de uma primeira tremulante florazão de estrellas, por onde erravam—quem sabe!—os seus Sonhos foragidos e as suas Chimeras desfeitas, os seus labios convulsos e ardentes murmuravam vagamente, indistinetamente um nome... Depois, curvando docemente a fatigada cabeça arminhenta, n'um offegante movimento de hombros, que traduzia dolorosamente toda uma humilde e resignada aceitação de

soffrimentos, cujas intimas e sentidissimas implorações aos céos perdiam-se sempre na invencível e parada nudez de um silencio—rompia de novo a chorar, desventurosamente...

E assim ia vivendo, entre o temor e a condolencia publica, recebendo da imaginação popular cores phantasticas, salientando-se como um ser estranho, quasi sinistro, á maneira de um vulto apocalypticó, na funerariedade genial e psychica de um desenho de Doré.

A's vezes, quando as pausas da molestia davam-lhe a suavidade e a segurança do discernimento, procurava, para descansar, os ranchos de palha baixa e espessa, abeirados dos rios, que dão quenturas e confortações de ninhos aos desgraçados que erram, secos de recurso, sem carinhos nem festas, aos ventos apunhalantes e frios, que rasgam desordenadamente as carnes, pelo decurso contristador e trevoso das longas noites de inverno.

Em uma dessas occasiões, porém, foi apanhado de surpresa, altas horas, pela furia demolidora, irresistível, de uma tempestade, plena de fuzis e trovões, que fizera transbordar o rio, alagando os campos em volta.

Cercado por todos os lados pelos montantes espumosos, que avançavam inundando a planície, em esfiarpados, cinzentos vellos ondulantes, abrindo, de instante a instante, sob os relampagos rubros, como uma immensa superficie de terras geladas, que lhe avivavam esmerciamente no cerebro confuso certos recantos saudosos da Germania, sob as neves grossas do Norte — foi colhido de repente, após uma Ineta cyclópica, pelo torvellinho terrível das aguas bramantes...

Um dia depois, na serenidade limpida de uma tarde de ouro, dous pescadores que desciam o rio, foram encontrar o corpo do allemão em uma das bréchas que a impetuosidade da torrente cavára fundo nas barrancas: alli mesmo sepultaram-n'o, descarinhosamente, socando-o a pés, sob uma indiferença de estranhos.

E ainda hoje, quem passa pelo logar, olhando á direita, encontra um pedaço de terra, estufado como um ventre cheio, a cobrir os ossos do pobre homem; mas nenhum signal, nenhuma ernz !

Entretanto, a alegria da vegetação, na ampla uberdade da Terra, enarregou-se dos ornamentos da eóva, e uma porção vigorosa de grama alta, de um colorido glorioso e cantante, semellia o bando vivo e ruidoso das suas esperanças de outr'ora, que voltam agora a pousar-lhe piedosamente alli, para acompanhar-o no tumulo, á zoeira melancolica das laranjeiras em flôr, á noite, e ás suavissimas canções das florestas, ao clarear das manhãs !...



NUCIAS MARINHAS

A BELLARMINO CARNEIRO

I

O pequeno arraial da Ponta Grossa, n'essa clara manhã de Janeiro, despertara alegre e ruídofo, como nos dias de grande pesca, pelo tempo das tainhas, ao cahir das primeiras geadas.

Na praia recurva, de areia alvissima, estendendo-se na distancia de um kilometro, desde o taboleiro dourado do longo pontal ao Sul, até á crista de rochas negras e altas ao Norte, onde o mar sacode, noite e dia, em vagalhões espumosos, largas barras de prateada escumilha — remadores das rêdes; em camisas e calças arregaçadas, grandes chapéos de palha á cabeça, fumavam e palravam rusticamente, de pé, em volta de duas immensas canôas de vóga, alcatroadas de novo, que, postadas sobre grossos rolos de madeira, de prôa para o mar, e palamentadas, os beques finos erguidos, esperavam, promptas a investir contra as ondas.

Era o casamento da filha mais nova do Rufino Bastos, a Rosinha, com o João Aguiar, um bello rapaz vigoroso, patrão de uma das rêdes do pai.

Ia effectuar-se o acto sagrado na egrejinha do Santo Antonio, uma freguezia pittoresca e agreste, que ficava do outro lado, á margem esquerda do Rato-nes, cortando alli as terras com o seu largo estuario.

Devido a isso e á pobreza do arraial, que nem ao menos possuia uma capellinha — antiga e unica aspiração d'aquella boa gente adoravel !— os consorcios e baptisados faziam-se sempre por mar, em magnificas monções, sob um tempo limpido e calmo, o que não evitava, entretanto, um ou outro desastre, de longe em longe, quando sobrevinha inopinadamente algum temporal.

O risinho prestito compunha-se de duas ou tres numerosas familias do logar — a gente do noivo e da noija, e mais amigos, conhecidos e compadres, caminhando todos alegremente, posto que um pouco contrafeitos n'aquellas roupas das festas, mas em agradavel e animada palestra. Na frente vinha a Rosinha, pelo braço do pai, formosa e tentadora, a bocca rubra, os pestanudos olhos baixos, as faces vivamente coradas, e a fronte virginal inclinada sob o véo fino de tulle. Seguiam-se as pessoas que iam testemunhar o noivado — pela Rosinha, o tio João Luiz e a tia Anna Mafra, um casal já idoso, com a cabeça alvejada do frio decorrer dos annos ; pelo João Aguiar, o Jacintho Cunha e a esposa, robustissimo par de lavradores, ainda moços, louros, com um rosto côr de lacre ; e as irmãs dos nubentes, as primas e camaradas — um bando de moças, d'entre quinze e vinte annos, graciosas, alegres, ineffaveis. Mais atraz, n'um grupo de rapazes, em sua maior parte companheiros de rede e seus intimos, vinha o noivo, marchando feliz, com os hombros enormes muito aper-tados n'um frak novo de panno, a gravata alva

confundindo-se com a camisa tesa de gomma, a alta cabeça viril erguida, os labios risonhos, os olhos reluzindo, negros, na pelle queimada.

Quando chegaram á praia, os tripolantes, que olhavam attentamente o desfilhar do cortejo desde o alto da estrada, entraram a botar as canôas para baixo.

Então, de pôpa para terra, palpitando já sobre as aguas balouçantes, as embarcações começaram a tomar os convidados.

E logo após, sob a força possante dos remos, se afastaram ao largo.

II

Do alto do morro, no parapeito branco do vasto terreiro murado, onde alvejava, caiado de fresco, o frontal largo e acaçapado da casa do Bastos, com as suas cinco janellas abertas aos ventos do mar, deixando entrar amplamente o sol e todos os aromas e rumores da Natureza em volta — pessoas da familia, que ficaram arrumando tudo para as bodas, olhavam, debruçadas, e n'um grande enternecimento, o afastar lento e saudoso do cortejo marinho, sobre a planura verde e mansa das aguas.

De entre ellas—na maior parte mulheres e crianças, porque os homens tinham ido todos no prestito — se destacava, sagrada e venerativamente, em uma attitde dolente e nostalgica de *Mater-Dolorosa*, a Maria Bastos, a extremosa mãe da Rosinha, que, muito commovida, o rosto rosado e moço, apesar dos annos, espiritualizado por uma dôr silenciosa e intima, nervosamente convulsionado em pranto, os

olhos rasos d'agua, acompanhava fixamente, ulheuada de tudo, o espumante singlar das canôas.

Não sabia bem porque, mas sentia agora como um aperto, um peso enorme opprimir-lhe o coração, ella tão alegre até alli com o casamento da filha. Era inexplicavel! Tinha um vago presentiuento de que iam sobrevir grandes tristezas, lutos, uma immensa desgraça... E aquillo a invadira inopinadamente, á maneira dessas trovoadas subitas que toldam de repente o puro azul dos céos de verão. Por mais que fizesse, não podia suffoear semelhantes idéas, que n depressiam, a esmagavam, angustiosamente. Ninguém mais do que ella estimava aquella nuíão, pois fôra a bem dizer pelos seus esforços que conseguira o "sim" do marido para o João, quando este lhe escrevera pedindo a mão da Rosinha. Porque o Rufino, a principio, ignorando o namoro de ambos, e depois contrariando-o sempre que podia, declarara-lhe logo "que não" Reconhecia que o rapaz era bom, honesto, vivo, trabalhador, mas não tinha meios e estava ainda muito novo. "Não! que esperasse melhor occasião." E calara-se, franzindo os sobr'olhos, n'uma austeridade de velho marítimo, duro e carrancudo como um leão. Ella, porém, que sabia do profundissimo amor que se votavam as duas creaturas, desde os mais tenros annos, e que bem via que aquillo podia talvez trazer a infelicidade para o seu lar, sempre tão cheio de serenidade e doçura, entron a pedir constantemente, carinhosa e supplicante, o cousentimento do esposo, que afinal acceden, marcando tudo para aquelle anno. E fôra uma grande alegria para todos!... No entanto, agora, sem saber como, invadia-a estranho presentiuento... Que estaria para succeder, Santo Deus?...

Mas as embarcações, vogando parallelamente, separadas por pequena distancia, voltavam já o pontal, cahindo no amplo estuario, onde a corrente impetuosa do rio, luctando com o mar invadido, erguia grossos frisos ondulantes de espuma. Os seus cascos, esguios e negros, desenrolando saudosamente pela pôpa fóra duas immensas faixas de escocia alvadia, iam-se occultando, pouco e pouco, na sombra de duas ilhas altas e frondejantes, emergindo em linha do espelho azul do oceano, como duas esmeraldas gigantes.

As mulheres e as crianças, não podendo distinguir mais as canôas n'aquella posição, já muito diminuidas ao longe, tinham deixado o parapeito e volviam n'esse instante á lida da casa, que se enfeitava toda para a volta dos noivos.

A Maria Bastos, poréni, não despegara, um momento só, do pequeno paredão. E, triste e lacrimante, isolada e só, perdida nas delicadezas vivissimas do seu sublime e ineffavel affecto de mãe, com o filhinho mais novo ao collo, um bebé lindo e risinho, que se lhe debruçava sobre o hombro — olhava ainda aquelle “noivado de sua alma”, que lá ia boiando, boiando . . .

III

No cortejo além, sobre o mar, todos iam festinantes. Parolava-se vivamente da abundancia das culturas e da riqueza da pesca. O anno que findara fóra como poucos da mais ampla fartura. Prouvera a Deus que o mesmo acontecesse com aquelle, cujos primeiros dias passavam alegremente, prenunciando novas felicidades !

Na canôa grande — a melhor e a mais segura das que faziam o serviço das rêdes na Ponta Grossa,—onde se accommodára o Rufino, com os padrinhos, os noivos e mais pessoas da familia, o João Aguiar, que por ingenuidade e acanhamento fôra sentar-se quasi junto aos bancos de prôa, não cessava de contemplar a Rosinha, com os seus bellos olhos castanhos, deliciado e feliz, n'um embevecimento silencioso, como um bom cão fiel. Ella, por sua vez, olhava-o tambem, venturosa e cheia de ternura, mas timidamente, furtivamente, a face intensamente escarlate, sob o tecido tenue do véo, desce-ndo-lhe pelas costas em longas prégas de bruna.

Essas duas almas crystalinas, simples, adorativas e candidas, que se alvoroçaram uma só vez, ao jorrar da primeira paixão, e que viviam sempre, desde a infancia, uma pela outra batendo, docemente, ininterruptamente — cruzavam-se em silencio, nos meigos olhares de ambos, dando-lhes um mutuo e perennal encanto, traspassando-os de um gozo leve e suave, á maneira de um doce fluido magnetico, que vibrasse, com ignal propulsão, entre os seus peitos amantes. Agora, que iam para sempre unir-se, n'um mesmo contacto e n'uma mesma palpitação, parecia que se diziam mudamente, em uma emoção deliciosa: — “Emfim !.. Emfim !..”

Por sobre elles rimorejava prazerosamente a voz rouca e grossa dos velhos, em alegre expansibilidade, e estalava sonoramente, em esfusiadas limpidas, o choral de risadas tilintantes das raparigas em festa.

Na outra embarcação, havia tambem um contentamento ruidoso, sacudindo as almas de bemdito esplendor, como os pequenos vagallhões do estuario saendiam as canôas.

E até os remadores — uns oito homens robustos,

quasi todos rapazes, de tronco athletico e um pescoço de touro, o rosto tinto pelo sol do mar — riam-se splendidamente, com os seus dentes são e muito alvos, o coração saturado deliciosamente da alegria das cousas, o corpo metricamente balançado, no movimento vivo e continuo dos remos.

IV

O sol já ia alto, quando as canôas chegaram á praia, uma longa faixa de areia finissima, fulgurando n'uma poeira dourada.

As casas de Santo Antonio, beirando em linha ao longo da costa, á pequena distancia, estavam fechadas e como adormecidas sob a luz escaldante.

No porto, áquella hora batido por uma fraca brisa do Norte, soprando levemente, não se via viva alma. Tudo permanecia em paz, apesar da gloriosa radiação do céo, sob o silencio adormecido e vasto dos meio-dias nos sitios. As vendas, onde se bebe e algazarra tranquilamente, estavam vasias. E só ao longe, n'um recanto longinquo, onde o sol faiscava deslumbradoramente, em escamas de ouro vivo, sobre a planicie liquida, um grupo de povo se destacava, movendo-se lentamente, na faina da pescaria.

O desembarque effectuou-se magnificamente, e o noivado foi subindo lentamente a pequena rua que vai dar n'um grande largo gramoso, em que se achava erecta a egrejinha da freguezia, recolhida e humilde, despida de torres, com o seu frontãozinho amarello, ao lado direito do qual se erguiam uns toscos páos ao alto, encimados por um travessão, de onde pendia um sinosinho.

Ao rumor do prestito atravessando por entre as casas, aqui e alli, cabeças curiosas assomavam ás janellas. Um ou outro trasennte pprava, pasmando os olhos ingenuos e doces n'aquelle grupo festivo. E magotes de crianças, que costumam vaguear pelos caminhos, em correrias contiuaas, surgiam pouco a pouco, incorporando-se ao cortejo, em zurzinada vivissima.

Na egreja, o noivo, a noiva e os padrinhos tiveram de aguardar, durante muitas horas, com certa impaciencia, revelando-se nos sémbiantes a que a viagem déra um ar de fadiga, a chegada do vigario, um velhinho gordo e catarrhoso, de cabeça alvadia, que usava oculos, e que era agora, em todos os actos do culto, um retardatario remisso. Os ontros, emquanto isso, erravam dispersos pela nave, parando junto ás paredes muito caiadas, de queixo erguido, a contemplar admirativamente, e com grandes olhos deslumbrados, os varios Santos mal esculpidos, mettidos nos seus nichos, a taboa dos altares, os ramos, os registros coloridos, as toalhas de renda, as flores murchas e os castiças dourados.

Quando occorreu a cerimonia, era quasi meia tarde. O sol entrara a esmaiar para um amarello frio, de ocre. Ao Sul, sobre as montanhas do Cubatão, grossas nuvens de trovoadas começavam a se adensar vagamente, n'um fundo azul esfuminhado e sombrio. E pelo alto do céo, ainda muito transparente e nítido, fluctuavam já grandes focos de algodão, delgados e felposos, como longas brochadas de tinta. Eram os conhecidos *rabos de gallo*, que annunciam aos maritimos a imminencia dos pampeiros terriveis.

Todos, então, sobresaltados com a subita mudança de tempo—tão commum n'aquelle logar,

durante o verão—dirigiram-se para a praia, n'uma marcha batida. Os intrepidos remadores, que desde muito observavam a approximação da tormenta, esperavam-os já, postados aos remos, promptos a largar ao primeiro signal.

E o embarque realisou-se, n'uma pressa agitada e confusa, em que as moças, todas receiosas, sentiam como uma vaga inquietação, ouvindo os homens gritar presagamente :

— O pampeiro ! O pampeiro !

V

Na Ponta Grossa, algumas rôdes que cercavam, apressavam n'esse instante os lanços, receando a furia do mar, que era alli, sob os tufões, de um effeito extraordinario, porquanto a praia corria em leve curva envezada, totalmente exposta aos ventos rijos do Sul, e os vagalhões, batendo de través, adquiriam sempre proporções brutaes. D'ali os innumerous naufragios que se davam, e que tão temida tornava essa ponta de rochas para as embarcações do trafego, cruzando frequentemente aquellas paragens.

E grupos de peseadores, junto aos ranchos de palha, observando o lento condensar da tormenta nos ares, commentavam auguralmente uma má volta para o noivado. Alguns, mais apprehensivos e medrosos, exclamavam, abauando a cabeça, como n'uma previsão de desastre :

— Ora queira Deus que aquella tardança das canôas não dêsse em alguma desgraça ! Tambem não sabiam o que é que o casamento esperava, que nem

signal ! O temporal estava por um triz ! Se elles não abrissem os olhos, tinham que passal-a boa !... Quem sabia o que aquillo ia dar ? Logo n'esse dia... Pobre do João Aguiar, coitado !...

Mas outros, menos receiosos, affirmavam virilmente :

— Que não ! Talvez não dêsse em nada... A trovoadá era muito capaz de se desmanchar, como tantas vezes se dava... Tambem a gente que lá estava, não era “ova” ! E depois com o Rufino Bastos... Qual ! Elles não largavam do porto, sem ver no que aquillo parava ! Estavam bem seguros, deixassem lá !

E olhavam o mar, onde as canôas, nas evoluções do ultimo lanço, giravam com rapidez. Estavam alli á espera para recolher as rêdes, porque n'aquelle dia estava tudo acabado. Fôra uma asneira andar a lancar com as aguas assim paradas e calmas, pois não mataram nem um peixe !...

N'esse momento, no alto da encosta, cercada das pessoas de casa, a Maria Bastos, debruçada de novo no parapeito do terreiro, n'uma afflicção e quasi a chorar, examinava o tempo, que escurecia cada vez mais. Tinha o coração, agora, pejado de immensos temores, batendo com uma pulsação desmesurada. Sentia, por vezes, como uma aneia e uma vontade louca de gritar. O rosto, tão fresco horas antes, perdera o seu colorido habitual, mostrando-se em todas as suas linhas profundamente abatido e cavado. E os olhos, com uma luz desvairada, voavam incessantemente para além, sobre as aguas...

VI

Mal as canoas deixaram Santo Antonio, puxando para o largo afim de montar o pontal, e já o cordão livido do vento sul desenhava-se ao longe, sinistramente, nas vagas. Por sobre os pincaros austraes da Serra do Mar, o céu tornara-se de um azul apertado e de aço. Nuvens negras e espessas, de bojo carregado, corriam para o Norte n'um turbilhão colossal. Fuzis irrompiam além, dantescamente, em zig-zags rutilos. O sol desaparecera de todo, sob os primeiros pannejamentos luctuosos da borrasca. Uma luz algida e tumular approximava as perspectivas, dando ás cousas em volta, um aspecto phantastico. E sobre a vasta superficie do mar, ainda em calma, pesava a solemnidade augusta de um silencio formidavel, como se de repente toda a Natureza fosse entrar para sempre na indefinita pacificação do Nada !

As embarcações singravam, entretanto, serenamente, no meio da terrivel calma. Pareciam voar, arraucadas possantemente pelos pulsos infatigaveis dos seus tripolantes. A em que vinha o noivado, um poneo sobrecarregada, deixava-se distanciar pela outra, que ia adiante, ja quasi a dobrar o pontal. Muito mettida de pôpa, não podia desenvolver grande velocidade ; e por isso, os valentes remadores cada vez se esforçavam mais, impulsionando-a a gigantescas remadas. A' ré, sobre o vasto panneiro alto, as moças, posto que muito nervosas e assustadas, mantinham-se comtudo em silencio, todas aconehgadas. N'uma das extremidades, a Rosinha, que ficara sentada ao lado do noivo, junto ao grupo onde estavam os padrinhos e o pai, muito branca e temerosa de algum desastre, levantava a cabeça, de vez em quando,

acima da borda, para olhar o mar, que cada vez ennegrecia mais. O João Aguiar, então, com a sua imensa calma de pescador, criado a labutar dia e noite nas ondas, pegava-lhe carinhosamente das mãos, dizendo-lhe :

— Que aquillo não era nada, que não tivesse medo, pois estavam a chegar...

O pai, ao lado, fallava-lhe tambem, animando-a. E o patrão, um homem baixo e entroncado, ainda moço, a physionomia rija e grossa de lobo do mar, de pé, ao leme, não cessava de investigar o quadrante do Sul, onde crescia a tempestade. De instante a instante, os seus labios rudes se descerravam, e o seu vozeirão rouco passava :

— E' aguentar, rapazes, que o pampeiro não tarda, o raio ! E' preciso montar o pontal, senão temos trabalhos !...

Ao vibrar das palavras, como sob o ferro de um aguilhão, os braços remavam com maior possança e a canôa levava uma impulsão a mais.

Mas, de repente, um siflar monstruoso, como nma orchestra de demonios n'um sabbath infernal, explosiu sobre as aguas, subitamente sublevadas em vagalhões altos, que se entrechocavam espinando, n'uma furia ineluctavel e insana. O oceano cerrara-se em torno. Os fuzis intenseavam medonhamente, abrindo na atmospherá hieroglyphos de fogo. Trovões consecutivos, rolavam no ar, aos estouros. E um pesado aguaceiro, violentamente jorrou do céu bravo.

O patrão, ainda em pé, á pôpa, mandava largar uma das vélas, para fugir ás vagas revoltas que se quebravam de encontro á canôa, sacudindo-a n'uma dansa macabra. As raparigas, tomadas de profundo

panico, sob o temporal desfeito, soltavam gritos continuos, agarradas umas ás outras : “ Nossa Senhora!... Nossa Senhora !... Que horror !... ” Os homens, com a coragem e o sangue frio dos pescadores, procuravam acalmal-as, com palavras fortes e animadoras. A embarcação, a borda inclinada, rolava vertiginosamente no torvelinho espumoso. De vez em quando, uma ou outra maretta maior, galgava-a, com a sua corôa de rendas. E, hora a hora, o pampeiro augmentava, desoladoramente...

Transida de susto, a Rosinha, as vestes albrantes todas amarrotadas e eusopadas da chuva, agarrava-se ao noivo, chorando. Elle, forte e valoroso, no meio da orchestração walpurgiana do vendaval, enlaçava-a meigamente, enchendo-a de consolações masculas, que a serenavam, por vezes, como uma força salvadora. Era a primeira vez que a sentia toda entregue a si, vencida e humilde, como uma corça. E por isso, tinha os olhos humidos de emoção, ao vel-a alli, tão fraca, nos seus braços, em meio a tempestade.

A canôa não parava um instante, n'uma singradura louca, toda alagada dos novellos espumosos das ondas. Dous homens, no esgotadouro, trabalhando com as duas cuias grandes, já não davam vasão á agua, que penetrava pelos bordos, pela pôpa e pela prôa. Os panneiros, no fundo, começavam a nadar...

As moças, agora, invocavam com mais ardor os Santos, cujos nomes irrompiam tumultuosamente, ás syllabas despedaçadas, de seus labios brancos. Engrolavam rézas confusas, na agitação do pavor. Era uma scena angustiosa e tremenda. E o mar, doudo e epileptico, atirava-se subversivamente, n'um estranho clamor !

Ao dobrar o pontal — o logar mais perigoso.

da costa, sob as tempestades — o tufão, n'uma refréga indomita, partiu e arrebatou a véla nos ares. Então, uma horrível confusão espalhou-se por todos. A embarcação entron a rolar, sem governo, no seio da cólera espumante das vagas. Ninguém mais se entendia. E, agarrados uns aos outros, na força instintiva do perigo, afflictos e assaltados pela allucinação, começaram a gritar, n'um delirio :

— Soccorro !... Soccorro !...

Estavam já proximo á Ponta Grossa. Porém, em meio aos turbilhões da borrasca, ninguém os ouvia. E, de repente, uma volta de mar gigantesca, sinistramente envolveu a canôa, que, adornada, revoltou-se bruscamente, n'um reencontro terrível das ondas...

Mas, dentro em pouco, o temporal amainou. E os tripolantes, que eram grandes nadadores, appareceram sobre o casco negro da canôa, boiando agora, desoladoramente, como um esquife medonho.

As moças haviam perecido todas. Os noivos, esses, se afundaram abraçados, unidos indissolavelmente para toda a Eternidade. Filhos de pescadores, quiz o Destino que fosse seu leito de nupcias o oceano revolto.



ROMANCE DE UM RAPAZ

AO DR. FERREIRA DE ARAUJO

O Americo partia para o Sul, em busca de um lugar onde melhor se ganhasse a vida e se garantisse o futuro. Deixava o sitio onde nascera e medrara feliz, porque os pais estavam velhos, “com os pés para a cova”, e elle precisava ajudal-os e casar-se, como promettera á noiva.

E, de sacco ás costas, o seu lenço encarnado de chita entrouxando a roupa engommada, preso na mão pelas pontas em nó, botou-se a caminho da cidade, para tomar o primeiro vapor que passasse—sob o meridional esplendor de uma elara madrugada azul, em que os passaros trinavam festivalmente pela pradaria aromatisada e colorida e pelos laranjaes floridos, que lembram noivados e exhalam halitos de amores, marginando as brancas estradas risonhas.

A mãe, antes d'elle partir, abraçada, pendurada ao seu grosso pescoço queimado pelo sol na capinação das culturas, depois de lhe beijar as faces cheias e amorenadas, sujas da primeira seda escura e rareada da barba nascente, disse-lhe commovida, engasgada pelos soluços:—“Deus te abençõe e te

faça um homem, filho !” e a Leopoldina, que estivera na vespera em sua casa até tarde, e que lhe déra, ao despedir-se, uma trançinha odorante e luzente do seu cabello escuro e ondeado, cheio de crespinhos esvoaçantes na nuca, fez-lhe tambem uma recomendação ingenna :— pediu-lhe “que se lembrasse d’ella e que escrevesse”.

E lá foi o Americo installar-se no paquete, triste e sandoso de todas aquellas suavidades que ficavam atraz, no seu sitio, e a que havia voltado as costas tão precipitadamente, só pela necessidade de inditeitar a vida, de tornal-a outra.

Na esterilidade d’aquelle meio, perdera já a esperanza de vir a ser “alguma coisa,” porque não possuia “bens de sen”, nem gado, nem terras de lavoura, nada ! sempre o escasso trabalho “á meia”, não deixando resultado senão para os outros, e lançando eternamente o pobre trabalhador nas desconsolações e faltas do amargo semear em terras alheias.

Por isso abandonava tudo, abnegadamente, com sacrificio, para ir ganhar o pão longe, no meio das grandes cidades ruidosas.

E, de repente, acossado pela nostalgia que accomette aos que deixam o lar pela primeira vez, desandou a chorar rijamente, soluçadamente, entalado, por causa dos grandes balanços do mar alto, na estreiteza de um sujo beliche de terceira classe.

Mas, dous dias depois, o Americo, ja familiarizado a bordo, conversava, sorria, na alegria e na grande esperanza dos que rolam para um destino novo. E, chegado ao Rio Grande, tratou logo de empregar-se e de “fazer-se um homem”, como lhe dissera a mãe.

Escrevia continuamente á familia, e recibia desta longas cartas, em garranchos confusos, obscuros, de uma calligraphia impossivel, mas de uma expressão doce e carinhosa. Sabia noticias, andava ao facto das cousas. De repente, porém, da parte dos seus, tudo cessou ; annos passaram ; um longo silencio se fez. Cartas extensas, anhelantes, choradas e escriptas tremulamente, á noite, pelo Americo, n'um temor e n'uma obstinada apprehensão de acontecimentos dolorosos e lugubres — perderam-se, sumiram-se n'uma mudez sinistra . Mas um dia chegou-lhe uma carta, com um subscripto estranho, estreita e tarjada de luto, noticiando-lhe a morte dos pais, e, em seguida, da noiva. Uma desgraça !

Teve uma negra amargura. Occorreu-lhe logo embarcar, regressar ao sitio. Mas não podia “ arredar pé ”, sahir : perderia tudo. Resignou-se a ficar, soffrer.

Entretanto, os negocios prosperavam e, no fim de alguns annos, voltou para a terra, triste com a perda dos seus, mas impellido pelo desejo de tornar a ver, nos objectos e nas pessoas, o seu passado, os seus conhecimentos antigos.

Mas, logo ao desembarcar, o Alexandre da Praia, que andava botando as rêdes, correu-lhe ao encontro, e ferozmente torturou-o com interminaveis detalhes do tristissimo viver da familia, necessitada e doente desde o dia da sua partida até ao momento em que “ Deus serviu-se de chamal-a para si ! ” “ A Leopoldina, pobresinha ! que tantas esperanças tinha n'elle, estava debaixo da terra. Morrera das bexigas, já lá iam bastantes annos. ” E accentuava : “ Parecia que a estava a ver, fria, toda negra, envolta em folhas de bananeira e amortalhada em um lençol,

deitando mão asco. Fôra por uma noite algida e enlurada de Agosto...”

O Americo, esmagado por essas idéas pungentes e lituosas, segnia agora, de cabeça baixa, o carro de bois que levava a bagagem, um verdadeiro carro de bois, tradicional, vagoroso e chiante, que dois bois arrastavam, babando-se, enterrados na areia fina do caminho. Tomou em direcção á freguezia, em busca de uma casa conhecida ou de algum parente, para hospedar-se por aquelles dias.

Logo adiante, agarrou-o a Fortunata Pereira, uma velha parenta afastada, que o conduziu para casa, onde lhe deu café e agasalho em uma saleta vazia, fazendo muitas perguntas, arrumando a bagagem e dizendo “que em nada a incommodava, que a casa era grande e tinha até lisonja n’isso. Pois se ella o tinha visto em fraldinhas, Mãe de Deus !...”

O Americo, n’aquella semana, não ousou sahir, recebendo carinhosas visitas de parentes, amigos da familia e alguns camaradas de infancia.

Mas depois, com as suas constantes vestes de luto, em algumas tardes, ao lento desfallecer do sol no occaso, subia a ladeira vermelha e pedregosa que ia ter á egrejinha do sitio, para lançar um olhar de angustia e de saudade ao logar onde estavam os seus, ao estreito e humilde cemiterio, verde e florido como um jardim.

E, de pé, sobre o adro gramoso onde se erguia uma grande cruz de madeira preta, deitando um olhar amplo e vago ao redor da paizagem, sentia invadir-lhe o coração, n’uma revoada mansa e piedosa, lembranças vivas e luminosas de um outro tempo, alegre, fugidio e cantante. Recordava-se de tudo, das menores cousas que vira em menino; e

agora estava elle, alli, tão só, abandonado, n'uma desolação ! O contraste brutal das situações feria-o pungitivamente.

E, sob essas dolorosissimas recordações, pensativo e melancolico, cabisbaixo, descia o adro da egreja, vagaroso e soturno, recolhido, como quem pensa na profundidade e no mysterio das cousas.



A BORDO DO STEAMER

A GONZAGA DUQU'E.

Atracado ao trapiche, na ampla bahia em calma, sobre espias dando volta em arganéos de ferro fíncados nas grossas pedras do caes, um enorme steamer .carrega. Mettido de pôpa, a linha d'agua immerge já ahi, emquanto o vermelhão do fundo, pintado de fresco, se mostra ainda, no casco preto, aberto em nesga, á prôa.

Em volta, na vasta planura liquida resplandecendo em largos chamalotes de prata, outros navios, em grupos, erriçam o ar de mastros. Pequenos botes, em manchas polychromas, singram morosamente, a remos, rente á agua, á sonibra das bordas altas dos barcos. E lanchinhas fumegantes cruzam-se rapidas, atracando e desatracando, n'um movimento constante, com os seus vivos apitos metalicos.

Mas a bordo do steamer vai um alvoroço de dia de sahida, uma grande faina, o fremer continuo e aspero dos guinchos de carga.

A mastreação polida, erecta, alta, finca os tópes victoriosos no Azul, entre as enxarcias, os brandaes e os cstaes retezos, onde, em noites tempestuosas, os ventos largos do oceano desferem symphonias

agrestes, plangentes, como n'uma harpa-cólea gigante. As chaminés enormes, por onde respiram as fornalhas cyclicas do monstro, lançam fortemente no céu limpido, por entre as cruzes finas das vergas, grossos pennachos de fumo.

E, á ré, no tombadilho baldeado, asseiado, fresco, pantado de negro pela longa costura das taboas, sob a lona protectora dos toldos brancos, por entre passageiros de vigorosa estatura, herculeos, de bonet sobre os olhos— a cabeça loura e sonhadora de uma estranha Inglesa, talvez alguma lady aventureira e nervosa, doentia e romanesca, passeiando uma paixão desventurosa pelos mares, de terra em terra...

Debruçada da tolda, em ricas vestes de velludo negro, um resplendor de sol nos cabellos, o bello rosto rosado, de uma olympica contornação á Stuart, apoiado sobre as mãos alvissimas, mãos augustas, mãos artisticas, e de longos dedos finos, como para tangerem bandolins de estrellas — ella olha embevecida, n'uma extatica contemplação, a alva fróta de gaiotas, fluctuando arminosamente, pôpa a fóra, nas vagas.

Parece alheia de tudo, e nos seus olhos azues, que as espelhantes aguas etheralmente illuminam, brilha uma luz de saudade, a dolorosa, infinita tristeza de um bem perdido—quem sabe?—no fundo das ondas glaucas...

A' beira do caes, sósinho, indifferente a tudo, n'um enlevo, n'uma fascinação mystica de sonho, contemplo incessantemente a loura e escultural cabeça da mysteriosa viajante, inclinada melancolicamente para as gaiotas, nos balaustres do steamer.

Longas horas assim, 'longas horas... Mas o vapor dá o primeiro signal da partida.

Cahe a tarde, côr de ouro, para as bandas do oceano.

E logo as poderosas rotações das helices começam a abalar o steamer e as aguas.

O meu olhar ancioso não se despêga, porém, um momento só, do enorme transatlantico, em cuja balaustrada branca, afastando-se pouco e pouco, a extraordinaria creatura do Norte, fixa ainda, enigmaticamente, a fróta alva e graciosa das gaivotas boiantes.

E, de ahi a instantes, steamer e Ella, a estranha viajante loura, somem-se, como o sol, nos vagalhões montanhosos do mar...



MANHÃ NA RÓÇA

A B. LOPES

E' pleno inverno.

Aqui e além, gallos acordam cantando á aproximação do dia. Uma tenue mancha de claridade argentea, recorta em lacca a linha ondulada das colinas verdes. Pouco a pouco, uma poeira de ocre transparente, que se esbate para o alto, cobre todo o horisonte, e o sol aponta, deslumbradoramente, como uma gemma de ouro flammante. Vapores diaphanos diluem-se lentamente, em meio aos listrões vivos que purpurêam o Nascente. Fundem-se no ar tons delicados de azul e rosa, e eleva-se da floresta uma orchestração triumphal.

Despertam de subito, ao alagamento tépido da luz, as culturas adormecidas.

Abrem-se as casas.

Pelos terreiros, humidos da serenada da noite, homens de cócoras, em camisa, de cangirão na mão, brancos de frio, ordenham as grossas tétas das pacientes e mugidoras vaccas que criam, amarradas aos finos páus das parreiras, e que, expellindo fumaça no ar frigido, ruminam ainda restos de grama, n'uma mansidão ingenua de animal digno.

Mulheres de chale pela cabeça, chamam as galinhas, com um ruído secco de beijo tremido, fazendo *brúrrr* e sacudindo-lhes mãos cheias de milho e pirão esfarellado.

Um carro atopetado de raizes de mandioca, arrancadas de fresco, empoeiradas de areia, compridas, tortas, com o aspecto e a côr exquísita das plantas que se avolumam e vegetalisam enterradas, chã monotonamente, em direitura ao engenho, solavancado pela aspereza do caminho chilreante e aromatisado por florações vigorosas e germinativas, pelas emanações do gado e pelo cheiro acre das laranjas vermelhas, que cahem de maturidade.

Cantigas rusticas, amorosas, de uma sinceridade ingenua, com toadas prolongadas e vibrantes, misturam-se á alacridade do campo.

E pela compridão magestosa e verde dos alagados e das pastagens, o colorido movimentoso e variado das rézes.

CANÇÃO SLAVA

A HORACIO DE CARVALHO

Sobre a borda oseeillante, na larga tolda do vapor, n'um recanto isolado dos balaustres de pôpa, onde se erguia o camarim do commando e o homem do leme fazia gyrrar vivamente as malaquetas da roda, em meio de contínuos balanços, elle olhava tristemente, pela vez derradeira, as fórmãs recortadas e vagas das montanhas da costa, que se esfuminhavam doemente á distancia, no azulamento fôsko do céo.

E, torturado de saudade, o espirito abatido, n'uma immensa desolação, sob aquelle apartamento cruel, que o destino lhe impuzera subitamente, com a costumada possança esmagadora, calado, a cabeça pendida, indifferente a tudo e a todos, como n'um sonnambulismo, o pobre rapaz sonhador ia desfiando lentamente, em convulsões impetuosas de chôro, que o suffocavam por vezes, a *romanza* enternecedora de todos os affectos, que vicejavam já, em estellar florescencia, a princira estancia deliciosa da sua mocidade de ouro.

O crepusculo cahia para os lados da prôa, em vasta faixa purpurea, que esbatia-se no alto n'um côr de rosa saudoso. As aguas, ahi, nesse limite appa-

rente e longinquo do oceano, estavam sulcadas magnificamente de longos *tuyautés* tremulantes de mica. E lá acima, no zenith do firmamento, as primeiras sombras da noite rolavam já, em todas as direcções, com a sua gaze leve e fluctuante de cinza.

Em volta, no convéz baloçante, em recantos afastados, alguns passageiros mais rijos, que o enjôo não dispersara ainda, apesar dos vagalhões, olhavam tambem melancolicamente, n'uma vaga palração scismadora, ora o esplendor do crepusculo dolente, ora a barra escura da costa, recuando aos poncos, recuando sempre, ao longe.

E o rapaz, isolado e soturno, cada vez mais alheado de tudo, fixava ainda os lados por onde o littoral se afundava, n'um profundo recolhimento, sob o bando das recordações. Em seu cerebro desolado, bailavam agora nebulosamente, n'uma iluminação luarosa e nostalgica, todas as visões mais queridas da sua infancia passada. E, nesse embevecimento intimo e nesse sonho ethereal de dolorosa saudade, os soffrimentos e as amarguras pungentes daquella separação, pareciam adormecer por instantes, como embalados na doçura ineffavel de um carinho ou de uma benção, no fundo da sua alma sangrando.

Mas a noite descia, muda e lutulenta, envolvendo céu e mar n'um pó denso de carvão. E o ar todo foi-se cobrindo lentamente de uma myriade infinita de pontos de ouro flammantes, que riscavam aqui e além de um traço vivo de fogo a cava fund'a das ondas.

Elle então, debruçado na balaustrada oscillante, ergueu para o alto, instinctivamente, os seus olhos melancolicos, e quedou-se a olhar as incomparaveis

estrellas, juncando faustosamente o Espaço de pedrarias estranhas.

O seu espirito ficou pairando longo tempo, todo preso no esplendor sideral e n'uma mystica abstracção, invadido de um sabbaísmo gigante, quando um cantico soou de repente, á prôa, lá em baixo, no convéz, por entre-vante da tolda—tremulo e rouco como uma canção de degredo, ou um gemer arrasado e oppresso de almas anhelantes.

Eram os immigrants slavos, cantando em côro uma d'essas canções saudosas e nevoentas, mas cheias de uma idéalidade affectiva, das suas terras brancas do Norte. Saturados ainda da tristeza infinita da vasta travessia atlantica, a alma pesada de nostalgia, na recordação embaladora e perpetua da Patria distante, expandiam-se resignadamente, deixando voar para o Azul, para as constellações, n'uma vaga melopéa rhythmica, a sua dôr de exilados, que se fundia por vezes desoladoramente, nos sonoros smorzandos, com a plangente symphonia dos cabos e o ciciar funerario do vento nas vergas.

Arrancado subitamente assim, ao extasis contellar do seu Sonho rolando pelas estrellas, baixou os olhos tristemente sobre aquella massa fervilhante de gente, apertada entre as amuradas de prôa, como um humilde rebanho, e de onde se erguia aquelle canto dolente, que reavivava em seu peito as púas finas da dôr.

A noite, em redor, tornara-se mais densa na sua negrura de tinta, enquanto no alto as gottas de ouro dos astros radiavam, mais vividas e tremulas. O mar todo, tinha a sumptuosidade tragica de um manto de velludo sinistro, estendendo-se sobre uma planura sem fim, e cujas dobras moveдиças ondulavam conti-

namamente, aqui e além, recamadas de clarões azulinos e de um vago reluzir de lentejoulas.

O canto cessara como alados gemidos sem benção, e tudo recahiu n'um leve murmúrio de ondas e nos ruidos esparsos do vapor, singrando vigorosamente para vante, contra a aragem do largo, que augmentava de symphonia gemente.

No horisonte, a Léste, vinha apontando agora uma tenue barra de claridade láetea, que vestia as agnas, ao longe, de vastas placas argenteas. E, d'ahi a instantes, a lua surgia maravilhosamente, eobrin-do a amplidão com o seu immenso velario de tulle.

Então, á prôa, junto ao castello, na amurada de bombordo, onde dava o luar, uma figura esguia e branca de mulher se ergueu, do meio da massa negra fervilhante dos immigrantes slavos. E uma voz suavissima abriu vôo na noite, n'um rhythmo lento e balançado, como um fio de melodia saudosa.

Era uma d'essas canções gemedoras de terras ruracs n'algum platô do Kherson, onde o homem se bate com o solo, ao vento e á chuva, ao calor e á neve, n'uma labuta constante.

Os versos diziam, na sua cadencia vagarosa e languida, o custoso revolver da terra ao clarear das manhãs, o sulcar das eharruas para as primeiras plantações, a capinação incessante dos terrenos grammosos, o verdejar alegre das plantas, o crescer flo-reseente das hastes, o amadurecer das espigas dou-radas, o amoroso cantar das ceifeiras, e o reluzir profuso dos grãos, em montões alterosos, no meio da palha fôfa. Tudo isso de envolta com as alegrias, as esperanças, as tristezas e as desgraças dos pobres *moujiks* louros. E as estrophes finaes davam a emo-ção psychologica, o esquisso vago e vaporoso de um

idyllio de campo, na amplidão rasa de uma steppe sem termo, ao badalar plangente do Angelus n'uma torre de campanario longinquo, á margem de um rio espelhante, onde dous jovens se enlaçam e beijam enternecidamente, n'um ultimo adeus de colheita acabada, sob um poente de sangue...

Todos, á ré, já haviam adormecido, no silencio das *cabines*, sob a somnolencia das altas horas de bordo, em meio aos continuos balanços. E, só na tolda, o rapaz enlevava-se, sonhando os seus amores passados na sua aldeia distante, embalado espiritualmente pelo som acariciador e bemdito da campesina canção.

E a rapariga slava, magnifica ao luar, n'uma alvura de Visão, de pé contra a borda, apoiada ás enxarcias, o bello rosto de opala voltado para o céu, como n'um embevecimento, soltava ao vento e ás ondas, apaixonadamente, as notas deliciosas d'aquella ballada branca.



INDICE

	PAGS.
O mestre de Rédes.....	7
O mólho de lenha.....	19
A pesca das tainhas.....	29
A ultima fornada.....	43
5 Na Ilhota.....	49
Os bois chucros.....	63
A vela dos naufragos.....	69
A cabra-céga.....	85
O velho Sumares.....	89
10 Historia rustica.....	101
O André canoeiro.....	109
Pagina simples.....	129
Miss Sarah.....	135
Separação.....	145
15 A' beira-mar.....	151
Na róça.....	155
Mar grosso.....	169
O allemão doudo.....	173
Nupcias marinhas.....	179
20 Romance de um rapaz.....	193
A bordo do steamer.....	199
Manhã na róça.....	203
Canção slava.....	205

DO MESMO AUCTOR

OBRAS PUBLICADAS :

Rose-Castle— novella— 1893.
Trópos e Phantasias— contos— 1885.
Traços azues— versos— 1884.

A SEGUIR :

Em viagem— romance.
Chimeras — contos.
Os Argonautas— novella.
A Ingleza— romance.
Contos de Amor.
Dr. Gama-Rosa— estudo litterario.
Ondina— versão do francez.

DE COLLABORAÇÃO COM OSCAR ROSAS :

Comodoro— romance.

CUNHA & IRMÃO - EDITORES

116 Ruas de S. José e Quitanda 24

Edições da casa e obras de fundo

COELHO NETTO

Praga, novella — 1 vol. nitidamente impresso, broch. 2\$000.

Este volume bastaria para, com firmeza, se estudar o temperamento litterario do seu autor, cuja faculdade inventiva chega a ser prodigiosa, absorvendo todas as outras, mystificando-nos com a força hypnotica de um agente suggestivo, — o que não quer dizer que fique sendo a obra definitiva e mais bella de Coelho Netto.

A verdadeira caracteristica desse escriptor ninguem deve procurar nas «Rapsodias», nem na «Capital Federal», sob pena de cahir em grosseiro erro de psychologia artistica.

Ella aqui está nas cento e quinze paginas que aeabo de ler, mais flagrantes do que uma auto-biographia.

(Da «Gazeta de Noticias», 8 de Junho de 1894.)

CARLOS DIAS

Scenarios — Phantasias sobre a historia antiga — extraordinario livro de contos antigos, contendo as seguintes narrativas: LAIS, NERO, BATALHA DE ACTIUM, BABYLONIA, HERO E LEANDRO, HELIOGABALO, SCENA ROMANA, SCENA EGYPCIA. 1 vol. nitidamente impresso, capa artisticamente illustrada pelo grande pintor brasileiro Rodolpho Amoedo; broch. 3\$000.

Successo Colossal!!!

ELOGIOS DE TODA IMPRENSA

Olavo Bilac, Machado de Assis, pela «Gazeta de Notícias», Coelho Netto e Arthur Azevedo pelo «O Paiz» enaltecem as paginas maravilhosas deste livro esplendido.

O. BILAC

Chronicas e Novellas—1 vol. de 300 pagas. broch. 3\$000.

Para o futuro, quando se houver de escrever a historia, de Minas Geraes, em dous ou tres volumes offerecidos ao Instituto Historico, citar-se-ha muito naturalmente o postachonista, que floresceu e visitou Minas na segunda metade do seculo XIX.

Não ha desdouro nisto, bem sei ; mas parece que a gloria do poeta fechará o rosto, amuada, á gloria do chronista.

Uma cousa, porém, prenderá a attenção do historiador futuro, como me prende a minha ; o estylo das «Chronicas», estylo que em nada se assemelha ao de João de Barros e que tem, ás vezes, caprichos a Damião de Góes, rememorado por Alberto de Oliveira, quando o chronista portuguez, descrevendo o palacio dos Nayres, refere que tinha «varandas de ouro sobre o mar!

Chronicas poeticas, de resto, e que se lêem de um trago, saboreando a leve estructura da phrase irrisada e communicativa.

Quando, ainda para o futuro, alguém precisar do testamento da muito digna Sra. Dorothea, ou da portaria em que o Conde de Assumar prohibiu as «acções entre amigos», o trabalho de exhumação está feito: é só recorrer ás chronicas de Bilac.

(Do «O Paiz» de 30 de Janeiro de 1895!)

J. GUERRA

Humorismos—1 grosso vol. de 500 pagas. broch. 4\$, enc. 6\$.—Este livro, escripto com inexcedivel graça, faz a critica dos nossos costumes, e teve da imprensa grandes

elogios. «E' a vida do Rio de Janeiro contada com verdade nos defeitos e nas manias... E' um livro aproveitavel para todos, até mesmo para os que virem essa revoada de carapuças sem bem sentir que lhes caem nas cabeças.»—(«Journal do Commercio»). «Não creio que houvesse na imprensa deste paiz escriptos que excedessem á popularidade dos «Humorismos», e isso explica-se pela encantadora simplicidade com que o autor escreve para o povo.»—(«O Paiz»). «Quem estiver triste não tem mais que munir-se de um volume dos «Humorismos». Remedio infallivel.» («Correio da Tarde»). «Encontrei nos «Humorismos» nossa «graça», genuinamente brasileira... O livro de J. Guerra está entre os melhores do genero.»—(«Gazeta da Tarde»). O espirituoso Gavroche disse: «Desgostos, penas, dissabores, não faltam nesta nossa terra; para esquecel-os, oh! leitores, o livro ali têm do Jota Guerra.»

~~~~~  
NO PRELO, A SAHIR BREVEMENTE

HENRIQUE DE MAGALHÃES

**Sonetos de toda côr** — 1 vol.

MAGALHÃES DE AZEREDO

**Alma primitiva** — 1 vol.

WEBBER

**Historia Universal**, traduzida por um distincto litterato e adoptada ao programma de 1895, por João Ribeiro. — 1 vol.

DR. VIVEIROS DE CASTRO

**Ideias e phantasias.** — 1 vol.

SAMUEL DE OLIVEIRA E LIBERATO BITTENCOURT

**Geometria algebraica** — 2 vols., 2ª edição.

DOS MESMOS AUTORES

**Curso de mathematicas elementares** — Calculo arithmetico — 1 vol., Calculo algebraico — 1 vol. — Geometria especial — 1 vol., Trigonometria rectilinea e espherica — 1 vol.

## OBRAS A' VENDA NA MESMA CASA

**Aborto** (romance de sensação), por Figueiredo Pimentel — 1 vol. de 300 pags. 2\$000.

**Alforge da boa razão** (contos infantia) — 1 vol. broch. 1\$800.

**Alcovas transparentes** (As) por Catule Mendés, traducção de Carlos Dias—no prélo.

**Alma primitiva**, por Magalhães de Azeredo (contos)—1 vol. (no prélo).

**Amores com Victoria** (Os)—traducção do francez (leitura só para homens)—no prélo.

**Amores** (os) de P. Ovidio Nasão, traducção paraphastica (endereçada exclusivamente aos homens feitos e estudiosos das letras-classicas, por Antonio Feliciano de Castilho)—11 vols. brocha. 6\$000.

**Anti-Christo** (O poema) por Gomes Leal—1 gros. vol. de cerca de 400 pags. broch. 3\$000.

**Autores Contemporaneos** (selecta de escriptores do seculo XIX), por João Ribeiro—1 gros. vol. cartonado, 3\$000.

**Arte Brasileira** (A), pintura e esculptura, por L. Gonzaga Duque Estrada — 1 gros. vol. broch. 2\$000.

**Arcipreste** (O) da Sé de S. Paulo, Joaquim Anselmo de Oliveira e o Clero do Brazil, p... — 1 grosso vol. de 370 pags. broch. 3\$000.

**Arminhos** (contos) pelo Dr. Garcia Redondo — 1 vol. nitidamente impresso, broch. 2\$000.

**Auroras** (poesias), por Alfredo de Souza—1 vol. nitidamente impresso, broch. 1\$500.

**Aventuras** de um pretendente pretendido, notavel romance humoristico do laureado escriptor portuguez Alberto Pimentel—1 vol. broch. 2\$500.

**Biographia** de Silveira Martins, por Mariano Porto—1 elegante volume brochado com o retrato do biographado, 2\$000.

**Boas festas** (poesias) de Alvares de Azevedo Sobrinho—1 vol. nitidamente impresso, broch. 2\$000.

**Brésil** (Le) em 1884, Ebauches sociologiquas, por Luiz Conty—1 grosso vol. 3\$000.

**Cançoneiro** portuguez da Vaticana, edição critica restitnida sobre o texto diplomatico de Halle, acompanhada de um glossario e de uma introduccão sobre os trova-

dores e cancioneiros portuguezes, por Theophilo Braga—1 grande vol. in-folio, broch. 12\$, enc. 15\$000.

**Caveira (A) da Martyr**, de Camillo Castello Branco —3 grossos vols. broch. 6\$000.

**Céos e terras do Brazil**, scenas e typos, quadros da natureza, phantasia, por Sylvio Dinarte (Escragnolle Tau-nay)—1 vol. broch. 2\$000.

**Clinica Cirurgica do Hospital da Misericordia**, ou lições professadas durante os annos de 1873 a 1876, pelo Dr. V. Saboia — 2 grossos vols. de 800 pags cada um, enc. 25\$000.

**Condessa Gamiani**—Conrado de SAVEDRA— traducção do immortal poeta francez Alfredo de Musset e do notavel romancista George Sand (leitura reservada)—1 grosso vol. broch. 2\$000.

**Consolidação das disposições em vigor relativas á Guarda Nacional ou milicia civica**—organizada por ordem do coronel Dr. Fernando Mendes de Almeida—pelo coronel Josino do Nascimento Silva—1 grosso vol. broch. 5\$000.

**Cosinheiro (O) Moderno**, obra colossal e unica neste genero, escripta por um artista brasileiro, autor do Do-ceiro Encyclopedico e Padeiro Encyclopedico. Collecção de mais de 1.500 receitas usuacs, faceis e economicas de cozi-nha, copa, salchicharia, pastellaria e confeitaria, com as mais importantes noticias relativas á alimentação e conser-vação das substancias alimenticias, por João da Silva Fer-reira—1 grosso vol. enc. 4\$000.

**Divina Comedia (O Inferno)** de Dante Allighieri—versão portugueza commentada e annotada por Joa-quim Pinto de Campos—1 grande vol. in-folio broch. 10\$. enc. 15\$000.

**Diccionario dos nomes proprios masculinos e fe-mininos**, comprehendidos, usados e conhecidos na historia e na mythologia, compilado por João Hilario de Menezes Drummond—1 grosso vol. de 500 pags. broch. 3\$000.

**Dramas (Os) da Aldeia**, esplendoroso romance pelo Visconde de Ponson du Terrail — 3 grossos vols. broch. 6\$000.

**Dramas do Tribunal de Justiça**, magnifico romance de Pedro Zacone—2 grossos vols. 2\$000.

**Duqueza de Alvarez (A)**, primoroso romance de Pedro Zacone—1 grosso vol. broch. illustrado—1\$500.

**Ensaio**s economicos e apreciações praticas sobre o estado financeiro do Brazil, por Francisco Amintas de Carvalho Lima—1 grosso vol. in-8º de 500 pagas. broch. 4\$000.

**Episcopado** (O) Brasileiro no Clero e nos fieis da igreja do Brazil, pelo Exm. Sr. Arcebispo do Rio de Janeiro—1 grosso vol. broch. 2\$500.

**Estomago**, cabeça e coração, caprichos da imaginação, poesias ligeiras, por Julio Bombomme — 1 grosso vol. broch. 2\$000.

**Estudo** sobre a Maçonaria, por Monsenhor Dupanloup, traduzido pelo Exm. Arcebispo do Rio de Janeiro—1 grosso vol. de 300 pag. broch. 3\$000.

**Fabulas** de Lafontaine vertidas e annotadas pelo Barão de Paranaipiacaba—2 grossos vols. broch. 6\$000.

**Febres** (As) do Rio de Janeiro, pelo Dr. João Vicente Torres Homem, 2ª edição—1 grosso vol. de 600 pagas. enc. 10\$000.

**Fim** (O) da Creação ou a natureza interpretada pelo senso commum, pelo Visconde do Rio Grande—1 grosso vol. de cerca de 800 pag. broch. 5\$000.

**Finanças** da Regeneração, estudo politico offerecido aos mineiros, por Affonso Celso — 1 grosso vol. broch. 3\$000.

**Flór** de Aliza, de A. de Lamartine, versão portugueza de uma joven brasileira—1 grande vol. de 500 pag. broch. 3\$000.

**Galeria** historica da Revolução Brasileira de 15 de Novembro de 1889, que occasionou a fundação da Republica dos Estados Unidos do Brazil, pelo Dr. Urias da Silveira—1 grande vol. enc. de cerca de 500 pagas., ornado de grande numero de retratos e estampas, 6\$000.

**Gauchada** (romance) por Parda Mallet—1 vol. no prélo.

**Georgicas** (As) de Virgilio, trasladadas a portuguez, por Antonio Feliciano de Castilho—1 grosso vol. de 400 pag. 6\$000.

**Guia** de conversação em italiano e portuguez, precedida de um methodo facil para aprender-se em pouco tempo a fallar e escrever bem o italiano, por Alberto de Gervais—1 vol. cartonado 1\$500.

**Harem**, poesias de F. Bocayuva — 1 vol. broch. 1\$500.

**Historia** Geral do Paraguay, desde a sua descoberta até nossos dias, por Alfredo Demersay—1 grosso vol. broch. 2\$000.

**Holocausto**, romance, por Pedro Americo — 1 grosso vol. broch. 2\$000.

**Humorismos**, por J. Guerra—1 grosso vol. de 500 pag. nitidamente impresso, broch. 4\$000, enc. 6\$000.

**Inferno** (O), por Callet, traducção de Camillo C. Branco—1 vol. broch. 1\$500.

**João Lobo**, João Féra ou o selvagem de Mareille, por Emilio Richebourg—1 grosso vol. de 300 pag. 3\$000.

**Leituras** populares, publicação religiosa, instructiva e recreativa, contendo romances, chronicas, novellas, poesias, theatro, charadas, etc., etc.—6 grossos vols. de cerca de 400 pag. cada um, broch. 12\$000.

**Liberalismo** desmascarado (O), pelo Revd. Padre Henri Ramière, continuação da «Maçonaria desmascarada».—2 grossos vols. broch. 6\$000.

**Lições** de Clinica Medica, pelo Barão de Torres Homem—3 grossos vol. enc. 25\$000.

**Lyrical** e lendas do Brazil, por M. M. Portella—1 vol. elegantemente impresso, broch. 2\$000.

**Luz** do somnambulismo sobre alguns pontos tenebrosos da medicina, por Jacome Ulysses, 2ª edição melhorada—1 vol. broch. 1\$000.

**Maçonaria** desmascarada (A), collecção dos artigos do «Echo de Roma».—1 grosso vol. broch. 2\$000.

**Mariquiugas**, mimoso e esplendido romance proprio para moças, por Eugenio Muller—1 grosso vol. broch. 1\$500.

**Marquez de Pombal** (O), obra commemorativa do centenario da sua morte, mandada publicar pelo club de regatas Guanabareense, collaborada pelos mais eminentes escriptores nacionaes e estrangeiros, taes como : Latino Coelho, H. Corrêa Moreira, Machado de Assis, Sylvio Romero, Dr. Thomaz Alves, Oliveira Martins e tantos outros—1 grande vol in-folio, nitidamente impresso, ornado com o retrato do Marquez, broch. 10\$ e enc. 15\$000.

**Memorias historicas e politicas** da provincia da Bahia, por Ignacio Accioly de Cerqueira e Silva, tomo I, segunda edição, precedida de uma noticia biographica de seu autor e acrescentada com diversas notas por

Hyppolito Cassiano de Mirauda—1 grosso vol. de 500 pags. 5\$000.

**Memorius** de um Pobre Diabo, por Bruno Seabra —1 vol. broch. 1\$000.

**Mestre Francez**, methodo simples e facil para aprender o francez em 6 mezes, por André Adolpho Daux—1 grosso vol. enc. 2\$000.

**Meus peccados**—confidencias eroticas de uma mulher casada, traducção do francez, (leitura só para homens)—1 grosso vol. de 300 pag. broch. 3\$000.

**Odysséa** de um par de calças—traducção do francez—leitura só para homens—no prélo.

**Cndas**, poesias, por Luiz Murat — 1 vol. broch. 3\$.

**Opera** Lyrica, poesias por Pedro Rabello—1 vol. nitidamente impresso, broch. 1\$500.

**Orador** (O) Moderno ou thesouro de discursos familiares e populares para baptisados, casamentos, anniversarios natalicios, todos os actos festivos do lar domestico, despedidas, orações funebres, festas collegiaes, inaugurações e tudo quanto se possa desejar neste genero, por J. M. Latino de Andrade—1 grosso vol. broch. 1\$000.

**Paqueta**, poema em 4 cantos, por Bulhão Pato, com uma carta de Alexandre Herculano — 1 grosso vol. broch. 2\$000.

**Paraiso** de Mahomet — por Arsenio de Chatenay —leitura só para homens—1 grosso vol. broch. 3\$000.

**Peccados**, poesias — 1887—1888, por Medeiros e Albuquerque—1 grosso vol. broch. 2\$000.

**Penelope** Normanda, magnifico romance de Alphonse Karr—1 vol. broch. 1\$000.

**Praga** — novella, por Coelho Netto—1 vol. nitidamente impresso, broch. 2\$000.

**Primeiras** Lições de Cousas—Manual de ensino elementar para uso dos paes e professores, por N. A. Kalkins, vertido da quadragesima edição e adaptado ás condições do nosso idioma e paizes que o fallam, pelo conselheiro Ruy Barbosa — 1 grosso vol. de 620 pag. in-4º, 5\$000.

**Primeiras** linhas da historia da Republica no Brazil, contendo todos os esclarecimentos historicos, documentos officiaes e cartas originaes, a exposição completa e minuciosa dos factos, dia a dia, minuto por minuto. Trabalho composto e feito de inteiro accôrdo com o glorioso exercito

brazileiro, por J. J. de Carvalho—1 grosso vol. de 300 pag.  
—2\$000.

**Sombras e Luz**, por Pinheiro Guimarães, notavel  
romance—1 vol. broch. 1\$500.

**Sonetos** de toda côr, por Henrique de Magalhães  
—1 vol. (no prelo).

**Theoria** do Direito Penal, applicada ao codigo pe-  
nal portuguez comparado com o codigo do Brazil, leis pa-  
trias, codigos e leis dos povos antigos e modernos, por F. A.  
da Silva Ferrão—8 grossos vols. broch. 16\$000.

**Tratado** das febres, pelo Dr. João Damasceno Pe-  
çanha—1 grosso vol. enc. 10\$000.

**Tres poemas** — 1º, Rôla, por A. de Musset ;  
2º, Alla Trol, por H. Heine; 3º, O Intermezzo, por H. Heine,  
traducção de P. A. Gomes Junior—1 grosso vol broch. de  
300 pags. 2\$000.

**COMPANHIA IMPRESSORA**

7 — Rua Nova do Ouvidor — 9









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).